

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

CRISTIANE SCHMIDT

**AS RELAÇÕES ENTRE AVÓS E NETOS:
POSSIBILIDADES CO-EDUCATIVAS?**

PORTO ALEGRE

2007

CRISTIANE SCHMIDT

**AS RELAÇÕES ENTRE AVÓS E NETOS:
POSSIBILIDADES CO-EDUCATIVAS?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Johannes Doll.

PORTO ALEGRE

2007

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

S349r Schmidt, Cristiane

As relações entre avós e netos: possibilidades co-educativas? /

Cristiane Schmidt; orientador: Johannes Doll. - 2007.

137 f. + Apêndices

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2007, Porto Alegre, BR-RS.

1. Relações familiares – Adolescente – Avós. 2. Relações intergeracionais. 3. Educação. I. Doll, Johannes. II. Título.

CDU – **316.356.2**

Bibliotecária Neliana Schirmer Antunes Menezes – CRB 10/939

CRISTIANE SCHMIDT

AS RELAÇÕES ENTRE AVÓS E NETOS:
POSSIBILIDADES CO-EDUCATIVAS?

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do sul, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em / / .

Prof. Dr. Johannes Doll (Orientador)
(Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS)

Prof.^a Dr.^a Carmem Maria Craidy
(Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS)

Prof. Dr. Agostinho Both
(Programa de Pós-Graduação em Gerontologia da Universidade de Passo Fundo)

Prof.^a Dr.^a Clarice Travesin
(Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS)

... Começar a escrever é criar uma voz, deixar-se levar por ela e experimentar as suas possibilidades. O estudante sabe que tudo depende do que lhe permite essa voz que está inventando. E das modalidades de escuta que dela talvez seguirão.

Busca, para a escrita, a voz mais generosa, a mais desprendida. Antecipa, para a leitura, a escrita mais aberta, a mais livre. Sabe que essa generosidade da voz e essa liberdade da escrita são o primeiro efeito do texto, o mais importante, talvez o último. Por isso o mais difícil é começar.

Torna a começar. Uma e outra vez. E continua. Volta aos livros esparramados sobre a mesa. E segue. Afana-se em seu caderno de notas. E continua. Às vezes sente que não tem nada a dizer. E continua escrevendo, e lendo, para ver se encontra o que dizer. O texto vai lhe escapando das mãos. E continua.

O estudante tem que começar a escrever. O mais difícil é começar.
(Larrosa, 2003a, p. 35-6).

Para a minha pequena grande Luana, que me ensina tanto, a cada dia, sobre mim mesma. Por me ensinar a olhar de outras maneiras para aquilo que tomava como exato, verdadeiro, definitivo. Mas principalmente, **por estar na minha vida**, possibilitando-me experimentar outros modos de ser, re-significando constantemente quem estou sendo.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Dr. Johannes Doll, pela acolhida ao meu desejo de aprender e produzir.

Aos professores que compõem a banca: Agostinho Both, Carmem Craidy e Clarice Travesin, por terem aceitado meu convite e tanto já contribuído com o meu pensar.

A minha amada mãe, pela vida e possibilidade de estar nesse mundo e nele construir-me e reconstruir-me.

A minha família, que apesar de estar distante, esteve tão presente e próxima na minha caminhada.

A minha filha querida e amada, Luana, pela grande companhia e felicidade, por ser tão maravilhosa e por compreender as inevitáveis ausências.

Em especial, à Leda, grande amiga, por acompanhar de perto minha caminhada, colocando-se como companheira valiosa, mão firme, estímulo constante, prestativa, possibilitando-me acima de tudo, o experimentar de uma amizade verdadeira.

Às colegas de orientação: Ângela e Clenir, pelas trocas valiosas.

Muito especialmente, aos meus alunos e aos avós pela abertura e interesse na realização deste estudo.

Por fim, e certamente o mais valioso agradecimento ao Criador, pelo presente da vida.

Resumo

A presente dissertação visa compreender como se constitui a relação entre adolescentes, na condição de netos e seus respectivos avós no âmbito familiar. As pessoas idosas constituem hoje um segmento da sociedade que vem adquirindo mais visibilidade em função da maior longevidade. Ao mesmo tempo, as formas de ser e estar em família na contemporaneidade vem apresentando constantes modificações. Nesse sentido, evidencia-se na atualidade uma pluralidade de configurações familiares, como as famílias de idosos e as famílias com idosos. Outra característica marcante dessa diversidade é a família longa traduzindo-se como um fenômeno novo e apresentando a coexistência de várias gerações. Dentro desse cenário procura-se entender como se constituem a identidade e como se relacionam dois grupos etários: a adolescência e a velhice. As teorias específicas sobre a constituição da identidade geracional trazem contribuições importantes para a compreensão da relação intergeracional. Considerando o convívio entre avós e netos como benéfico, estuda-se quais são as transmissões de um geração a outra e de que modo ocorrem tais contribuições. Desta maneira, a presente pesquisa analisa o contato entre gerações enquanto uma possibilidade de co-educação através de um estudo qualitativo. Esse trabalho foi realizado junto a alunos adolescentes de uma escola pública do município de São Leopoldo e junto aos seus avós, residentes na mesma localidade. A coleta de dados sucedeu-se através de um questionário e do registro de diários dos jovens, bem como por intermédio de entrevistas dos idosos acerca de sua relação com o outro. Trata-se de oito jovens com idades entre 15 e 18 anos e de 12 idosos dos 62 aos 78 anos. Os dados foram analisados através da construção de categorias analíticas sob o enfoque do método hermenêutico ou interpretativo. A partir dos resultados ficou assinalado que o convívio intergeracional mediado pelas relações familiares possibilita uma co-educação, visto que existe uma troca de conhecimentos, de afetividade, de valores, de cuidados, evidenciando a reciprocidade entre as gerações. Ao mesmo tempo, essa relação não desconsidera a influência dos discursos acerca das identidades geracionais, discursos esses, geralmente marcados por estereótipos.

Palavras – chave: família – adolescência – velhice – relação intergeracional – reciprocidade - co-educação.

Abstract

The present dissertation seeks to understand how the relationship among adolescents is constituted, in the grandchildren's condition and their respective grandparents in the family's ambit. The elderly people constitute now a society's segment that is acquiring more visibility in function of the largest longevity. At the same time, the contemporaneousness forms of being in family come presenting constant modifications. In that sense, it's evidenced at the present time, a plurality of family configurations, as the elderly' families and the families with elderly people. Another outstanding characteristic of that diversity is the longevous family expressing itself as a new phenomenon and presenting the coexistence of several generations. Inside of this scenery it's looked to understand how the identity is constituted and how two age groups are related : the adolescence and the oldness. The specific theories about the constitution of the geracional identity bring important contributions to the understanding of the intergeracional relationship. Considering the conviviality between grandparents and grandchildren as beneficial, it's studied which are the transmissions of a generation to another one and how occurs such contributions. In this way, the present research analyzes the contact between generations while a co-education possibility through a qualitative study. This work was accomplished with adolescent students of a public school from São Leopoldo City, and with their grandparents, residents in the same place. The collection of data was succeeded through a questionnaire and the registration of adolescents' diaries, as well as through interviews with elderly people concerning its relation with the other. There are eight young people with ages between 15 and 18 years and 12 elderly people with ages between 62 to 78 years. The data were analyzed through the construction of analytic categories under the focus of the hermeneutic method or interpretative. The results point out that the intergeracional conviviality mediated by familiar relationships makes possible a co-education, because a change of knowledge, affectivity, values and cares exists, evidencing the reciprocity between the generations. At the same time, this relationship doesn't disrespect the influence of the speeches concerning the geracional identities, speeches those, usually marked by stereotypes.

Key-words: family - adolescence - elderly – intergeracional relationship - reciprocity – co-education.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
IDENTIFICANDO OS CAMINHOS DA ESCOLH(ID)A	11
1 AS FORMAS DE SER E ESTAR EM FAMÍLIA NA CONTEMPORANEIDADE ...	17
2 A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE GERACIONAL	31
2.1 A ADOLESCÊNCIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	33
2.2 A VELHICE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	39
2.3 NOÇÕES DE IDENTIDADE: INTERFACE ENTRE A LINGUAGEM E A IDENTIDADE ETÁRIA	44
3 O CONTATO INTERGERACIONAL: UMA POSSIBILIDADE DE CO- EDUCAÇÃO?	51
3.1 TRANSMISSÕES EDUCACIONAIS ENTRE GERAÇÕES	57
3.2 TRANSMISSÃO DA HERANÇA CULTURAL	63
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	70
4.1 O PROCESSO DE TESSITURA DO MÉTODO	70
4.2 SUJEITOS DA PESQUISA	74
4.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	80
5 ENTRE O NETO E O AVÔ: APRESENTANDO OS DOIS OLHARES	83
5.1 A PERSPECTIVA DOS NETOS	83
5.2 A PERSPECTIVA DOS AVÓS	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	122
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	128
APÊNDICES	138

APRESENTAÇÃO

IDENTIFICANDO OS CAMINHOS DA ESCOLH(ID)A

“Ainda que eu falasse a língua dos homens”,

Que eu falasse a língua dos anjos,

Sem amor eu nada seria”.

(Camões, 1500)

A trajetória da escolha pela temática de minha pesquisa tem vinculação com minha formação inicial enquanto educadora na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. Naquele momento, uma vez que meu trabalho preconizava a interlocução com crianças e adolescentes, e, dessa forma, um diálogo intergeracional, meu desejo era de conhecer e compreender as diferentes maneiras de conceber a realidade sociocultural dos meus educandos. Ou seja, conforme Both (1996, p. 68), “Só se ama o que se conhece e só se conhece o que se ama”.

Paralelo a isso, através do contato com uma língua estrangeira que se sucedeu no âmbito familiar e social, e, posteriormente, no campo profissional, fui instigada a me confrontar com outras culturas, sempre procurando lidar com o diferente, não como algo ameaçador, mas enriquecedor.

Igualmente, minha escolha tem relação com minha experiência profissional, de cunho institucional desenvolvido com idosos junto ao Centro Universitário Feevale em Novo Hamburgo-RS, o que implicou num envolvimento pessoal e profissional intenso, como também na co-educação intergeracional. Essa experiência como professora de Língua Alemã com pessoas na Terceira Idade foi muito prazerosa e enriquecedora. Como protagonistas do processo de co-educação, acredito que essas relações entre gerações tenham beneficiado ambas as partes: alunos e professora, no sentido de desenvolver uma maior compreensão dos valores pertencentes aos diversos universos culturais. Nesse sentido, naquela instância evidenciou-se a existência da reciprocidade de influências entre as gerações, uma vez que fora mediado pelo diálogo, pela tolerância e pelo respeito às diferenças.

Apoiando-me, nesse momento, em Burbules ; Rice, no que tange ao diálogo entre as diferenças, fica claro que:

Três tipos possíveis de benefício podem ser obtidos a partir do diálogo entre as diferenças: aqueles relacionados à construção da identidade, ao longo de linhas que são mais flexíveis sem se tornar arbitrárias; aqueles relacionados com a ampliação de nossa compreensão de outros e, através disso, de nossa compreensão de nós mesmos; e aqueles relacionados a fortalecer práticas comunicativas mais razoáveis e sustentáveis. (1993, p.188).

Numa face dessa moeda, acredito que minha contribuição, enquanto professora de língua estrangeira junto aos alunos mais velhos, tenha sido significativa para o aprendizado e o fascínio da língua em questão, assim como para o seu crescimento enquanto sujeito individual e sujeito coletivo.

No outro lado desse processo co-educativo, foram inúmeras as contribuições dos idosos em questão, as quais me instigaram à reflexão e, muitas vezes, mudança de comportamento, tais como: a capacidade da sua doação, a capacidade de superação diante das grandes dificuldades de suas vidas, a capacidade de dar importância às coisas simples, o reconhecimento do prazer pela vida e o desejo de viver intensamente o presente.

Mas, acima de tudo, a consciência daqueles idosos de que o ser humano é um ser inacabado, o que implica no direito e no dever do desenvolvimento contínuo ao longo da suas vidas, ou seja, num projeto de vida de educação permanente, motivando-me a busca de embasamentos teóricos pertinentes às questões do envelhecimento.

De outra parte, ao escolher esse caminho de pesquisa, busquei não dissociar o profissional do papel de mãe e mulher e, portanto, estabelecendo um engajamento entre minha prática, enquanto professora de Língua Portuguesa, de Língua Estrangeira e minha vida, tenho a oportunidade do contato diário com diversas faixas etárias: crianças, adolescentes e adultos.

É o que bem observou Oliveira (1998, p. 19):

Uma questão fundamental se refere às relações entre o tema eleito para a pesquisa e a vida do pesquisador [...] Os pensadores [...] não separam seu trabalho de suas vidas. Encaram ambos demasiadamente a sério para permitir tal dissociação, e desejam usar cada uma dessas coisas para o enriquecimento da outra.

No entanto vivemos num mundo social que separa as gerações definindo identidades etárias: crianças de um lado, adolescentes de outro, mais adiante adultos e jovens, e ainda mais além as pessoas mais velhas. Certamente esse distanciamento geracional tem causas históricas e culturais que merecem ser objeto de investigação.

Conforme Jesus ; Domingues (2000, p. 115):

Vivemos determinadas situações que nos trazem inquietações, indagações, dúvidas. A partir de nossos conhecimentos e nossa prática de educadores, formulamos problemas e hipóteses. Recorremos à pesquisa para poder ir além dos nossos conceitos, exercitando a busca da verdade.

Partindo do pressuposto vivido na minha experiência profissional de que o convívio intergeracional é algo benéfico que pode ser estimulado com a perspectiva de um enriquecimento mútuo, através da troca de afeto, de uma abertura para um diálogo entre gerações e de uma troca de conhecimentos, o objeto do presente estudo é a relação entre adolescentes, na condição de netos e seus respectivos avós no âmbito familiar.

Assim, a relevância desse estudo para a educação está na minha concepção de que a percepção do outro como diferente, possibilite minha mudança, já que esta desestabiliza a percepção de nós mesmos, mediada pela experiência em relação à diversidade de modos de significar o mundo.

Em outras palavras, é através da percepção do outro como diferente que posso, numa dada relação, divisar meu inacabamento, quer dizer, enxergar as possibilidades que o outro sugere para minha mudança. É uma trajetória nada simples, mas que acena com promessas luminosas (Ferrigno, 2003, p. 147).

Além disso, acredito que a co-educação entre gerações, que preconiza o diálogo, a igualdade e o respeito às diferenças, venha a contribuir no combate ao preconceito etário e possa ser estendida para os espaços de educação formal, uma vez que constrói pessoas mais compreensivas, flexíveis e tolerantes.

Ainda enquanto aspecto relevante dessa reflexão empírica vale considerar, nesse momento, o prefácio de Anita Liberalesso Néri na obra “Infância e Velhice: pesquisa de idéias”. O questionamento dessa contribuição reporta-se à carência de trabalhos, cujo teor confronte uma faixa do desenvolvimento humano com a velhice, uma vez que são consideradas incompatíveis. Confrontar, então, a adolescência com a velhice, é tentar romper essa contradição.

Em parte por força da tradição que se estabeleceu na psicologia, na sociologia e na educação, raramente a velhice tem sido confrontada com a infância, em busca de similaridades e diferenças, justamente porque a corrente dominante de pensamento preconiza que as trajetórias do desenvolvimento e do envelhecimento são inconciliáveis. Outro motivo pelo qual esse tipo de enfoque é incomum é porque as crenças sociais sobre as relações entre as novas gerações e os idosos ficaram cristalizadas em velhos estereótipos, aqueles dos contos infantis, em que o velho é depositário da experiência do grupo, mas no fundo nada tem a dizer porque seus conhecimentos e sua moralidade são ultrapassados. (Neri, 2003, p. 8)

Dessa forma o presente estudo tem as seguintes questões norteadoras:

- Como se constitui o contato intergeracional mediado pelas relações familiares?

- Os avós e netos são de fato protagonistas de um processo de co-educação geracional? Em caso afirmativo, como ela se dá? Quais são os conhecimentos repassados de uma geração para a outra?

- Até que ponto o convívio entre gerações é condição “sine qua non” para que ocorra uma co-educação? Ou será que além da coexistência de avós e netos, existem outras condições necessárias que implicam na reciprocidade das gerações? Quais são essas condições?

Os objetivos gerais que norteiam minha investigação são:

- Verificar como se caracterizam as relações entre adolescentes e idosos;
- Analisar o processo de co-educação de gerações nas relações familiares;
- Analisar como os avós percebem a importância de seus netos e como os netos percebem a importância de seus avós;
- Pensar a escola como espaço de promoção do idoso, do convívio intergeracional, como também da educação para o envelhecimento, como processo normal da vida.

A escola, além de desenvolver competências cognitivas, poderia estar preocupada com todo ciclo de vida dos educandos, com a qualidade de vida e a solidariedade entre as gerações. Ela é um espaço propício para mudança de hábitos, portanto mostra-se com importante no intercâmbio entre a criança e/ou o jovem com seus avós. Além disso, a escola tem sua atenção dirigida à temática da vida e poderia oportunizar a formação de seres humanos, não só competentes, mas também felizes e interessantes.

Como parte da redação da dissertação de mestrado, busquei suporte teórico na literatura existente sobre o tema pesquisado, bem como realizei um levantamento de material empírico estruturado, posteriormente, no corpus do trabalho. Esse estudo, além dessa apresentação, está dividido em cinco capítulos.

No capítulo inicial intitulado *As formas de ser e estar em família na contemporaneidade*, conceituo a família, tentando traçar um panorama de sua evolução, da sua origem até os tempos atuais.

Na outra seção do trabalho, *A constituição da identidade geracional*, discuto o surgimento da adolescência e suas tendências na sociedade contemporânea, bem como analiso a pluralidade da velhice na atualidade. Paralelo a isso, busco relacionar a linguagem com a constituição da identidade etária.

Posteriormente, no terceiro capítulo intitulado *O contato intergeracional: uma possibilidade de co-educação*, examino a noção de geração e as transmissões existentes entre as relações intergeracionais.

Em *Procedimentos metodológicos*, contextualizo o método, os sujeitos da pesquisa e apresento os dados coletados. Dados esses que se constituem a partir de um questionário e de registros dos diários produzidos pelos adolescentes, como também das entrevistas feitas pelos avós.

No quinto capítulo, *Entre o neto e o avô: apresentando os dois olhares*, analiso as narrativas dos jovens e dos idosos acerca de sua perspectiva sobre as relações intergeracionais e as possibilidades da co-educação entre gerações.

E por fim, em *Considerações finais*, trago alguns entendimentos que construí no decorrer deste estudo acerca da temática da relação intergeracional.

Os objetivos eleitos para realização deste estudo não inviabilizam a acolhida de outros olhares, estando aberta a novas e diferentes concepções, as quais possam ampliar os horizontes dessa pesquisa.

1 AS FORMAS DE SER E ESTAR EM FAMÍLIA NA CONTEMPORANEIDADE

“Filhos... Filhos?
Melhor não tê-los!
Mas se não os temos
Como sabê-lo?”
(Moraes, 1956)

O tema família constitui para as Ciências Sociais uma preocupação antiga, variada, e com uma abordagem multidisciplinar, cujas contribuições encontram-se nos estudos da Psicologia Social, na Antropologia e na Sociologia.

Estudá-lo significa observar a dinâmica com que a família tem se apresentado ao longo da trajetória humana. Além disso, para compreendê-lo, deve ser orientado por dois prismas: aquele que está culturalmente introjetado na sociedade como o modelo, e o outro que adverte para as constantes mudanças sociais.

A família é o lugar do reconhecimento da diferença, do aprendizado de unir-se e separar-se, a sede das primeiras trocas afetivo-emocionais, da construção da identidade. É a matriz: nela as pessoas nascem, fazem suas escolhas, planejam seu futuro e, os afortunados, na família morrem!

Trata-se de um sistema em constante transformação, por fatores internos à sua história e ciclo de vida em interação com as mudanças sociais, portanto, os fatores externos. Sua história percorre a dialética continuidade / mudança, entre vínculos de pertencimento e necessidade de individuação. É no cenário familiar que se aprende a definir como diferentes e enfrentar os conflitos de crescimento (Castilho, 2003).

Contudo, ela é também uma unidade econômica com uma função específica de ajuda mútua. Isso se verifica, em particular, no contexto dos grupos populares urbanos. Nesse sentido, destaca-se o estudo de Cláudia Fonseca em relação às famílias de baixa renda em Porto Alegre. Dentre algumas das práticas familiares, estão: a raridade de casamentos legais, uma relativa instabilidade conjugal, a proporção alta de mulheres – chefes – de - família, e um alto índice de crianças em circulação. (Fonseca, 1995).

Conforme Fonseca (1998, p.25):

Outra relação particularmente interessante, que observamos na literatura, liga a circulação de crianças à solidariedade familiar. Ao enviar seu filho morar com um parente, os pais garantem um vínculo ativo entre eles e o casal que recebe a criança. Reafirmam um laço que – em outras circunstâncias arriscaria se perder. É evidente que a transferência da criança de casa para outra pode preencher uma função “prática”. Quando chamadas a dizer por que seu filho foi morar em outro lugar, é, de fato, este tipo de explicação que as pessoas normalmente dão: a mãe de criação mora mais perto da escola; ela é velha e precisa de ajuda ou, simplesmente, ela possui o que os genitores não possuem: dinheiro suficiente para sustentar mais uma criança.

Pode-se também definir uma família como um grupo que vive junto pela necessidade de estar junto, onde uns entram e outros saem, num aprendizado constante de mudança e atualização da rede de afetos. É nesse seio que o “ethos” alimenta o aprendizado de se unir e separar-se, mudando os jeitos de estar com as pessoas no decorrer de toda a vida. É o lugar da primeira relação, da primeira mulher, do primeiro homem, da dor da primeira separação.

A família se fundamenta na idéia de coesão e continuidade, como uma célula reprodutiva, e vive o paradoxo mudança / estabilidade em todo seu ciclo vital. A crise característica de processos de mudanças muitas vezes surge como uma ameaça de ruptura. A singularidade do modo como cada família cuida de seu equilíbrio e sobrevivência, interage com os relacionamentos interpessoais e intergeracionais de seus membros.

Barros (1987, p. 20) assim se refere à família:

Essa grande família [...] também não pode ser vista apenas como uma rede de auxílio doméstico. [...] a família [...] pode, em princípio, ser vista como um grupo de pessoas que, unidas pelos laços do parentesco e da afinidade, estabelecem entre si códigos próprios capazes de fluir inúmeras facetas do relacionamento. A comunhão de uma linhagem reafirma a presença de uma história não só de laços de sangue, mas de morais (socialização), que diz respeito a todos os elementos do grupo. Através dessa história, são alivanhados os laços de parentesco, ao mesmo tempo em que se delinea uma unidade moral familiar.

Pela sua condição biológica, o ser humano, no início do seu ciclo vital, necessita da ajuda de outros para suprir suas necessidades de ordem material,

como a alimentação, a habitação, o vestuário e cuidados relacionados à saúde, dentre outros. Os primeiros anos de vida são de grande imaturidade e vulnerabilidade e ele não dispõe, ao nascer, de repertório suficiente para sobreviver sem a participação de um outro significativo, função esta ocupada geralmente pela mãe.

Concomitante a isso, esse ser também precisa sentir-se amado, seja para que alguém lhe dê atenção, carinho e proteção, como também para obter espaço, onde possa expressar suas emoções e seus sentimentos. Toda criança tem família e rede de parentesco, dessa forma, ela recebe um nome próprio e um sobrenome que indicam esta pertinência. Além disso, nasce numa comunidade, a qual lhe confere o direito à cidadania, garantindo-lhe, também, uma pertinência social.

Prado (1986, p. 36) afirma que:

Entre as inúmeras funções da família que correspondem a uma função social, temos, por exemplo: a função de identificação social dos indivíduos, a reprodução, a produção de bens (alimentação, vestuário, brinquedos, remédios, etc.) e de consumo destas. Entre as expectativas das crianças e dos deficientes da família: a proteção de jovens, a educação e a socialização da nova geração, os serviços domésticos de toda ordem (higiene, cozinha, costura, etc.), o cuidado aos velhos quando deficientes. Entre as expectativas sociais e dos indivíduos: as atividades de lazer (festas, reuniões, comemorações, passeios, etc.), civis e religiosas (transmissão e cumprimento de crenças e preceitos), a fiscalização de comportamentos de obediência a hierarquias e autoridades etc.

De outra parte, em relação à origem da família, Goldfarb ; Costa Lopes (2006, p. 1376) orientam que:

Para sobreviver, o homem formou famílias e, uma vez descoberto o trabalho em comunidade, esta foi sua primeira colaboradora. Mas, além da necessidade imposta externamente pelo trabalho, há outra razão para os homens permanecerem juntos: o poder do amor [...] Vemos que o amor dá origem à família. Chamamos amor ao sentimento entre homem e mulher que os motiva para constituir uma família; e também chamamos amor aos sentimentos positivos entre pais e filhos ou entre irmãos.

Em contrapartida ao argumento das autoras citadas no trecho anterior, está a segurança emocional como sendo um dos fatores originários da família; no entanto não se mostra como o aspecto motivador fundamental.

Isso porque, o vínculo familiar tem dimensões, sobretudo biológicas e econômicas, além de afetivas e sociais. Dessa forma, é condição humana a vida em grupos, garantindo, assim, a continuidade da vida e a satisfação de seus interesses e desejos.

De acordo com as reflexões da psicologia, a família, especialmente a relação mãe-filho, tem aparecido como referencial para o desenvolvimento emocional da criança. A descoberta de que os anos iniciais de vida são cruciais para o desenvolvimento emocional posterior focalizou a família como o espaço potencialmente produtor de pessoas saudáveis, emocionalmente estáveis, felizes e equilibradas, ou como o núcleo gerador de inseguranças, desequilíbrios e toda a sorte de desvios de comportamentos.

A família é um sistema que se modifica no tempo, um sistema vivo. Dessa forma o ciclo de vida da família passa por períodos previsíveis, de estabilidade e transição, de equilíbrio e adaptação; e por momentos de desequilíbrio que alavancam o estágio novo e mais complexo, onde se desenvolvem novas funções e capacidades. Esta passagem de uma fase a outra se dá numa reestruturação contínua de seu tecido relacional, na busca de uma nova ordem familiar.

As etapas do ciclo vital estão marcadas por eventos significativos: nascimentos e mortes, separação da família de origem e formação do novo casal, nascimento do primeiro filho, o primeiro irmão, o nascimento dos filhos na evolução da relação conjugal e parental, a adolescência e passagem à idade adulta dos filhos, a desvinculação progressiva de pais e filhos, o casal conjugal e parental na maturidade e envelhecimento, o acontecimento avós e netos, a separação pela morte de um dos membros do casal.

Paralelamente a família vive o impacto de eventos inesperados como divórcios, mortes imprevistas, doenças, desempregos, etc. que atuam nas

modificações da estrutura relacional e dificultam as tarefas de superação e coesão próprias de sua natureza. Em situações críticas, cada família encontra modos singulares de enfrentar situações semelhantes, e mesmo atuando com as mesmas modalidades, obtém resultados diferentes.

A visão temporal da família através de seu ciclo evolutivo contribui para dar um significado positivo à palavra “crise”. A crise empurra portas fechadas da família para a busca e a criação de diferentes soluções ou acomodações perante os conflitos e as rupturas domésticas. A desorganização que dela decorre vai indicar os momentos criativos de decisão e separação de um estado precedente para um outro, como um filho adolescente que deixa a infância, ao mesmo tempo em que para os pais, isso também se traduz em uma perda.

E os padrões transmitidos pela família de origem estarão presentes nesses momentos e é a experiência criativa do novo que vai construir uma outra cultura familiar. Dos conflitos que dela emergem se intensificam as trocas intergeracionais, aquecendo os diálogos e a afetividade. A superação da crise vai depender da maior ou menor flexibilidade da família para interagir.

Portanto, a crise significa uma oportunidade de refletir, questionar e redefinir a vida e, a partir desse momento, encontrar alternativas para continuar seu processo de crescimento pessoal, conjugal ou familiar.

Nesse sentido Falke ; Wagner (2005, p.43) afirmam que:

As famílias, ao longo do ciclo vital, estão vulneráveis às crises que, apesar de serem momentos de instabilidade, impulsionam-nas ao crescimento, para atingir estados maturacionais mais evoluídos. Entende-se, assim que toda crise, frente à ruptura e instabilidade temporária que ocasiona no sistema familiar, cria, por conseguinte, uma necessidade de reorganização das interações e uma descoberta de novas regras de funcionamento familiar.

O stress vivido nas fases evolutivas do ciclo vital se cruza com os legados transgeracionais e com as causas externas. Este processo, que se desenvolve numa dinâmica temporal, é de grande complexidade: quando uma geração está chegando à velhice, a outra está vivendo o ninho vazio, a terceira, o

ser adulto a escolha de seus pares e por último, o inédito de ser o novo membro da família. Atitudes, crenças e mitos transmitidos de uma geração à outra exigem compromissos de lealdade que se entrecruzam, somando-se às diferenças de cultura do casal/pais.

De acordo com os registros na literatura referentes aos processos de transmissão que ocorrem entre as gerações sucessivas de uma família, destacam-se três termos utilizados de forma indiscriminada.

Para Falke ; Wagner (2005, p.25-6, grifo do autor):

Verifica-se que o prefixo *trans* (através) resgata os componentes que perpassam a história familiar e se mantêm presentes ao longo de gerações. O prefixo *inter* traz a noção de reciprocidade (posição intermediária, entre) que sugere, principalmente, a passagem de uma geração a outra, em detrimento da idéia de permanência de tais processos no cotidiano das sucessivas gerações da família. *Multi* (muito, numeroso), por sua vez, implica basicamente em quantidade e, desse modo, enfatiza o envolvimento de mais de uma geração, sem privilegiar os fatores que fazem a ligação entre elas.

O fenômeno de transmissão familiar tem preocupação com os modelos que perpassam de uma geração para a outra e que se definem a partir dos valores, lealdades, crenças, legados, mitos e ritos.

Mas como entender as origens das relações humanas, bem como das relações familiares? De acordo com Prado (1994), a família não é algo biológico, algo natural ou dado, mas é produto dos diferentes modos de relação dos seres humanos ao longo da história. Esses diferentes modos de relação geraram os papéis que correspondem à prescrição de determinados comportamentos nas relações familiares. A atribuição de papéis fundamentou-se na diferença entre os sexos, entre os gêneros, que pressupõe a superioridade masculina como algo naturalizado e não questionado. O próprio termo família que tem sua origem no latim “*famulus*” significa conjunto de servos e dependentes de um chefe ou senhor.

Compactuando com essa visão de família como algo não natural, Fonseca (1995, p.115, grifo da autora) orienta:

Ainda existe, em muitos tratados jurídicos, uma “naturalização” da família conjugal. Evidentemente, a maioria dos juristas tem isto em mente quando diz que a adoção deve “imitar a natureza”, ou quando fala da “família normalmente constituída”. Essa noção evoca a imagem manifesta em cartilhas escolares reproduzidas a partir da década de 50, de papai, mamãe e filhos reunidos em torno da mesa de jantar. Certamente antropólogos não duvidaram da “normalidade” desta família para determinados contextos – por ex., os EUA em meados do século XX- mas recusariam categoricamente considerá-la como uma forma familiar “mais civilizada” do que outras, e ainda menos uma forma “mais natural”.

Para se compreender a constituição da família contemporânea, predominantemente nuclear e burguesa, numa viagem à origem das relações humanas, constata-se que nas sociedades primitivas, as formas de agrupamento eram em torno da figura da fêmea-mãe-mulher, chamadas de matrilineares.

Nos primórdios do Período Neolítico, as mulheres exerciam diversas atividades, como a domesticação de animais, dando-lhes o próprio seio; a extração e o plantio de plantas; o preparo e a conservação dos alimentos, através da invenção da cerâmica; como também a arte da tecelagem. Esse acúmulo de conhecimentos e essas técnicas foram transmitidos as mais jovens, através da observação e imitação, e, por isso, as mulheres exercendo o controle das principais técnicas de sobrevivência, eram detentoras de um grande poder (Prado, 1994).

No entanto, segundo a discussão de Muraro (1997), esse domínio da mulher fora subjugado pelo domínio masculino ao surgir a propriedade privada, o que viria a constituir o patriarcado. O homem impôs à mulher um grande número de gravidezes a fim de gerar mão-de-obra abundante em seu próprio benefício, ou seja, no patriarcado, o poder masculino se apropriou do corpo feminino, tendo consciência do seu papel na reprodução.

De acordo com Reis (1985) que propôs um percurso histórico da evolução da família, verifica-se que na família feudal o centro da vida familiar era a linhagem, e não o casamento. A mulher era considerada pertence à linhagem do marido; a família era extensa e a autoridade era altamente valorizada. Já, as crianças, após o desmame, dependiam da comunidade e sua criação era socializada pelos demais adultos nas classes populares. Em contrapartida, “a

família aristocrata não atribuía valor algum à privacidade, à domesticidade, aos cuidados maternos ou às relações íntimas entre pais e filhos” (Reis, p.104).

Ao final da Idade Média, com o advento do capitalismo, aboliu-se a tutela do senhor feudal, desvalorizando-se as formas coletivas de produção e desfizeram-se as redes de solidariedade encontradas nas organizações familiares abrangentes. A família burguesa, então, no século XVIII, caracterizada pelo fechamento em si mesma, ocasionou a dependência das crianças à figura da mãe e elas passaram a depender da mãe para suprir todas as suas necessidades de cuidado material e afetivo. Também a mulher se tornou economicamente dependente do marido. Dessa forma, o homem deixava de ser proprietário da família para ocupar o papel de pai-provedor e mantenedor da esposa e dos filhos, já a mulher ocupou o papel de mãe-educadora e protetora dos filhos, cuidadora do marido e do lar (Narvaz; Koller, 2005).

Xavier (1998, p. 122-3) explica:

A monogamia, ditada pela necessidade de legitimar a procriação de filhos em função da herança paterna, é a origem da instituição familiar e da dominação do homem sobre a mulher. A partir do direito hereditário paterno forma-se a família patriarcal que vem, através dos séculos, sofrendo efeitos das transformações sociais. A emergência da burguesia será responsável, entre outras coisas, pelo conceito de amor conjugal; até então, o matrimônio era um contrato de natureza econômica, feito, muitas vezes, à revelia dos interessados. A crescente urbanização e as decorrentes transformações sociais, no século XVIII, reduzem as dimensões da família patriarcal ao que se convencionou chamar de família nuclear burguesa, composta do casal e dos filhos.

Analisando o significado do termo família, segundo a Enciclopédia Delta Larousse (1972, p.2663), temos que:

Família é a sociedade de pessoas ligadas entre si por laços de casamento ou de parentes mais ou menos próximos. Conjunto de ancestrais ou os descendentes de indivíduo: linhagem. Conjunto de indivíduos consangüíneos de nome idêntico, e vivendo em comum sob autoridade de um patriarca. Clã: pai, mãe da família, pessoa casada que tem filhos.

A família, acima referida, pode ser visualizada pela seguinte composição: um pai, uma mãe e algumas crianças vivendo numa casa. Essa

imagem corresponde a um modelo, cujo discurso é imposto a todos desde crianças nos livros escolares, na mídia e que se traduz pela chamada família nuclear, monogâmica, patriarcal e burguesa e que, conforme Engels (1964) trata-se de uma instituição da sociedade capitalista, cuja origem, anteriormente mencionado, encontra-se na propriedade privada.

Esta definição encontra-se defasada em função do desenvolvimento social, das formas de reprodução da população que alteram os padrões de relacionamento. Os modelos de autoridade estão em questionamento, a posição relativa da mulher alterou-se profundamente e até mesmo a legislação redefiniu o conceito de família.

Conforme estabelece a Constituição de 1988 no seu artigo 226, parágrafo 4º, “para efeitos de proteção do Estado, a família é a união estável entre homem e mulher ou qualquer dos pais e seus descendentes” (p.147).

Da mesma forma Prado (1994, p. 26-7) relata algumas perspectivas futuras em relação à instituição familiar, dizendo que:

A família contemporânea caminha para o desconhecido e sem rumo. Pode orientar-se em três diferentes direções, e até hoje sem precedente histórico:

- 1) à ruptura definitiva dos laços que uniam as velhas gerações às mais novas: a indiferença que manifestam os adolescentes pela identidade familiar e pelo que ela possa representar e defender e que se rompe na descontinuidade dos valores entre pais e filhos;
- 2) à maior instabilidade dos jovens casais que se reflete no aumento vertical da curva de divórcios;
- 3) à destruição sistemática, através da “liberação” da mulher, do conceito “lar/ninho” em torno do qual foi construída a vida da família nuclear.

Percebe-se que, na atualidade, existe uma pluralidade de configurações familiares que não obedecem ao discurso científico e social do modelo de família, tido como “normal”. O sujeito que não se enquadra nessa norma, muitas vezes, tem sofrimento de cunho psicológico, já que se encontra em modelos alternativos de configuração familiar e, portanto, não vive os

modelos e os papéis tradicionalmente prescritos pela sociedade como formas válidas de ser família.

Dessa forma, quando uma família se afasta da estrutura desse modelo, muitas vezes, é chamada de “desestruturada” ou “incompleta”. Como esse modelo tem uma conotação normativa, existe o discurso implícito de incompetência e de inferioridade para aqueles que não conseguem viver de acordo com o padrão legitimado.

De acordo com Narvaz ; Koller (2005, p. 131):

Muitas vezes, homens e mulheres, mesmo vivendo relações conjugais empobrecidas, permanecem em relações insatisfatórias, quando não violentas e abusivas, capturados pelo discurso científico e social de que famílias divorciadas são famílias “desestruturadas”, discursos aos quais devemos estar atentos, sob pena de serem reproduzidos.

Estudos recentes sociológicos estão desfazendo essa imagem que, durante muito tempo, deu à família nuclear um caráter funcional mediante as sociedades industrializadas e urbanizadas e vem apresentando outras formas atípicas de família. Exemplos disso são as famílias monoparentais, que são constituídas em torno do pai (paternocêntricas), ou em torno da mãe (maternocêntricas), como também as adotivas, as reconstituídas com casais homossexuais.

Além dessas configurações familiares mencionadas, vem aumentando os arranjos familiares, nos quais têm idosos co-residindo, ou seja, as famílias de idosos, onde o idoso é o chefe ou o cônjuge, e famílias com idosos, onde os idosos moram na condição de parentes do chefe. Trata-se da co-residência que aparece como uma alternativa de sobrevivência utilizada para beneficiar tanto as gerações mais velhas como as mais jovens.

Como exemplificação disso, destaca-se a pesquisa com base nos dados do Censo Demográfico de 2000, organizada por Ana Amélia Camarano (2004, p.22) entre jovens e idosos na Região Nordeste:

Em 2000, 75% dos jovens nordestinos não tinham ainda constituído suas famílias e 87% dos idosos viviam na sua própria. Idosos e jovens

convivem em aproximadamente 40% das famílias nordestinas. A grande maioria delas é chefiada por idosos e uma parcela não-deprezível é composta de família de três gerações.

Para Camarano, “uma das formas mais comuns de trocas intergeracionais é dada via co-residência [...]. No entanto, parece que as gerações mais novas são as maiores beneficiárias” (Camarano, 2006, p.96).

Anteriormente, a autora em questão apresentava um relatório referente aos arranjos familiares com idosos no cenário nacional:

No caso brasileiro, predominam os arranjos do tipo idoso(a) com filho. Além disso, em 86% das famílias onde residem idosos estes são chefes ou cônjuges. O aumento da taxa de chefia da população idosa tem sido uma tendência crescente no tempo e permite inferir uma redução na “dependência” dos idosos. Além disso, encontrou-se uma proporção expressiva e crescente de filhos morando nessas famílias.[...] Uma proporção bem menor de idosos reside em casa de parentes. Estes são mais velhos, mais pobres, trabalham menos e reportam condições de saúde e menor independência funcional. Há indicações, de que eles, em algum grau, dependem da ajuda dos filhos. (Camarano, 2003, p.17)

Dentre essa diversidade de configurações familiares, convém ressaltar a família longeva, ou a família multigeracional na qual ocorre a presença simultânea de várias gerações - os netos, avós e bisavós. Essa convivência de diversas gerações na esfera familiar trata-se de um fenômeno recente e inédito na história da sociedade humana. Moreira (1996, p. 127) explica: “Na família pré-industrial a coexistência de gerações era rara, muitas vezes os pais não sobreviviam para educar os filhos. [...] Nos dias atuais verifica-se a coexistência de três, até quatro gerações. É um fenômeno absolutamente novo [...]”.

Também Goldfarb ; Costa Lopes (2006, p. 1378) demonstram que nas últimas décadas, as configurações familiares nos países desenvolvidos e em desenvolvimento modificaram significativamente:

Por um lado, temos um menor número de membros em cada geração como resultado da baixa de natalidade. Por outro lado, com o aumento da longevidade, observamos a existência de várias gerações da mesma família. Dessa maneira, aumentam o número de anos que uma pessoa vai viver como avô. É habitual nos dias de hoje compartilhar a vida adulta dos netos, criando novas modalidades vinculares de solidariedade mútua, em que freqüentemente estes se transformam em

seus cuidadores e/ou exercem uma função mediadora quando existem conflitos com a geração do meio.

Conforme Motta, a convivência e também a coabitação de diferentes gerações na família “significa, no cotidiano, o desenvolvimento de novas possíveis relações (novas formas de solidariedade, mas também de conflito) e, em termos de contexto social- uma contemporaneidade de não-coetâneos. Vivências diferenciadas do mesmo espaço social” (Motta, 2006, p. 81)

Nesse sentido, vale a pena destacar o estudo elaborado pela Jaqueline Pasuch em relação ao significado da escola para crianças de primeira série na rede pública de Porto Alegre. Essa tese de doutorado, cujo título é “A escola das crianças”, apresenta a figura da avó como personagem expressiva e ativa no acompanhamento dos netos na vida escolar. Isso mostra o papel importante dos avós, no caso em especial das avós, na educação dos netos, já que as mães encontram-se ativas no mercado de trabalho e as avós, em sua maioria, estão mais disponíveis.

[...] no que se refere ao papel dos idosos, na presente tese, foi possível enxergar os rostos daqueles que trabalham e sustentam, na maioria dos casos das famílias, incluindo-se os filhos e netos. Pode-se afirmar que a expressão “No tempo da vovozinha”, para nós, “já era”! Nas escolas da rede pública pesquisada [...] a presença das vovós representa boa parte dos responsáveis pela escolaridade das crianças. E elas não usam o “coquinho, os óculos e a bengala”, antes pelo contrário, são trabalhadoras que sonham, lutam e acreditam no futuro melhor de seus/as netos/as. (Pasuch, 2005, p. 155)

Da mesma forma Lehr (1999, p. 11, grifo da autora) destaca que as relações familiares encontram-se em estado de simbiose:

Antigamente, uma criança recém-nascida raramente tinha a oportunidade de conhecer seus quatro avós. Hoje, com muita frequência, a criança chega a conhecer todos os seus quatro avós e até mesmo dois ou três de seus bisavós. É muito comum pessoas na casa dos 60 com bisnetos, e também pessoas nos seus 60 ou mais, que estejam cuidando de seus pais. (cerca de 20%). Devido a isto, desde há alguns anos atrás, os gerontólogos estão enfatizando o fato de que discussões sobre **famílias** de três gerações (não mais **lares!**) não são tão relevantes para a situação demográfica

Assim, a partir da segunda metade do século passado, a família vem se apropriando de sua diversidade. A família tradicional, hierarquizada, organizada em torno do poder do patriarca torna-se cada vez mais horizontal, cedendo lugar a uma família, na qual o poder é distribuído de forma mais igualitária: entre o homem e a mulher, entre pais e filhos. O ingresso das mulheres no mercado de trabalho, a emancipação feminina, as mudanças sócio-econômicas, o divórcio, mudaram o jeito de estar em família.

A estrutura da família tradicional veio se modificando, com a invenção e o uso da pílula anticoncepcional, a mulher pode controlar o número de filhos. Isso, também liberou a sexualidade feminina, que até então, estava destituída do direito do prazer e servia apenas à procriação. A mulher estabelece uma relação mais simétrica com seu parceiro, o pátrio poder ficou abalado. Aumenta o número de mulheres sozinhas com os filhos, e a gravidez não programada dos adolescentes faz avós mulheres jovens que cuidam de filhas e netos. As distâncias entre as gerações diminuíram e aumentaram.

Aumentaram, porque, por exemplo, as mulheres dependendo da classe social, e principalmente devido à função profissional, têm seus filhos a partir dos seus 30 anos de idade. Referente ao atual distanciamento das gerações, Ferrigno (2006, p. 19) nos mostra que “As crianças, atualmente escolarizadas logo cedo, muitas desde os primeiros meses, passam todo o dia em creches e instituições assemelhadas, porque pais e mães trabalham todo o período”.

Esta pluralidade na configuração da família incomoda nossa sociedade, onde ainda predominam modelos que passam da família rural à patriarcal, chegando na nuclear e nas pluricompostas. Valores ainda enraizados convivem com os novos, influenciando fora um relacionamento que em grande parte das famílias já mudou, se enriqueceu em relações menos hierarquizadas. Vazio deixado pela mulher-mãe é preenchido por outras mulheres cuidadoras e pela escola. Homem-pai, antes tão distante, se aproxima afetivamente dos filhos, participando ativamente do cuidar, facilitando as identificações e os diálogos.

Neste novo cenário os mais jovens se beneficiam e os mais velhos se modernizam.

Isso bem mostra Medeiros (2004, p. 193, grifo da autora):

Talvez a grande transformação que se operou na família seja quanto à forma de organização. De uma instituição cercada de regras hierárquicas, jurídicas, geralmente tomadas como indiscutíveis, ela passou a ter critérios próprios, baseados mais no diálogo, na amizade e nas necessidades práticas do que no cumprimento das obrigações. Neste sentido, é comum a diversidade de *ser* família e de modos de *se viver* em família.

A família, hoje, mudou, está em “desordem” e “desestruturada”! Nesta família plural convivem irmãos e pais que vêm de outros casamentos e, portanto, de culturas e gerações diferentes; mulheres sozinhas criam seus filhos com a ajuda da rede de amigos (o que em algumas camadas sociais já se faz há muito tempo).

Se for possível olhar para a realidade, sem considerar as desigualdades, o controle, a violência verbal e, até mesmo, física que ocorrem no âmbito doméstico, as pessoas irão se deparar com um cenário melhor. Porque, apesar da noção da origem do termo “famulus”, a família contemporânea, em suas múltiplas configurações, continua sendo um núcleo de apoio econômico, de afeto e solidariedade entre seus membros, sem os medos que, durante muito tempo, mantiveram as distâncias e bloquearam o diálogo entre as gerações.

2 A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE GERACIONAL

“O tempo se mede com batidas. Pode ser medido com as batidas de um relógio ou pode ser medido com as batidas do coração” (Alves, 2003).

Ainda hoje se encontram lugares, nos quais a noção de idade é algo vaga, obscura ou inexistente. Por exemplo: as tribos que habitam a Savana Africana (Ariès, 1978, p.29). Esta observação interessa na medida em que demonstra que a preocupação em datar, metrificar, separar e caracterizar fases da vida não implica uma inclinação natural. Trata-se de uma produção da cultura que se realiza sobre o organismo. O sentido que atribuímos ao tempo é um dado cultural, capaz de variar conforme a época e a sociedade em questão.

Nesse sentido Debert (1992, p. 14) explica:

Em todas as sociedades é possível observar a presença de grades de idade nas quais os indivíduos estão inseridos, mas elas não são as mesmas em qualquer contexto. O próprio das culturas é dar um investimento simbólico a um processo biológico, marcando, por meio de rituais, fronteiras entre as idades pelas quais os indivíduos passam. Tais fronteiras estão sempre abertas a novas demarcações e as etapas da vida podem ganhar novos significados.

Na cultura ocidental, desde os tempos medievais vários tratados devotavam grande interesse pelas idades da vida, servindo de termos que, em alguns casos, permaneceram até os dias atuais. Esses tratados dividiam o ciclo vital em: Infância e Puerilidade, Juventude e Adolescência, Senilidade e Velhice. Em relação a esse período é importante destacar que as observações sobre as idades da vida aconteciam num mundo no qual as manifestações da natureza não eram separadas dos fenômenos sobrenaturais.

Na obra intitulada *Le grand Propriétaire de toutes choses*, espécie de enciclopédia *Barsa* do século XVI, as idades da vida eram associadas aos sete planetas conhecidos. A primeira idade, a infância, compreendia do nascimento até os sete anos. A segunda idade, a *pueritia*, ia até os 14 anos. A adolescência, neste contexto, é considerada dos 14 até os 28 podendo chegar aos 35. Depois,

segue-se a juventude até os 45. Enfim, após os 45 chega-se à senilidade para depois sobrevir à velhice que poderia passar dos 70 anos (Ariès, 1978, p.36).

Para Ariés (1978, p. 39-40, grifo do autor):

A popularidade das “idades da vida” tornou este tema um dos mais freqüentes da iconografia profana. [...] Primeiro, a idade dos brinquedos: as crianças brincam com um cavalo de pau, uma boneca, um pequeno moinho ou pássaros amarrados. Depois, a idade da escola: os meninos aprendem a ler ou seguram um livro e um estojo; as meninas aprendem a fiar. Em seguida, as idades do amor ou dos esportes da corte e da cavalaria: festas, passeios de rapazes e moças, corte do amor, as bodas ou a caçada do mês de maio dos candelários. Em seguida, as idades da guerra e da cavalaria: um homem armado. Finalmente, as idades sedentárias, dos homens da lei, da ciência ou do estudo: o velho sábio barbudo vestido segundo a moda antiga, diante de sua escrivaninha, perto da lareira. As idades da vida não correspondiam apenas a etapas biológicas, mas a funções sociais; sabemos que havia homens da lei muito jovens, mas, consoante a imagem popular, o estudo era uma ocupação dos velhos.

Nestes tempos, a concepção sobre a vida não se reduzia à biologia. Para o homem da Idade Média, a vida era uma continuidade inevitável, cíclica como a natureza e a dança dos planetas. A noção de vida e seu suceder estava inscrita numa ordem geral e abstrata de um mundo, no qual o natural e o sobrenatural estavam misturados. As idades da vida nesses tempos não se resumiam aos efeitos do envelhecimento do organismo, eram marcadas pelas funções sociais correspondentes.

Da Idade Média até o alvorecer do século XXI, estabeleceu-se um longo salto, no qual as idades da vida permanecem como objeto de interesse. Neste espaço de tempo, localizam-se transformações profundas nas mentalidades das concepções de mundo. Das sociedades tradicionais às modernas, deu-se a construção da idéia de infância entendida como período especial da vida. Está aí a constituição da família como é conhecida hoje, seus laços afetivos no lugar de um agrupamento funcional de pessoas da mesma linhagem. Mais recentemente, no século XX, tem-se a criação da adolescência entendida esta como uma espécie de infância estendida.

É neste sentido que Ariés (1987, p. 48) relaciona, então, as fases da vida e a história, quando explica que: “Tem-se a impressão, portanto, de que, a cada época correspondiam uma idade privilegiada e uma periodização particular da vida humana: a “juventude” é a idade privilegiada no século XVII, a “infância”, no século XIX, e a “adolescência” no século XX”.

2.1 A ADOLESCÊNCIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

A criação da adolescência implica numa construção moderna que se consagrou no século XX, especialmente a partir do pós-guerra. Para pensá-la, necessita-se recorrer aos princípios da modernidade e sua marca fundamental: a prevalência do individualismo.

Foi, segundo Philippe Ariès, em sua *História Social da Criança e da Família*, no contexto de nascimento da modernidade que rondou o século XVIII, que se inventou e se naturalizou a infância enquanto período especial, etapa mítica e feliz, a criança como ser ingênuo, doce receptáculo de nosso amor incondicional, merecedora de cuidados diferenciados. “Até o século XIII não há pinturas que caracterizem as crianças, elas eram representadas, olhadas e concebidas tão somente como adultos em miniatura” (Ariès, 1978, p.51).

Mas foi no século XVII que se iniciou o costume de cada família ter retratos de suas crianças espalhados pela casa, perpetuando-se até hoje entre as pessoas com as máquinas fotográficas. Até aquele momento não havia uma representação elaborada da infância, isso mudou no final desse século através da escolarização das crianças, ou seja, da institucionalização da escola. Também foi nesse período que se iniciou o costume de atribuir às almas das crianças o mesmo caráter imortal atribuído às almas dos adultos (Ariès, 1978).

É no século posterior que surgem os primeiros questionamentos dos direitos especiais do primogênito e um certo horror perante as confissões de mais amor a um filho do que a outro. Trata-se de um sentimento que depois seria concretizado no princípio de igualdade que permeia o moderno código civil e os recentes estatutos.

No século XIX as amas de leite começaram a ir até as casas das crianças para alimentá-las e cuidá-las, até então, as crianças permaneciam longos períodos nas casas das amas de leite. (Ariès, 1978, p.236)

É a partir desse período que, lentamente, as transformações que constituíram a modernidade levaram a criança a se estabelecer como um ser que de nós recebe todos os esforços possíveis para fazê-las felizes e alegres.

Nesta mesma sociedade moderna, um fator que se relaciona intimamente com a valorização da infância, por mais irônico que possa parecer, é a morte, mais precisamente as mudanças nos modos através dos quais percebemos e lidamos com a mesma. Porque ela, nas sociedades pré-modernas, não era exatamente uma experiência solitária, havia um sentido de permanência equivalente à continuidade das comunidades; mantida pela tradição.

A respeito das tradições, o sociólogo Anthony Giddens comenta:

Nas culturas tradicionais, o passado é honrado e os símbolos valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um modo de integrar a monitoração da ação com a organização tempo-espacial da comunidade. Ela é uma maneira de lidar com o tempo e o espaço, que insere qualquer atividade ou experiência particular dentro da comunidade do passado, presente e futuro, sendo esses estruturados por práticas sociais recorrentes. (Giddens, 1991, p.44)

Com o individualismo moderno, no qual se sobressai desde uma queda da presença onipotente das tradições, a morte passa a soar a fracasso. Uma vez que ela atesta que fica-se sempre aquém das expectativas singulares, os anseios subjetivos não mais se bastam com o cumprimento de expectativas vinculadas às tradições como nas sociedades pré-modernas; ao contrário, como moderno, o indivíduo busca satisfações no rompimento e superação das tradições. Neste contexto, as crianças perpetuam a todos e as esperanças de cada um.

Na modernidade, existe o desejo, em muitos casos, de que os filhos alcancem mais do que os pais conseguiram, de que as tradições sejam rompidas

e que as crianças atinjam um grau maior de realização individual. Assim, a infância cumpre o papel subjetivo de assegurar as expectativas, idealiza-se e cuida-se das crianças, pois elas vingarão, irão além dos seus progenitores.

Da infância idealizada à idealização da adolescência há um pulo. Um pulo evidenciado no pós-guerra do século XX. A criança agora cresceu, parece-se com um adulto, seu corpo está pronto para despertar desejos. Mas, em vez de assumir responsabilidades, iniciando-se direto na vida adulta, os insatisfeitos adultos modernos resolvem que o melhor é manter para essas crianças recém crescidas o mesmo estatuto que as marcaram na infância, no século XIX, ou seja: deverão continuar como “crianças felizes”. Criou-se aquilo que o psicanalista Contardo Calligaris chamou de “adultos de férias” (Calligaris, 2000, p.69).

Nesse sentido a adolescência, enquanto uma espécie de representante do sujeito moderno, não deixa de ser um paradoxo - traduzido pela divisão entre a sociedade tradicional, da qual seus pais fazem parte e com a qual desejam que seu filho manifeste uma ruptura radical.

Existe o apelo feito pela família de origem para que o adolescente “saia de casa” e realize seu valor social devido, ou seja, o projeto do ideal moderno, guardado pelos pais como valor fundamental, gerando, dessa forma, um período de conflito.

A adolescência é o paradigma da separação que consiste no momento de passagem do mundo infantil para o mundo adulto e no qual se busca construir uma nova posição subjetiva. Até aquele momento o sujeito estava resguardado desse apelo dirigida a ele, visto sua infância ser protegida pelo Outro (seus próprios pais ou substitutos). Uma das tarefas centrais da adolescência é a independização, sendo que a mesma pressupõe que o adolescente “desvalorize” seus pais, pois assim sentirá que se afasta “sem perder muito”.

Desde o momento do nascimento, através do seu processo de desenvolvimento biopsicossocial, a criança começa a mostrar-se como um indivíduo, tendo seus desejos próprios e começando a descobrir – por oposição -

que é “independente” da mãe. Isso vai se intensificando na adolescência, quando o adolescente trata de definir e constituir sua identidade, entre outras maneiras, pela oposição às idéias e valores dos pais.

Conforme Outeiral (1994, p. 71, grifo do autor):

A identidade, como a própria palavra define, se organiza por identificações: inicialmente com a mãe, logo em seguida com o pai e depois com os outros elementos da família e, finalmente, com professores, amigos, ídolos (esporte, cinema, música, televisão, etc.) e pessoas da sociedade em geral. Isto não significa que a identidade seja uma “colcha de retalhos” – embora no início possa ser efetivamente assim – mas ela é, na verdade, um “amalgama” em que várias experiências de identificação se “fundem”.

Então, quando o adolescente consegue elaborar a sua perda do objeto infantil, condição fundamental para a constituição de sua nova identidade (o que acontece durante toda a vida, pois a identidade está em constante transformação), passa a se lançar num terreno nebuloso da ausência de um Outro definitivo e a procurar ou, até mesmo, fabricar alguém que possa estabelecer laços, substitutivos daqueles familiares. Surgem, então, como possibilidades as relações para além do campo privado, sobretudo com amigos adolescentes e o Outro sexo.

Isso explica Calligaris (2000, p.91):

Estar entre os iguais pode ser uma das únicas alternativas para o adolescente. Alguém que, apesar de já ter sido iniciado por várias instâncias (família, escola...), tendo adotado os valores e ideais de sua cultura, e de já contar com um corpo pronto para a sexualidade, escuta do mundo adulto um “ainda não”, “você ainda não está pronto”. Lhe é imposta uma moratória: é muito cedo para que aceda a alguns direitos; ao mesmo tempo, é demasiadamente “grande” para permanecer tendo outros... O adolescente fica então, sem lugar nessa cultura que o constitui. Diante deste não lugar, [...] só resta ao sujeito procurar aqueles que estão numa situação semelhante.

Na adolescência ocorre um momento para um novo ato psíquico -a inscrição do “nós”. A primeira pessoa do plural significa um “ser com”, procurando ter companhia, ter amigos e podendo contar com outras referências. Mas o inverso, também, é verdadeiro, porque “adolescentes solitários, que dizem não

ter amigos, muitas vezes encontram-se em dificuldades de estabelecer um corte na relação com o Outro familiar” (Giongo, 2004, p. 94).

E como vivem os adolescentes? De acordo com Ferrigno (2003, p.50):

Além da obrigatória circunscrição ao espaço da escola onde a convivência é prioritariamente com seus pares, os adolescentes parecem especialmente motivados a formarem grupos de amizade compostos por indivíduos da mesma idade ou de idade bem próxima. Aliás, nas décadas mais recentes, parece estar havendo uma ênfase maior na formação de grupos com idéias, valores e hábitos bem semelhantes, fato que explica a significativa profusão das chamadas “tribos juvenis”, identificadas já na aparência, através dos trajés e adereços.

Atualmente, percebe-se como concepção vigente sobre a adolescência uma etapa marcada por tormentos, conturbações, crises, enfim, um período ligado fortemente a estereótipos e estigmas.

Conforme Néri (2006, p.1316):

“Os preconceitos podem ser manifestação de supersimplificação: algumas características reais ou presumidas de um grupo de indivíduos são realçadas, como se fossem os únicos atributos que definem os seus membros. São os estereótipos (do grego *stereós* = sólido ou firme + *typos* = modelo, símbolo ou exemplar), que em princípio são necessários como elementos que ajudam o ser humano a compreender e a colocar ordem nas coisas”.

São justamente esses estereótipos que caracterizam uma suposta síndrome normal da adolescência, na qual se enfatizam: a rebeldia, a instabilidade afetiva, a tendência grupal, as crises religiosas, as contradições, as crises de identidade.

Conforme Osório (apud Ozella, 1992, p.47), “sem rebeldia e sem contestação não há adolescência normal.[...] O adolescente submisso é que é a exceção à normalidade”.

Ainda conceituando a adolescência, está a contribuição de Hohendorff (2004, p.265):

Psicologicamente a adolescência costuma ser compreendida como uma crise, um período de turbulência e acomodação do eu, a partir de causas externas ao psiquismo. É comum situar o seu início a partir de uma transformação fisiológica, a puberdade, e o seu término por uma transformação sociológica: ou seja, a entrada na vida social.

Essa concepção está relacionada com o próprio significado da palavra “adolescência”, cuja origem etimológica implica noções adversas: aptidão para crescer (no sentido físico e psíquico) e para adoecer (em termos de sofrimento emocional, com as transformações biológicas e mentais que operam nessa faixa etária) (Outeiral, 1994, p. 6).

Para Aberastury ; Knobel (1992, p. 27) “não se consegue a estabilização da personalidade sem passar por um certo grau de conduta patológica que [...] devemos considerar inerente à evolução normal desta etapa da vida”.

Ainda referente ao significado de “crise” na cultura ocidental, Barros (2004, p. 43) enfatiza que:

Em nossa sociedade, por exemplo, quando pensamos em adolescência, nascimento do primeiro filho, saída dos filhos da casa dos pais, entrada na velhice, entre outros muitos momentos da vida, associamos esses acontecimentos à idéia de crise. A crise da juventude, a crise da meia-idade. O casamento é visualizado por uma linha pontuada por crises periódicas e esperadas que devem ser superadas. São marcas que, ao longo do curso da vida, a sociedade contemporânea apresenta como momentos-chave das trajetórias de vida dos indivíduos.

Nesse sentido, busca-se superar a visão naturalizante e patológica da adolescência, entendendo essa etapa da vida como produto de um processo de construção biopsicossocial, cujas raízes encontram-se na sociedade moderna ocidental.

Observando-se o ideograma chinês para representar “crise”, fica claro que o mesmo significa risco e oportunidade – o que poderá propiciar uma revitalização, um crescimento nos vínculos familiares e sociais.

Em contrapartida, manter-se saudável em condições desfavoráveis consideradas típicas para o adolescente, equivale a observar o conceito que Leonardo Boff apresenta em seu livro “Saber Cuidar” (1999, p. 29): “Saúde não é ausência de danos. Saúde é a força de viver com esses danos. Saúde é acolher, amar a vida assim como ela se apresenta, alegre e trabalhosa, saudável e doentia, limitada e aberta ao ilimitado que virá além da morte. O que significa cuidar do corpo”.

A adolescência pode, então, ser vista como um processo universal de troca entre as diversas instituições (família, escola, rede de amigos, meios de comunicação), das quais ele recebe influência, às vezes desconstruídas, de como deverá se comportar. Ou seja, ele percebe que a nossa cultura valoriza e espera que ele se case, constitua uma família e conquiste uma boa posição profissional.

2.2 A VELHICE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Atualmente é inquestionável o aumento do número de pessoas idosas se levarmos em conta os indicadores internacionais e nacionais. Dados mostram que no ano 2025, 14% da população mundial será idosa, o que para a ONU justifica a chamada “Era do Envelhecimento”. Ou ainda que “cerca de 60% das pessoas idosas, definidas como aquelas com 60 anos de idade ou mais, vivem nos países em desenvolvimento, devendo atingir 75% em 2025” (Freitas, 2004, p. 20).

No contexto brasileiro, apresenta-se 8,6% da população total com idade igual ou superior a 60 anos. E, conforme, os dados do Censo Demográfico, realizado pelo IBGE, em 2000, dentre a porcentagem de idosos nos estados brasileiros, o Estado do Rio Grande do Sul, encontra-se em segundo lugar, com o indicativo de 10,5% de idosos (precedido, apenas, por Rio de Janeiro, com 10,7%).

Essa tendência é muito bem explicitada por Ferrigno (2003, p. 71):

O aumento da longevidade do ser humano é um fato histórico, inédito e planetário. Em praticamente todas as partes do mundo verifica-se um significativo envelhecimento das populações. As razões mais gerais desse fenômeno podem ser encontradas no desenvolvimento de políticas de saneamento básico, na eficácia do combate a moléstias infecciosas e doenças degenerativas típicas da velhice e, ainda, na divulgação de hábitos de vida que previnem essas enfermidades.

Numa retrospectiva histórica da humanidade, velhos longevos, poderosos e respeitados, traduz-se por um dado de rara ocorrência. Quando da velhice constituía-se por ser longa, bem sucedida e valorizada por uma determinada cultura ou grupo social, isso era atribuído ao destino, à virtude e ao sobrenatural. Igualmente estava relacionada com a apropriação do conhecimento, cuja transmissão era via oral (Gusmão, 2003).

A cultura oral, fundada no ato de conversar e que significa intercambiar experiências, produz e preserva muita sabedoria revelando a quem sabe ouvir o “lado épico da verdade”. Isso nos mostra Benjamim, quando afirma que (1989, p. 200-201, grifo do autor):

O narrador é um homem que sabe dar conselhos. Mas, se ‘dar conselhos’ parece hoje algo antiquado é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis. Em conseqüência, não podemos dar conselhos nem a nós mesmos nem aos outros. Aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada. Para obter essa sugestão, é necessário primeiro saber narrar a história (sem contar que um homem só é receptivo a um conselho na medida em que verbaliza uma situação). O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria. A arte de narrar está definindo porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção.

Como exemplificação de culturas, nas quais a transmissão oral tinha valor, destacam-se os povos nativos como os incas e os astecas. Esses exaltavam os atributos de anciãos e glorificavam-nos em lendas. Anteriormente, também o povo hebreu, considerando a longevidade como benção divina e, portanto, tinha muito respeito pela figura do patriarca. Posteriormente, ainda são dignos de menção os índios, pois para eles o idoso era uma personalidade significativa, já que eles que compunham o Conselho dos anciãos.

Igualmente, referindo-se a esses contextos longínquos, Ecléa Bosi orienta sobre a função social do velho (1994, p. 76-7):

Existem, sim, outras sociedades, deveríamos responder, onde o ancião é o maior bem social, possui um lugar honroso e uma voz privilegiada. Uma lenda balinesa fala de um longínquo lugar, nas montanhas, onde outrora se sacrificavam os velhos. Com o tempo não restou nenhum avô que contasse as tradições para os netos. A lembrança das tradições se perdeu. Um dia quiseram construir um salão de paredes de troncos para a sede do Conselho. Diante dos troncos abatidos e já desganhados os construtores viam-se perplexos. Quem diria onde estava a base para ser enterrada e o alto que serviria de apoio para o teto? Nenhum deles poderia responder: há muitos anos não se levantavam construções de grande porte, e eles tinham perdido a experiência. Um velho, que havia sido escondido pelo neto, aparece e ensina a comunidade a distinguir a base e o cimo dos troncos. Nunca mais um velho foi sacrificado.

No entanto, com a invenção da máquina e o advento da Revolução Industrial não havia lugar para a consideração e o respeito à velhice, uma vez que sob o ponto de vista econômico, ela era improdutiva. A sociedade, a partir do século XX, baseada no homem funcional, passou a exaltação da juventude como fator de produção, de reprodução, acumulação de riquezas e de consumo. Em contrapartida, o idoso passa a ser considerado feio, doente, segregado e afastado de suas funções responsáveis e produtivas e, a velhice, como um período de doenças, de perdas e negação do desenvolvimento.

E para sustentar isso, surgiram as Teorias Sociológicas do Envelhecimento, como a teoria do desengajamento idealizada por Helen Cumming e William Henry nos Estados Unidos (1961). Essa teoria postula o desengajamento, como sendo a retirada progressiva das pessoas envelhecidas do sistema social a que pertencem, isso por iniciativa própria ou por iniciativa do sistema, através do benefício da aposentadoria. A teoria está baseada no prisma da funcionalidade, da inevitabilidade e da universabilidade e apresenta o argumento final de que a morte de um indivíduo é mais danosa à sociedade e representa um impacto para todos os sistemas.

E, nesse momento, cabem algumas indagações (Bosi, p. 80-1): “Como reparar a destruição sistemática que os homens sofrem desde o nascimento, na

sociedade da competição e do lucro?” Ou ainda: “Como deveria ser uma sociedade para que, na velhice, o homem permaneça um homem?”.

Dessa forma, o idoso “pode descuidar das suas possibilidades de autonomia, bem como pode desestimular-se para investimentos novos, assimilando, na auto-imagem, os estereótipos que o social usa para designar os velhos”. (Py, 2004, p116) Quer dizer, o idoso, em função da finitude da existência humana e da proximidade da morte, torna-se, muitas vezes, vulnerável e desamparado.

Somando ao fato de que a sociedade moderna, ao cultuar os valores da produtividade, da inovação, da juventude e do consumo, produziu uma imagem negativa de velhice e do envelhecimento, associado, freqüentemente, a algo ultrapassado, sem serventia e caracterizado com um processo contínuo de perdas físicas, psíquicas e sociais. Isso remete a Simone de Beauvoir (1990, p.20), quando confirma que “a velhice não poderia ser compreendida senão em sua totalidade; ela não é somente um fato biológico, mas também um fato cultural”. E ainda quando ela afirma que:

A velhice aparece como uma desgraça: mesmo nas pessoas que consideramos conservadas, a decadência física que ela traz salta aos olhos. Pois a espécie humana é aquela em que as mudanças causadas pelos anos são mais espetaculares. Os animais descarnam, enfraquecem-se, não se metamorfoseiam. Nós sim. (Beauvoir, 1990, p. 12).

A concepção de velhice está, dessa forma, intrinsecamente ligada na dialética do biológico e do cultural. E a sociedade atual, conforme já verificado, tem como valores expoentes a produção, o consumo e a reprodução. Isso Ecléa Bosi, ao se reportar à velhice na sociedade industrial explica de forma contundente:

Além de ser um destino do indivíduo, a velhice é uma categoria social. Tem um estatuto contingente, pois cada sociedade vive de forma diferente o declínio biológico do homem. A sociedade industrial é maléfica para a velhice. [...] A sociedade rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência a sua obra. Perdendo a força de trabalho ele já não é produtor nem reproduzidor. Se a posse, a propriedade, constituem, uma defesa contra o outro, o velho de uma classe favorecida defende-

se pela acumulação de bens. Suas propriedades o defendem da desvalorização de sua pessoa. O velho não participa da produção, não faz nada: deve ser tutelado como um menor. (Bosi, 1994, p. 77-8)

Conforme Cuche (1999, p. 158): “A identidade negativa aparece como uma identidade vergonhosa e rejeitada em maior ou menor grau, o que se traduzirá, muitas vezes, como uma tentativa para eliminar, na medida do possível, os sinais exteriores da diferença negativa”.

Ocorre, então, muitas vezes, uma resposta defensiva do ser humano: recusa-se a se identificar e a se reconhecer como velho, uma vez que o medo da velhice está associado à decadência física, à doença, à dependência, à improdutividade, bem como à proximidade da morte. A velhice, assim como a morte, não habita no inconsciente do ser humano, mas são estranhos e sempre pertencentes ao outro.

Conforme Py (2004, p. 127):

Na velhice, o ser humano prossegue envelhecendo, no processo de transformações a que todo ser vivo está determinado. Como sujeito, ele se constitui na relação identificatória com o outro e essas transformações têm a ver com a possibilidade de ser reconhecido na sua diferença, em que se há lugar para um juízo de valor, esse é o da valorização da singularidade do ser humano.

Ao lado dessas imagens da velhice, carregadas com todos os seus significados estigmatizantes e que foram construídas culturalmente na sociedade contemporânea, aparece, como contraponto, uma outra concepção da velhice. Barros (2004, p.48-9, grifo do autor) nos orienta:

[...] uma nova proposta de envelhecer e que podem estar sintetizadas no termo *terceira idade*, classificado socialmente como mais livre dos constrangimentos negativos da morte e da decadência humana. [...] Neste contexto, a representação da velhice negativa é substituída por uma imagem positiva no discurso de especialistas em envelhecimento na área médica, psicológica e na gerontologia, e hoje, na sociedade como um todo. Esta positividade elege a juventude como um modelo de vida, vista não mais apenas como uma fase de vida, mas como uma forma de se viver.

Nesse sentido, assumir a condição de velho e assumi-la com serenidade depende de um processo educativo que, desde a infância, facilite a aceitação e a compreensão do novo “status” na família e na sociedade. Por isso, para Beauvoir (1990, p.12):

Não sabemos quem somos, se ignorarmos quem seremos: aquele velho, aquela velha, reconheçamo-nos neles. Isso é necessário, se quisermos assumir em sua totalidade nossa condição humana. Para começar, não aceitaremos mais com indiferença a infelicidade da idade avançada, mas sentiremos que é algo que nos diz respeito.

Finalmente, destaca-se o esclarecimento que Debert faz sobre as diferentes velhices na sociedade contemporânea:

A velhice nas sociedades contemporâneas é uma experiência heterogênea. As diferenças de classe, etnias e gênero dão ao envelhecimento uma dimensão tão especial que dificilmente se poderia pensar na velhice como um momento em que as distinções que marcam as experiências individuais e coletivas em outras faixas etárias seriam apagadas. (Debert, 1992, p. 15)

2.3 NOÇÕES DE IDENTIDADE: INTERFACE ENTRE A LINGUAGEM E A IDENTIDADE ETÁRIA

O ser humano vai percebendo o mundo com maior clareza à medida que vai podendo nomear o que vê, à medida que vai estabelecendo relações de toda a ordem, permitindo construir teorias internas sobre como o mundo funciona. Este trabalho de reconhecimento e de estabelecimento de relações é feito no diálogo com o “outro” que lhe serve de mediador. É feito através da linguagem, num círculo que vai se estabelecendo no âmbito familiar (interação primária), a princípio, num crescente cada vez mais amplo, tais como a rua, a escola, a sociedade em geral (interação secundária).

Conforme Scharfstein (2006, p. 1289) “a identidade se constrói na interação entre o eu e a sociedade, de forma indissociável. Portanto, trata-se de uma influência em uma via de mão dupla, na qual a sociedade é um produto humano, assim como o indivíduo é um produto social”.

Através de perguntas, das respostas que ouve, das hipóteses que constrói e que verifica, o sujeito vai construindo teorias próprias, teorias internas que vão configurando sua visão do mundo. Portanto, percebe o mesmo, quando, pela linguagem, consegue significá-lo, interpretá-lo.

Sujeito e sentido se configuram ao mesmo tempo e é nisto que consistem os processo de identificação. Ao significar, nos significamos [...] Os sentidos não são algo que se dá independente do sujeito. Sujeito e sentido se configuram ao mesmo tempo [...] Os mecanismos de produção e sentido são também mecanismos de produção de sujeito. (Orlandi, 2001, p. 205).

Tomando-se a definição discursiva de Orlandi (2001, p.39), como aquilo que “define o que pode e deve ser dito a partir de uma posição do sujeito em uma certa conjuntura”, percebe-se que aquilo que um indivíduo diz, seu discurso, revela seu lugar de interlocução, esta parte de sua identidade que é construída histórica e socialmente e que é formada pela sua língua materna.

Para Rajagopalan (1998, p.42), o conceito tradicional de identidade em lingüística, identidade individual como algo total e estável, num mundo marcado pela crescente migração de massas e pela entremesclagem cultural, religiosa e étnica, necessita de uma revisão urgente. Afirma ele: “As identidades da língua e do indivíduo têm implicações mútuas e estão sempre num estado de fluxo. Seriam identidades compostas, múltiplas, proteiformes”. Nesse ponto de vista, a identidade é polifônica e multireferencial. Dessa forma, identidades compostas, múltiplas, mutantes estão, em processo contínuo de reformulação nas relações sociais, implicando numa multiplicidade de vozes do diálogo histórico e social.

Além desse enfoque lingüístico pertinente à constituição da identidade, discute-se, também, a identidade na concepção do sujeito do Iluminismo. De acordo com essa visão, na modernidade, o indivíduo era centrado na imagem do homem racional, científico. Esse sujeito continha um núcleo interior, primário, que permanecia idêntico até o final da sua existência. Dessa forma, esse indivíduo possuía uma índole boa ou má, sendo que não apresentava transformações nem evoluções de caráter psicossocial.

Já, alguns teóricos recorrentes da concepção pós-modernista atestam para o argumento de que as “velhas identidades” estão em declínio e que estão surgindo “novas identidades”. Para esses, como Stuart Hall (2003), o sujeito pós-moderno não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente e o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos.

Da mesma forma, no âmbito da psicologia social, tem-se evidenciado estudos sobre a identidade pessoal e a identidade social. Essa concepção reforça que a identidade é formada na interação entre o “eu” e a sociedade; sendo que esse “eu” sofre constante modificação decorrente do diálogo entre mundos exteriores e as identidades que esses mundos oferecem.

Assim, a identidade pessoal, mediado pelas relações interpessoais, refere-se ao modo de tratar o outro e de se posicionar ao seu respeito, destacando características que marcam o sujeito como único e distinto.

No outro pólo encontra-se a identidade social, mediado pelas relações intergrupais e que envolve o tipo de interação apoiada em categorias sociais e agrupamentos de pessoas, destacando aquilo que temos em comum com outros de posições sociais semelhantes. Trata-se de uma representação relativa à posição no mundo social, e, portanto, está intimamente vinculada às questões de reconhecimento.

Conforme Ferrigno (2006, p.12):

A identidade pessoal nos é dada antes mesmo de nascermos, por meio das normas da cultura, consubstanciadas mais concretamente em expectativas, desejos e fantasias de nossos pais e demais familiares quanto ao nosso comportamento e nossas realizações. Nossa identidade social vai se dando por intermédio dos vínculos que vamos estabelecendo, ao longo da vida, com grupos sociais de diversas naturezas, como grupos étnicos, religiosos, estudantis, profissionais, de militância política, etc.

Mas a identidade social não diz respeito unicamente aos indivíduos. Todo grupo é dotado de uma identidade que corresponde a sua definição social, definição que permite situá-lo no conjunto social. A identidade social é, ao

mesmo tempo, inclusão e exclusão: ela identifica o grupo e o distingue de outros grupos.

Para Gusmão (2003, p.15-6, grifo do autor):

Os sujeitos sociais sejam estes crianças, adultos, ou velhos, descobrem-se em meio a tais relações, como sujeitos iguais ou diversos de outros sujeitos; descobrem-se como um “EU” e como um “OUTRO”, cuja existência e realidade desafiam a compreensão estabelecida de mundo, com seus valores, suas crenças e sua ordem dominante. [...] todos se perguntam sobre quem são e como é o mundo onde estão e se encontram. No entanto, à pergunta que se fazem, já não tem por certa a resposta: afinal, quem é o outro que me obriga a olhar minha imagem no espelho e a me perguntar quem sou?

A pergunta em questão, mesmo que aparentemente simples, decorre da consciência da alteridade, ou seja, a existência de um semelhante que, no entanto, é diferente. Conforme visto, a identidade se constrói e se reconstrói constantemente no interior das trocas sociais. Dessa forma, não há identidade em si, nem mesmo unicamente em si. A identidade existe sempre em relação ao outro, quer dizer, a identidade e alteridade são ligadas intrinsecamente e implicam em uma relação dialética, acompanhada pela diferenciação. “Ou seja, o uso da linguagem, o que falo e como falo, é uma forma de ação que envolve duas noções fundamentais: os conceitos de alteridade e contexto, isto é, com quem ou para quem falo e onde falo” (Scharstein, 2006, p. 1290).

Diz Brandão (1986, p. 7):

O diferente é o outro, e o reconhecimento da diferença é a consciência da alteridade: a descoberta do sentimento que se arma dos símbolos da cultura para dizer que nem tudo é o que eu sou e nem todos são como eu sou. Homem e mulher, branco e negro, senhor e servo, civilizado e índio [...] O outro é um diferente e por isso atrai e atemoriza.

Em uma primeira afirmação, parece ser fácil definir “identidade”, mas como foi exposto, não o é. A identidade parece ser uma positividade, como por exemplo, “Sou velha.” – característica que remete aquilo que sou. Em oposição à identidade, a diferença é aquilo que o outro é: “Ela é jovem” ou “Ela é adolescente”. Dessa forma, a identidade e a diferença estão em uma relação de

estreita dependência. A afirmação “Sou velha” esconde uma leitura “Não sou jovem”, “Não sou adolescente”, “Não sou adulta”, que são expressões negativas de identidade, de diferenças.

Na sociedade moderna e de cultura ocidental, aqueles considerados os “outros”, são destituídos, muitas vezes, de direitos individuais e sociais, devido a suas diferenças. São considerados marginais – velhos, adolescentes - aos quais não damos direito à fala e com os quais não queremos aprender. “Um porque já não é mais – adulto, capaz, produtivo – outro, porque ainda não é – adulto, capaz, produtivo...” (Gusmão, 2003, p. 23).

Ou ainda, conforme a contribuição Ecléa Bosi (1994, p. 79):

A velhice, que é fator natural como a cor da pele, é tomada preconceituosamente pelo outro. Há, no transcorrer da vida, momentos de crise de identificação: na adolescência também nossa imagem se quebra, mas o adolescente vive um período de transição, não de declínio. O velho sente-se um indivíduo diminuído, que luta para continuar sendo um homem.

Outro aspecto pertinente à identidade traduz-se pela sua estreita conexão com as relações de poder. A afirmação e a marcação da diferença implicam as operações de incluir e excluir. Conforme foi visto, dizer “o que sou” significa também dizer “o que não sou”. São as idéias subentendidas, os pressupostos de mundo, bem como os valores culturais implícitos nos enunciados carregados de significação.

Fixar uma determinada identidade como a norma é uma das formas privilegiadas da hierarquização das identidades e das diferenças. “Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa”. (Hall, 2003, p.13).

Lloret (1998, p. 15) explica que pertencer a uma idade significa adequar-se a uma norma, não fugindo aos modelos sociais instituídos:

A questão é que, ao colocar-nos ou sermos colocados em um grupo de idade, somos captados por algumas imagens e certas práticas sociais

que se articulam de forma mais ou menos contraditória. [...] Assim, a idade não é a tua nem a minha, é a idade do outro que, ao ser-nos dada, nos possui. Nesta expropriação de nossas diferenças cronológicas, nosso próprio tempo fica aprisionado. [...] Pertencer a um grupo de idade significa ter que adequar-se a uma normativa bastante precisa: em cada idade, podemos ou não podemos fazer, devemos (como se viver fosse uma dívida) fazer uma série de coisas e, sobretudo, temos de levar muito em conta os possíveis desvios com relação aos modelos socialmente sancionados. Isto bem que poderia denominar-se viver de modo precário.

Ao fazer menção aos grupos de idade, reporta-se a mais uma noção de identidade – a identidade etária ou geracional. Nesse sentido Magro (2003, p. 35) explica que:

Pertencemos a um grupo etário, somos marcados socialmente, e isso delimita as nossas possibilidades de expressão e de sociabilidade. Na cultura ocidental contemporânea, pode-se dizer que quando crianças devemos brincar, quando adolescentes devemos experimentar, quando adultos trabalhar e produzir, e quando velhos devemos nos aposentar.

Com o intuito de não estar presos a uma idade ou a um grupo etário, vislumbra - se os atos transgressivos que se traduzem como sendo a possibilidade de entrar em contato com o diferente, o estranho.

Essas transgressões, conforme Magro (2003, p. 39-40):

[...] revelam os outros possíveis caminhos por onde se constroem novas relações entre experiências de vida de pessoas cronologicamente diferentes. Isso faz viável uma concepção de identidade etária mais flexível e com características mais diversas. [...] Com uma identidade etária flexível, multirreferenciada e polifônica, as expectativas de comportamento de pessoas cronologicamente situadas também seriam flexionadas.

A partir do momento em que se oportuniza, no contexto familiar, bem como em outros espaços de convívio entre gerações, o confronto das idéias, o diálogo, existe a possibilidade do reconhecimento. Ou seja, a medida em que se provoca o neto em relação ao seu avô, o benefício desse reconhecimento para a identidade desse avô é extremamente positiva. Ora, esse idoso passa a perceber que ele existe, que ele está sendo ouvido, que sua vida tem importância para a vida de seu neto e da sua família.

Na realidade, o que se verifica, conforme Bosi, no que tange às relações humanas, o inverso do exposto anteriormente:

A característica da relação do adulto com o velho é a falta de reciprocidade que se pode traduzir numa tolerância sem o calor da sinceridade. Não se discute com o velho, não se confrontam opiniões com as dele, negando-lhe a oportunidade de desenvolver o que só se permite aos amigos: a alteridade, a contradição, o afrontamento e mesmo o conflito. [...] Se a tolerância com os velhos é entendida assim, como uma abdicação do diálogo, melhor seria dar-lhe o nome de banimento ou discriminação. (Bosi, 1994, p. 78)

Portanto, lançando-se um olhar mais flexível em relação aos comportamentos sociais prescritos dos grupos etários e de suas formas de estar no mundo, pode-se visualizar a possibilidade do confronto com o diferente. Isso deve ser considerado, pois que nem todo adolescente é rebelde e nem todo o velho é deprimido e marginalizado.

3 O CONTATO INTERGERACIONAL: UMA POSSIBILIDADE DE CO-EDUCAÇÃO?

*“Se as coisas são inatingíveis... ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos, se não fora
A presença distante das estrelas!”
(Quintana, 1978)*

A noção de geração possui diversas acepções possíveis, tanto na linguagem corrente quanto nas utilizações que dela são feitas no vocabulário da educação. Deixando-se de lado o sentido ativo da palavra geração (ação de gerar, de engendrar um ser vivo, ou ainda processo de produção ou de desenvolvimento de alguma coisa), é possível apreender algumas dessas acepções principais.

No nível mais fundamental, aparece uma acepção que pode ser considerada como ‘genealógica’, sendo que o termo de geração toma então o sentido de filiação, ou mais exatamente de grau de filiação (primeira, segunda, terceira geração...) a partir de um indivíduo tomado como origem. Sabe-se que esta ordem das filiações, que constitui, em inúmeras sociedades estudadas pelos etnólogos, um poderoso fator de estruturação social, pode manter apenas relações muito frouxas com a cronologia.

Em função da extensão do período de procriação possível para cada indivíduo, aqueles indivíduos que se encontram no mesmo grau de filiação em relação a um ancestral comum podem ter idades muito diferentes e até mesmo nunca se encontrar numa situação de contemporaneidade cronológica.

Tomando o termo de geração nesta acepção ‘genealógica’, que sentido e consistência iremos atribuir à noção de relação entre as gerações? É certo que a questão não se coloca nos mesmos termos conforme a distância temporal, social e cultural que separa diversos ‘graus de filiação’. Também é certo que não se deve colocar no mesmo plano a relação interativa concreta que se estabelece no quadro da família entre dois, três, às vezes, quatro gerações sucessivas e a relação mais distante, mais abstrata. Porém, também, em certos casos, saturada por disputas identitárias ou pela preocupação com a genealogia

que cada um cultiva com os seus ancestrais mais ou menos distantes, sejam eles identificados ou desconhecidos.

Diferentemente dos dois usos já mencionados (geração/filiação e geração/período da vida), o termo de 'geração' tomado na sua acepção histórica e sociológica designa um conjunto de pessoas que nasceram mais ou menos na mesma época e que têm em comum uma experiência histórica idêntica e/ou uma proximidade cultural.

As relações interativas concretas que chegam a se estabelecer entre as gerações diferentes no quadro de uma família, colocam-nas em evidência na presença pessoas de idades diferentes, as quais podemos designar ou identificar por meio de uma categorização relativamente codificada, embora esta possa variar de uma época para outra e de uma sociedade para outra. Fala-se de maneira corriqueira na 'jovem geração', nas 'gerações adultas', na 'velha' ou na 'antiga geração', etc, independentemente das posições respectivas que uns e outros possam ter em termos de filiação ou de linhagem.

Historicamente, o conceito de geração passou a ser utilizado de forma especial no final da década de sessenta para explicar o papel diferenciado de cada estrato de idade como força ativa no processo de mudança social. Nessa época, as diferenças entre gerações tornaram-se objeto de estudo dos pesquisadores interessados na turbulência dos movimentos estudantis (Jenning & Niemi, 1968).

Impõe-se, também uma aproximação deste emprego da palavra geração com o uso que fazem os demógrafos do termo de 'coorte', o qual designa um conjunto de indivíduos nascidos no mesmo ano (ou, por extensão, caracterizados por um mesmo evento – por exemplo, o ano do início do curso secundário ou da obtenção de um diploma – ocorrido no mesmo momento e podendo servir de ponto de partida num estudo comparativo de tipo longitudinal).

Entretanto, a palavra geração comporta significados ao mesmo tempo mais ricos e mais imprecisos que o de 'coorte'. Com efeito, uma geração não é formada apenas por pessoas de mesma idade ou nascidas numa mesma época,

e sim, também, por pessoas que foram modeladas numa determinada época, por um mesmo tipo de influência educativa, política ou cultural, ou que vivenciaram e foram impressionadas pelos mesmos eventos, desenvolvem sobre a base de uma experiência comum ou semelhante, os elementos de uma consciência de se ter vínculos em comum, o que pode ser chamado de 'sentimento de geração' ou ainda de 'consciência de geração'.

De acordo com o sociólogo Dirceu Nogueira de Magalhães (apud Goldmann, 2004, p. 66) o conceito de gerações implica em:

As gerações são mais que coortes demográficas. Envolve segmentos sociais que comportam relações familiares, relações entre amigos e colegas de trabalho, entre vizinhos, entre grupos de esportes, artes, cultura e agremiações científicas. Implicam estilos de vida, modos de ser, saber e fazer, valores, idéias, padrões de comportamento, graus de absorção científica e tecnológica. Comportam memória, ciência, lendas, tabus, mitos, totens, referências religiosas e civis.

De uma perspectiva psicológica, o termo geração refere-se à expressão coletiva e o reflexo de estágios de mudança no desenvolvimento da personalidade, no comportamento e nos valores, em um grupo etário num período de tempo específico (Guardo, 1982).

Em se tratando das gerações no âmbito familiar, "a priori", a relação entre as gerações é evidente, já que a existência da família implica no convívio entre as diferentes faixas etárias. Convém frisar que cada um carrega em si o seu tempo com uma visão de mundo própria, tornando essa relação possível, o que, no entanto, deve ser analisado a partir desta ótica para compreender o quanto ela se dá e como se processa.

Sob o enfoque das relações entre avós e netos, destaca-se, dentre algumas pesquisas brasileiras, o trabalho de Lins de Barros (1987) com depoimentos da geração mais antiga, evidenciando mudanças e permanências de padrões sociais e culturais, bem como a diversidade de representações sobre família pela intersecção dos sistemas simbólicos de cada geração em particular. Igualmente merece destaque, o trabalho empírico de Paulo Salles Oliveira (1993)

que estudou a co-educação de avós cuidadores de seus netos em famílias humildes na cidade de Marília – São Paulo.

Ainda é digna de menção a abordagem feita pela Iolanda Lourenço Leite sobre o estudo da construção da velhice na família descendente de italianos situada em Londrina, no Paraná. Segundo a autora: “É uma sugestão de uma leitura da velhice que considera a coexistência das gerações de avós e netas que procura entender a lógica presente nessa relação, a partir do espaço conquistado pelas avós [...]” (Leite, 2004, p. 5).

Da mesma forma vale salientar a pesquisa intitulada “A importância dos avós no contexto familiar” de Cristina Maria de S. Brito Dias (1994). Esse trabalho discute a influência dos avós na família, bem como os indivíduos podem viver seu papel de avó.

Nesse sentido, fica claro que todos esses estudos abordam a temática do envelhecimento e das relações entre as gerações no âmbito familiar, traduzindo-se como aspecto similar entre eles e o presente trabalho. O que diferencia este estudo dos demais é a faixa etária da geração mais nova. Enquanto os outros trabalhos relacionam a velhice com a infância ou com a idade adulta, este estudo aborda a relação entre avós e adolescentes.

Evidencia-se que as relações intergeracionais constituem um instrumento efetivo para enfrentar-se ao envelhecimento, já que oferecem um enfoque positivo na família e em outras relações sociais. Na sociedade moderna se confirma sua importância, apesar dos ataques sofridos pela sociedade organizativa, já que contribuem à integração social e se produzem em diversos campos e formas.

O fim da Segunda Guerra Mundial originou um enfoque organizativo da sociedade tanto no trabalho como na vida social. Os critérios de eficiência e produtividade estabeleceram que os grupos sociais afins em idade, educação e cultura são mais eficientes e aparece a especialização funcional não só no trabalho, mas também na vida social.

A sociedade se compartimentalizou por grupos de idade e geracionais, o que levou à segmentação na vida social por grupos etários. Afirmou-se que os grupos de idade semelhantes são mais eficientes funcionalmente. Propagou-se que o esporte, o lazer e a cultura para serem mais “eficientes” se pratiquem com idades semelhantes. Isso é uma verdade parcial que, levada a seus extremos, supõe uma segmentação da sociedade por idades, base da desintegração social que afeta a tantas sociedades desenvolvidas.

Apareceram a produtividade, o número de unidades produzidas por recursos dedicados como critérios da eficiência nas relações sociais, esquecendo-se que uma sociedade para ser eficiente, deve ser integrada socialmente por seus elementos básicos, seres humanos com necessidades específicas de inter-relação. Os grupos sociais se organizam para conseguir um objetivo de eficiência definido, segundo critérios economicistas, recursos investidos versus resultados materiais ou quantidade obtida.

Este princípio, válido para as atividades produtivas, esquece nas relações sociais a dimensão humana, a qualidade e não quantidade das relações sociais. Com base em critérios de produtividade social, aparecem os grupos de lazer com segregação absoluta por idades, os clubes esportivos com atividades por idade, os partidos políticos com grupos de gerações isoladas, as associações ideológicas e religiosas especializadas por idade.

Não há como se ignorar que ideologicamente a sociedade moderna é marcada como sendo uma sociedade de consumo, na qual se produz exclusivamente para o consumo e o lucro imediato. Os produtos têm como característica a curta durabilidade e, se propaga através dos meios de comunicação, que o indivíduo vale de acordo com o que ele consome, e não conforme o que ele produz.

O valor nessa sociedade está deslocado, já que o jovem se preocupa em possuir, por exemplo, a marca do tênis e do boné que ele veste, e não tem a mesma preocupação com o fato de ele não ter um emprego. É a sociedade do consumo e do presente, não a sociedade do futuro. Segundo Hobswam (apud Pasuch, 2005, p.189) “parece que os jovens contemporâneos vivem numa

espécie de presente contínuo. Aliás, essa é uma característica da sociedade contemporânea: a necessidade de viver o momento, viver para si, não para os que virão a seguir[...].”

De acordo com Norbert Elias em sua obra intitulada “Sobre o tempo”, a noção de tempo, enquanto uma categoria construída socialmente e, portanto não uma categoria permanente, se transforma no percurso da evolução das sociedades.

[...] a experiência de passado, presente e futuro se modifica em função dos diferentes níveis atingidos na evolução das sociedades. Assim, como as cadeias de interdependência são relativamente curtas nas sociedades pré-nacionais, a percepção do passado e do futuro, como separados do presente, é menos desenvolvida nos membros dessas sociedades. Para eles, o presente imediato, o aqui e agora, perfila-se com maior nitidez do que o passado, de uma lado, e o futuro, de outro; também sua atividade é mais centrada no presente das necessidades e pulsões (Elias, 1998, p. 115).

O exposto anteriormente é funcionalmente lógico e defensável até certo ponto, mas, levado a seus extremos, supõe a ruptura do diálogo entre gerações e a perda da saudável integração social através do contato entre sujeitos de idades diversas.

Com isso, as diferentes gerações perdem ocasiões de se relacionar com sujeitos de idades diferentes da própria, dando espaço para o surgimento da ignorância ou do menosprezo aos que são diferentes em idade.

A importância do tema ‘intergeracional’ foi reconhecida, por exemplo, pela União Europeia, ao criar em 1992 o Ano Europeu das Relações Intergeracionais, com uma grande diversidade de projetos e grande êxito.

Both (1995, p. 65) nos alerta sobre a importância do diálogo entre gerações:

[...] o diálogo intergeracional é condição principal para a autonomia dos interlocutores [...] o diálogo primeiro das gerações traz o benefício da melhoria da consciência comunitária, da consciência pessoal dos narradores da cultura e dos mais jovens que se descobrem na revelação do universo existencial do passado.

Diferentemente da sociedade organizativa do século XX, inicia-se no alvorecer dessa nova centúria, o processo da conscientização de que é bom para a sociedade abandonar a segregação etária por gerações, já que esta dificulta a integração social.

É nesse sentido que Ferrigno (2003, p.30) orienta:

Se pensarmos que a classificação dos indivíduos em faixas etárias e as “invenções” da infância, adolescência e velhice são fenômenos da modernidade, pudemos supor que nos alvares dos tempos pós-modernos em que estamos situados, possam estar sendo geradas condições para uma reaproximação de gerações, favorecidas pela diversidade cada vez maior de estilos de vida de jovens e idosos. Creio haver alguns indícios dessa abertura para outras gerações, principalmente pelas novas formas de se vivenciar a velhice e o processo do envelhecimento. Essa reflexão se apóia na certeza de que o compartilhamento das experiências de velho e moços, ao combater o preconceito etário, pode contribuir para a edificação de uma sociedade justa, tolerante, democrática e solidária.

3.1 TRANSMISSÕES EDUCACIONAIS ENTRE GERAÇÕES

Educação e gerações: eis, com toda certeza, duas idéias bastante diferentes entre si, porém que interferem constantemente uma com a outra. Com efeito, de um lado, é possível dizer que a educação, sendo ela concebida quer como projeto, quer como processo, está necessariamente vinculada à realidade da sucessão e da renovação das gerações, e ainda à questão das relações que gerações diferentes podem cultivar entre si. E, de outra parte, é evidente que as transições entre gerações pressupõem ou suscitam processos específicos de transmissão, socialização, formação, ensino e aprendizagem.

Portanto, uma das questões essenciais é saber de que maneira, e em que medida, nas sociedades contemporâneas, as transmissões educativas podem ser afetadas, influenciadas e transformadas pela evolução que, conforme podemos constatar, vem alterando as relações entre as gerações. As ‘transições entre gerações’ constituem, com toda evidência, uma espécie de lei universal do mundo vivo: as espécies vivas perduram e se reproduzem às custas de uma renovação permanente dos indivíduos, evidenciando o ciclo perpétuo da vida e

da morte. Tal lei de conservação coletiva ultrapassa a esfera biológica, uma vez que ultrapassa a esfera biológica do reino humano.

Porém, uma vez que se está dentro da ordem da cultura (ordem das instituições, das obras e dos signos) e não mais apenas na ordem da natureza, as transmissões biológicas deixam de ser suficientes e pedem para ser complementadas, auxiliadas ou substituídas por outras formas de transmissão, as quais são as transmissões educativas.

Com efeito, na sua acepção mais fundamental e mais universal do termo, é mesmo o significado de educação que convém para designar a responsabilidade essencial e a tarefa primordial que pesam sobre toda geração humana de ter de se inscrever dentro de uma duração maior do que a sua própria, de ter de garantir a ligação, a passagem, a transição entre os seus predecessores e seus sucessores, entre os quais apenas os mais próximos na ordem da filiação (filhos, netos) podem compartilhar com ela.

Mas, o que se deve entender exatamente por transmissões educativas? Em que sentido, em que medida se pode assimilar os processos educativos a processos de transmissão? De que forma uma transmissão pode ter valor educativo? O que é verdadeiramente transmitido ou transmissível por meio dos processos e das práticas de educação? E ainda, sobretudo, será mesmo que pode existir, na relação educativa, e principalmente quando se pensa a relação educativa em termos de gerações, de transição ou de relação entre gerações, uma transmissão pura, uma transmissão que se contenta em conservar e em reproduzir, uma transmissão que não seja também transformação?

Vale, nesse momento, se reportar à noção de co-educação, enquanto uma possibilidade de troca intergeracional, ou seja, o que efetivamente uma geração pode ensinar à outra. Conforme Ferrigno (2003, p. 176): “É possível se falar em co-educação entre iguais, por exemplo, dentro de um grupo de adolescentes ou de idosos (...) A co-educação pode se dar entre diferentes como a que se dá entre as gerações”.

A co-educação, dessa forma, caracteriza-se como sendo uma prática educativa que se dá no cotidiano das relações interpessoais e, especificamente, as relações entre as gerações.

De forma parecida, Oliveira destaca a co-educação como um processo, e não como uma simples relação entre as gerações: "Uma co-educação é algo que se constrói na história como fazer-se, ou seja, supõe gerações em movimento. Desse modo, abandona-se a idéia de geração como algo dedutível de um momento já vivido, ..." (Oliveira, 1999, p. 26).

No campo da teoria da informação, diz-se que toda transmissão transforma e deforma a mensagem. Nos campos da sociologia e da história, fala-se na memória coletiva como sendo uma reconstrução permanente, uma re-apropriação, uma re-interpretação. Contudo, a relação entre transmissão e transformação pode ser entendida também num outro sentido: o de que toda transmissão educativa transforma o que ela transmite (enquanto ela também transforma ao mesmo tempo tanto o seu emissor como o seu destinatário). No entanto, nesse caso, estamos mais uma vez diante de uma verdade por demais geral e muito pouco contemporânea.

Nesse sentido está a contribuição de Labrire (1997, p. 341, grifo do autor):

Falar de "transmissão" é, principalmente conceber a ação unilateral de um destinador para um destinatário, ao passo que o destinatário sempre contribui para *construir* a "mensagem" que se considera ter-lhe "transmitida". Ele tem de atribuir-lhe sentido na relação social que mantém com o que o está ajudando a construir seus conhecimentos e com seus próprios recursos, construídos no curso de experiências anteriores.

O que é realmente contemporâneo, o que é típico da experiência que o sujeito tem do mundo no qual vive hoje, é a transformação das próprias condições da transmissão, o que significa a transformação da própria maneira com a qual se estabelece, por ocasião e durante as transmissões, o equilíbrio entre continuidade e descontinuidade, entre conservação e alteração, reprodução e transformação.

Entre as mudanças sociais suscetíveis de influenciar hoje em profundidade as relações entre gerações e as transmissões educativas, parece que uma atenção muito especial deve ser dirigida a tudo o que diz respeito à esfera cognitiva. ‘Sociedade educativa’, ‘sociedade de aprendizagem’, ‘sociedade do conhecimento’ ou ‘sociedade de informação’: esses termos em nada se equivalem conceitualmente falando, mas chegam a ser utilizados alternadamente hoje no discurso da educação para designar o estado de desenvolvimento cultural de uma sociedade, na qual a produção de conhecimentos e a difusão da informação constituem a chave principal do desenvolvimento e um dos principais traços característicos da vida social.

De acordo com Hargreaves, a sociedade do conhecimento maximiza a aprendizagem, estimula a criatividade e a inventividade, como também a promoção de solução de problemas. Apoiando-se em Daniel Bell, ele explica:

Em 1976, o sociólogo norte-americano Daniel Bell previu essa era social e cunhou uma nova expressão para descrevê-la: *a sociedade do conhecimento*. O livro de Bell, *The coming of the post-industrial society*, traçou o mapa de uma transformação econômica que já havia começado, em que se passou de uma economia industrial, na qual a maioria das pessoas estava envolvida na produção das coisas, para uma economia pós-industrial, em que a força do trabalho se concentra cada vez mais em serviços, idéias e comunicação. Grande parte dessa nova ênfase, [...] dependeria mais e mais das pessoas e das instituições que produzissem conhecimento, nos campos da ciência, da tecnologia, da pesquisa e do desenvolvimento. (Hargreaves, p. 2004, p. 30-1, grifo do autor).

Vários aspectos da evolução do saber nas sociedades contemporâneas parecem suscetíveis de ter repercussões sobre as relações entre gerações. Em primeiro lugar, é o que alguns chamam de explosão do saber ou dos saberes, ou seja, o crescimento e a proliferação exponencial do conhecimento torna cada vez mais improvável a idéia de uma cultura enciclopédica individual, e cada vez mais necessária a idéia de uma ‘inteligência distribuída’.

No entanto, é também a sua renovação cada vez mais rápida, a obsolescência acelerada das teorias e das técnicas, o aparecimento constante de novos campos, de novas disciplinas que enfraquecem todos os avanços

conseguidos pelas antigas gerações, e que requerem ao mesmo tempo, a reciclagem permanente de todos os tipos de especialidade e o apelo a novas competências e a novos talentos que vêm sendo trazidos pelas gerações mais jovens.

Nesse sentido, de acordo com alguns filósofos, como para Jean Claude Forquim, está a obsolescência como explicação de que as competências adquiridas pelas gerações mais antigas não servem mais para nada, porque o mundo em função do qual elas foram produzidas desapareceu irremediavelmente.

È preciso destacar que na sociedade moderna, cujos ícones são a produtividade, o consumo e o presenteísmo, as relações intergeracionais e a família adquiriram um novo sentido. Em outras palavras: durante vários séculos a humanidade produziu e elaborou o seu pensamento da mesma forma. Assim, os avós ensinavam para os seus netos, se produzia da mesma forma e os valores eram os mesmos. Com o advento da sociedade industrial, a produtividade muda, a produção se dá de forma acelerada e exige novos conhecimentos. A escola surge, então, como uma necessidade, visto que a família não consegue transmitir os conhecimentos necessários.

Eis que surge o questionamento: Como, numa época em que o conhecimento se transforma dentro da mesma geração, o avô poderá ensinar para o seu neto? Visto que se está diante de um fenômeno novo na história da humanidade: pela primeira vez, geralmente os filhos têm mais conhecimento do que os pais e os avós. Toda a tecnologia contemporânea, a produtividade, os valores dominantes estão associados à juventude. Os velhos possuem outro tipo de conhecimento.

È o que bem enfatiza Medeiros (2004, p. 188): “Os netos “sabem” mais do que os avós. Nas famílias, o lugar dos mais velhos, que sabiam mais “das coisas da vida”, foi sendo ocupado pelos mais jovens, que dominam o manejo de aparelhos e computadores com extrema destreza”.

Na sociedade atual a experiência da superabundância de informações e de comunicações possibilitada pela combinação da revolução dos meios de comunicações e da revolução eletrônica, revolução essa que coloca uma variedade potencialmente ilimitada de recursos e de suportes à disposição dos indivíduos interessados em se informar, em se instruir, em se formar, e que, simultaneamente acaba com as distâncias geográficas, culturais e entre gerações, e faz do mundo inteiro uma espécie de imensa rede, cujo futuro é imprevisível.

Nesse momento, convém o apoio de Hall (2003, p. 88), quando ele diz que “[...] estão surgindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição [...] e que são o produto desses complicados cruzamentos e mistura culturais que são cada vez mais comuns no mundo globalizado”.

A essa necessidade de renovação constante dos conhecimentos e das competências, que se justifica, no cerne da noção de ‘sociedade educativa’, ao mesmo tempo a idéia de uma educação permanente, isto é, de uma educação que se prolonga durante toda a duração da vida, e a idéia de uma educação entre todas as idades, que reúne todas as gerações numa relação de cooperação e de reciprocidade.

A educação permanente traduz-se como sendo uma necessidade de renovação cultural e, acima de tudo, uma exigência nova, da autonomia dos indivíduos nessa sociedade em constante transformação e atualização.

O conceito de educação permanente se estende a todos os aspectos do fato educativo: engloba a tudo e o todo é maior que a soma das partes. A educação permanente não é um sistema nem um setor educativo, mas um princípio no qual se fundamenta a organização global de um sistema. A elaboração de cada uma das partes desse sistema é um exercício equivalente à duração da vida (Palma; Chachioni, p.1104).

Uma das premissas do projeto de educação para toda a vida centra-se, portanto, na necessidade do indivíduo sempre aprender. Isso corresponde, conforme a filosofia heideggeriana, que trata da razão ontológica do ser humano,

à existência humana que surge com a esperança de um desenvolvimento contínuo, ao longo de toda a vida, já que o homem é um projeto inacabado.

Na perspectiva do inacabamento do ser humano, destacam-se, impreterivelmente, as contribuições de Paulo Freire:

O homem pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade: é um ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer esta auto-reflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que está em constante busca. Eis aqui a raiz da educação. A educação é uma resposta da finitude da infinitude. A educação é possível para o homem, porque este é inacabado e sabe-se inacabado. [...] A educação tem caráter permanente. Não há seres educados e não educados. Estamos todos nos educando. Existem graus de educação, mas estes não são absolutos (Freire, 1983, p. 27-8).

Inevitavelmente, uma certa idéia da cooperação ou da reciprocidade educativas entre gerações ganha sentido dentro de um tal contexto de expansão, de proliferação e de renovação rápida dos saberes quando ela está associada a uma reivindicação de 'democracia cognitiva'.

3.2 TRANSMISSÃO DA HERANÇA CULTURAL

Hannah Arendt diz que as pessoas aprendem tudo pelo exemplo, "o homem é o único ser que aprende a se tornar humano" (1995), elas aprendem olhando, observando. Por isso se fala igual a mãe, anda-se igual ao pai. E ainda de acordo com essa autora, a transmissão dos saberes implica numa dupla finalidade: aquela da continuidade da sociedade e aquela do desenvolvimento dos indivíduos.

Nesse sentido, percebe-se que existe uma relação intrínseca entre a educação e a formação. Essa ligação está explicada por Becker (2002, p. 31):

Se EDUCAR, [...] vem do latim EDUCARE que define desde criar e alimentar até formar e instruir, numa acepção poética, educar significa moldar, esculpir, escrever. É como uma marca que molda ou forma que a transmissão acontece e não só como um conjunto parcial de conhecimentos, mas também como um pouco daquilo que os outros souberam acumular com antecedência. A marca identificatória é o pedaço que fica daqueles que substituíram as relações parentais, e que seguem a função de transmissão. Aqueles a quem, sem o saber, o

discípulo dedicou amor ou admiração e desejou ser como ele. Então, os ideais de quem transmite incorporam-se aos ideais de quem é educado. Desta forma se dá o processo da transmissão: fora do âmbito da razão ou do projeto. Por isso, se diz que o aprendiz, quando adquire uma série de conhecimentos acaba se parecendo um pouco com seu mestre.

Antes do surgimento da Instituição Escola, no período anterior a Idade Média, a transmissão do conhecimento, de uma geração à outra, era garantida pela participação familiar das crianças na vida dos adultos. Aprendia-se através do contato diário das crianças na vida privada e profissional dos adultos, sendo que o exemplo e a obediência eram os valores fundamentais da família e da sociedade.

Com a instituição da Escola, “a família super-valorizou a escola integral, delegando a ela a responsabilidade do ‘educar e formar’” (Becker, 2002, p. 31, grifo da autora).

Da mesma forma, Varela ; Alvarez-Uria(1992, p. 86-7) observam sobre o advento da Escola e as mudanças do paradigma da socialização das crianças:

A imposição da escola obrigatória romperá de forma definitiva estes laços, o que suporá um impulso para o aparecimento da infância popular associada à inculcação do moderno sentimento familiar nas classes trabalhadoras. Em termos gerais pode-se representar com o seguinte esquema a mudança que se produz entre o antigo regime e a sociedade burguesa de socialização de seus membros jovens:

	Idade Média	Antigo Regime	Sociedade Burguesa
Socialização	Comunidade	Família	Família conjugal
	Aprendizagem de ofícios	Colégios	Escola

Considerando que toda educação leva consigo, consciente e inconscientemente, a transmissão de um determinado código de valores, requer

examinar-se a quem compete à transmissão da herança cultural da sociedade contemporânea.

Para tanto, a contribuição de Becker, (2002, p. 43) esclarece:

[...] a educação ocorre numa variedade de instâncias sociais, institucionalizadas ou não, incluindo a escola, mas não se limitando a ela. Se quisermos compreender os processos educacionais do final do século XX, é preciso que examinemos a educação como processos identificatórios e a escola como apenas um dos lugares onde acontecem as 'pedagogias culturais'. A publicidade empresarial, assim como as instituições comerciais são formadoras de 'identidades', criando perspectivas culturais que se fundem com ideologias empresariais e valores do livre mercado.

Nesse momento, se faz necessário uma definição de valores sob a perspectiva da psicologia operacional: “[...] os valores se desenvolvem através de processo educacional que leva o indivíduo a ter sua conduta orientada por normas internalizadas e enraizadas no potencial de inteligência e de afetividade de que dispõe” (Marrocco, 2004, p.180).

Em relação à falta de valores, continua o autor, baseando-se na pesquisa feita por Maslow (1959) relatando que:

“[...] a doença básica de sua época era a falta de valores, de modo mais crucial do que no passado histórico da humanidade, impondo-se, no entanto, fazer algo recuperador, pelo esforço da razão humana. [...] a falta de valores descrita pelo mesmo autor é a de um estado de anomia, amoralidade, abulia, falta de raízes, superficialidade e vazio, desesperança, falta de algo em que acreditar e a que se dedicar (Marrocco, 2002, p. 176-7)

Ainda conceituando valores, tem-se a explicação de Falke ; Wagner (2005, p.. 31):

Os valores familiares comumente são definidos como sinônimo de crenças familiares. Entretanto, dão uma definição mais abrangente, indicando que os valores familiares são aspectos da vida – individual e coletiva – transmitidos, implícita ou explicitamente, entre os componentes do sistema. [...] Neste sentido, o conceito de valor é utilizado para indicar os aspectos que a família ou grupo social se preocupam em transmitir aos seus descendentes.

Além da transmissão de valores, portanto dos aprendizados éticos, ainda é possível haver a troca de conhecimentos instrumentais entre as gerações. Quer dizer, os avós e os netos podem contribuir em termos de aprendizados cognitivos responsáveis pela racionalidade produtiva.

Em relação a isso, por exemplo, no momento em que os avós ensinam, no dia-a-dia como fazer determinada receita de bolo ou como curar determinada doença, fazendo um chá estão ensinando aos seus descendentes conhecimentos práticos. Também, ao passo em que a avó demonstra para a neta como fazer uma faxina corretamente está transmitindo um conhecimento instrumental.

De outra parte, os netos podem igualmente ensinar aos avós conhecimentos cognitivos. Os jovens costumam orientar aos mais velhos como fazer uso adequado dos meios de comunicação, como usar o telefone celular e como manejar o aparelho de DVD, além de dos conhecimentos relativos ao uso do computador.

Mas isso não descarta a transmissão de conhecimentos instrumentais mais simples, como quando o neto ajuda a avó a somar suas contas ou orienta em relação a qual meio transporte adequando a ser usado para dirigir-se ao centro.

Retomando a temática das instâncias sociais responsáveis pelos processos educativos, portanto, também responsáveis pela transmissão dos valores culturais, estão, por conseguinte, os meios de comunicação.

Nesse sentido a televisão é o grande exemplo para as pessoas. Entretanto que valores ela dá? Dentre alguns dos ensinamentos da televisão está em mostrar que é irrelevante o esforço, o trabalho e a dedicação das pessoas, com também enfatiza que os atributos do 'ter' estão acima do 'ser'. É ela quem determina o que é moral, como devem ser as ações das pessoas e as orienta sobre os valores intrínsecos do homem.

Esse veículo de comunicação ensina que o que vale para hoje, amanhã poderá não valer mais. O certo de hoje pode ser o errado de amanhã. Os valores mudam com a mesma velocidade em que os fatos se dão no mundo moderno e orienta os sujeitos apenas por alguns momentos, não para a vida inteira.

A velocidade com a qual se está acostumado, aquela que faz pensar no próximo instante, no que virá depois, entretém a vida, e faz esquecer da velhice, distraíndo-se da morte. Assim, quem passa os valores para os jovens, não são apenas a família, a escola, mas também 'a rua', os amigos e os meios de comunicação.

Diante do exposto, surgem alguns questionamentos: em que medida a geração atual é 'herdeira' da geração passada? Em que sentido pode-se falar em herança e com que força essa herança pesa sobre os destinos individuais? Além disso, qual é o sentido, qual é a pertinência da clivagem que tem sido estabelecida entre sociedades tradicionais essencialmente conservadoras e conformistas e sociedades modernas caracterizadas pela emancipação das jovens gerações, pelo individualismo, a paixão igualitária e o gosto pela mudança? E ainda, qual a contribuição dos mais velhos em relação à transmissão dos valores e da herança cultural?

Ecléa Bosi, em sua obra *Memória e sociedade: lembranças dos velhos* (1994) refere-se à preciosa função social dos velhos através do ato de lembrar o passado. Segundo a autora, "haveria, portanto, para o velho uma espécie singular de obrigação social, que não pesa sobre os homens de outras idades: a obrigação de lembrar, e lembrar bem (Bosi, p. 63)".

Posteriormente, a referida autora esclarece que (p. 74):

Há dimensões da aculturação que, sem os velhos, a educação dos adultos não alcança plenamente: o reviver do que se perdeu, de histórias, tradições, o reviver dos que já partiram e participam então de nossas conversas e esperanças; enfim, o poder que os velhos têm de tornar presentes na família os que se ausentaram, pois deles ainda ficou alguma coisa em nosso hábito de sorrir, de andar. Não se deixam para trás essas coisas, como desnecessárias. Esta força, essa vontade de revivescência, arranca do que passou seu caráter transitório, faz com que entre de modo constitutivo no presente. Para Hegel, é o passado

concentrado no presente que cria a natureza humana por um processo de contínuo reavivamento e rejuvenescimento.

Em contrapartida, Hannah Arendt (p.14), no seu prefácio ao livro *La Crise de la culture*, em relação à crise das tradições relata que:

O testamento diz ao herdeiro o que será legitimamente seu, que atribui um passado ao futuro. Sem testamento, ou, para elucidar a metáfora, sem tradição – para escolher e nomear, para transmitir e conservar, para indicar onde os tesouros se encontram e qual é o seu valor –, parece que nenhuma continuidade no tempo foi atribuída e que não existe, portanto, humanamente falando, nem passado nem futuro, e sim apenas o devir eterno do mundo e, dentro dele, o ciclo biológico dos seres vivos. Assim, o tesouro não foi perdido por causa das circunstâncias históricas ou do azar, e sim porque nenhuma tradição havia previsto a sua vinda ou a sua realidade, porque nenhum testamento o havia legado para o futuro.

No entanto, Ferrigno (2003, p. 181) argumenta sobre a criação dos valores, tais como a liberdade, a felicidade, a solidariedade e a possibilidade de realização desses valores através da história da humanidade:

Ao longo da história surgem momentos de perdas. Mas, essas perdas não anulam a anterior obtenção de valores. Portanto, a realização é sempre absoluta, enquanto que a perda é relativa, pois a partir de criado determinado valor, ele passa a existir ao menos como possibilidade. Uma vez constituído, um valor não mais perece. Se os velhos são os responsáveis pela transmissão das tradições, os valores fundamentais podem ser definitivamente incorporados pelas gerações mais jovens, mesmo que permaneçam em estado latente, ou seja, mesmo que permaneçam ocultos.

Na atualidade, fala-se muito na transitoriedade dos discursos provisórios, na multiplicidade de informações, na efemeridade humana e há uma finitude quase absoluta. A sociedade vai descartando tudo e sugere que tudo é redundante. Aprende-se que nada mais é consistente, válido. “Uma das características do estilo de vida atual é a velocidade dos eventos e a fragilidade dos relacionamentos. Vive-se correndo, há uma sensação permanente de transitoriedade (Medeiros, 2004, p.187)”.

Nesse momento cabe o seguinte posicionamento: Mas se os velhos são redundantes e se tudo é passageiro e transitório, então, qual é o papel dos velhos na sociedade? Qual é o sentido de suas vidas e de suas histórias?

Pensa-se que para as transmissões educativas e os valores se perpetuarem de uma geração à outra, como também o legado cultural não se perder, requer apenas uma oportunidade de abertura e de interlocução entre as gerações.

Esse trabalho busca vislumbrar uma possibilidade de se superar essa transitoriedade absoluta e valorizar as vidas dos avós que são, muitas vezes, simplesmente “jogadas para o alto”. Pois que ainda há tempo de estabelecer ligações entre os jovens e os velhos, porque os valores não estão totalmente descartados.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

“Todo ato de pesquisa é um ato político” (Alves, 1984).

4.1 O PROCESSO DE TESSITURA DO MÉTODO

Ao elaborar um trabalho empírico, o pesquisador procura se envolver com a investigação, fazendo com que a mesma faça parte da sua vida. A escolha da temática tem vinculação com as suas preferências, os seus interesses e os seus princípios, assim como implica numa carga de seus valores.

Conforme Severino “procura-se dar respostas a uma problemática vivenciada e que tenha relevância para o pesquisador” (2002 p.145). Ou seja, que haja “uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito e o objeto, um vínculo entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito” (Chizzotti, 2000, p.79). Portanto é um ato político e não existe neutralidade na escolha do tema de pesquisa.

Ainda procurando esclarecer a relação entre o tema de pesquisa e a biografia do pesquisador, Oliveira (1998, p. 19) esclarece que “a incorporação da experiência vivida pode conferir alma à pesquisa, mas ceder às verdades cristalizadas, a fórmulas vulgares, a esquemas reducionistas, mesmo que supostamente didáticos; tudo isso pode trazer o resultado inverso, ao da mortificação”.

De acordo com esses olhares que se tem da realidade, da visão de mundo, da leitura da realidade, do contexto, ao qual o estudo se remete, bem como dos sujeitos envolvidos e do trabalho, enfim, da vida, é que se vai depreender a posterior observação, descrição, interpretação e análise do objeto de estudo, através de um método a ser escolhido.

Nesse sentido, método é um percurso escolhido dentre muitos outros possíveis, nem sempre o pesquisador tem consciência de todos os aspectos

envolvidos nesse caminhar, mas nem por isso ele deixa de assumir um método. Sendo a teoria a base da análise, é preciso ter claros os objetivos para que esta dê conta da investigação. Pois, dependendo da teoria que postula a orientação, os olhares serão focalizados a um determinado aspecto da realidade, não sendo necessariamente, o que se deseja.

Em relação ao nível de envolvimento e/ou distância que o pesquisador mantém para com o sujeito da pesquisa Velho (1978, p.39) nos diz que “o que sempre vemos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico, mas, até certo ponto, conhecido”. É o que ocorre, por exemplo, nas grandes metrópoles, onde o problema do anonimato é recorrente, porque muitos fazem parte de uma sociedade, são contemporâneos e vizinhos, no entanto o conhecimento sobre essas vidas, hábitos, crenças e valores é altamente diferenciado, heterogêneo, às vezes, desconhecido.

Levando em conta o significado desse projeto de pesquisa enquanto educadora – pesquisadora, como também para o meio social, a abordagem desse trabalho está orientada pela perspectiva da pesquisa qualitativa, mediante a observação participante. Segundo Lüdke ; André (2004, p. 29) “o observador como participante é um papel em que a identidade do pesquisador e os objetivos do estudo são revelados ao grupo pesquisado desde o início”.

A pesquisa qualitativa justifica-se pela sua essência como uma tentativa de capturar a perspectiva dos participantes, como também pela maneira como os informantes encaram as questões em foco. Ou seja: “Ao considerar os diferentes pontos de vista dos participantes, os estudos qualitativos permitem iluminar o dinamismo interno das situações, geralmente inacessível ao observador externo”. (Lüdke; André, 2004, p.15).

Conforme Jesus ; Domingues (2000, p.117) “a pesquisa qualitativa [...] envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto [...]”.

E ainda para Chizzotti “a abordagem qualitativa parte do fundamento que há relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre os sujeitos e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito” (2000, p.79).

Dentro de uma perspectiva qualitativa, o leque de possibilidades metodológicas é imenso. No entanto essa escolha orienta-se no método hermenêutico, ou interpretativo, baseado na análise da linguagem do sujeito, numa tentativa de buscar o sentido de seu discurso. “A hermenêutica traz a perspectiva do interpretar, da produção de sentido e da possibilidade de separar o sujeito do mundo objetivado (Hermann, 2002, p.16)”.

Para tanto, tem-se a contribuição de Vorraber (2002, p.84):

Numa perspectiva em que a procura de verdades tem a ver com a negociação de sentido, com a linguagem, com diálogo com a tradição, ao invés de com a assepsia dos conceitos e imposição dos significados, a hermenêutica se apresenta como um frutífero campo de inspiração na busca de caminhos investigativos em educação.

Considerando que a temática das relações interpessoais, intergeracionais e das relações educativas são questões que permeiam o campo das Ciências Humanas, e ainda as relações entre sujeito e objeto do conhecimento, faz-se necessário destacar minha postura de pesquisadora que recusa o autoritarismo da verdade.

Conforme Hermann: “Ao inserir-se no mundo da linguagem, a hermenêutica renuncia à pretensão da verdade absoluta e reconhece que pertencemos às coisas ditas, aos discursos, abrindo uma infinidade de interpretações possíveis” (2002, p. 24). Além disso, “a experiência hermenêutica exige quebrar a resistência para abrir-se para o outro, para deixar valer a palavra do outro; ou seja; para reconhecer que o outro pode ter razão” (Hermann, 2002, p. 56).

Para a elaboração e a realização dessa pesquisa o suporte referencial consiste em seguir os caminhos trilhados por Ecléa Bosi, cuja obra intitula-se

“Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos” e cujo eixo temático é o envelhecimento humano.

Segundo Bosi “uma pesquisa é um compromisso afetivo, um trabalho ombro a ombro com o sujeito da pesquisa. E ela será tanto mais válida se o observador não fizer excursões saltuárias na situação de observado, mas participar de sua vida” (Bosi, 1994, p. 38).

A referida autora considera que o principal esteio de seu método de abordagem está na formação de um vínculo de amizade e confiança com os entrevistados - o que vai de encontro com essa opção metodológica:

O principal esteio do meu método de abordagem foi a formação de um vínculo de amizade e confiança com os recordadores. Esse vínculo não traduz apenas uma simpatia espontânea que se foi desenvolvendo durante a pesquisa, mas resulta de um amadurecimento de quem deseja compreender a própria vida revelada do sujeito (Bosil, 1994, p. 37-8).

Acredita-se que esse trabalho tenha um caráter multidisciplinar, em outras palavras, uma vez que o envelhecimento humano apresenta uma abordagem múltipla, procura-se compreender o fenômeno intergeracional na perspectiva de aproximar as diferentes áreas das ciências do homem. Dessa forma o estudo atenta para os olhares da gerontologia, da educação e da sociologia.

Essa tendência é explicada por Oliveira (1998, p.18): “[...] as ciências humanas tendem a apresentar resultados mais completos e satisfatórios quando trabalham interdisciplinarmente, de modo a abranger os múltiplos aspectos simultâneos e sucessivos dos fenômenos estudados”.

Compactuando com a idéia do autor, um trabalho que tenha um prisma interdisciplinar somente virá a enriquecer e ampliar a compreensão da totalidade do objeto e dos sujeitos envolvidos. Com efeito, um estudo empírico com ênfase nas relações interpessoais, mediante uma abertura aos diferentes ramos das áreas do conhecimento humano, poderá valer-se de reflexões numa

tentativa de aproximação da criatividade e da sensibilidade, sem abandonar, necessariamente, a razão.

4.2 SUJEITOS DA PESQUISA

O espaço educativo da presente pesquisa é uma Escola Estadual de Ensino Médio, situada num bairro periférico no Município de São Leopoldo-RS. A escola atende hoje (2007) 1500 educandos, distribuídos entre a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Médio nos turnos manhã, tarde e noite.

A escola possui em seu quadro de funcionários de 70 professores, 2 supervisoras, 8 auxiliares de serviços escolares, 1 secretária, 2 orientadoras educacionais, 2 bibliotecárias, 1 assistente administrativo-financeira, a direção e vice-direção.

Em novembro de 2005 foi aplicado um questionário em duas turmas do primeiro ano do Ensino Médio (turmas 212 e 213), com o intuito de atestar quantos jovens têm contato com seus avós (ver anexo). Em outras palavras, desejava-se verificar a existência de sujeitos potenciais, para mostrar se era viável efetivar essa pesquisa.

Tal escolha decorreu da minha condição de professora de Língua Portuguesa junto aos primeiros anos do Ensino Médio. Desta forma era possível, acompanhar os estudantes por mais tempo, visto que esses jovens dariam continuidade aos seus estudos. Assim poderiam contribuir na coleta de dados por mais tempo.

Esse mapeamento, conforme a tabulação dos dados (ver figuras 1 a 7) mostrou que dentre os 47 sujeitos que responderam o questionário, apenas 3 não tem contato com seus avós (figura 1). Também foi constatado que apenas 5 desses avós não vivem mais, além de que a maioria desses idosos vivos é de avós maternas e paternas (figura 2).

No item residência dos avós, pouco mais do que a metade, 23 deles, mora na cidade de São Leopoldo (figura 3). Quanto à faixa etária, é expressivo o número de idosos que se encontram entre os 70 e 79 anos de idade (figura 4).

Merece destaque o fato de que dos 47 participantes do questionário, 42 têm contato com seus avós (figura 5), sendo que na maioria ocorrem com uma frequência diária e/ou semanal (figura 6). Referente à forma de contato entre os netos e avós, a maioria assinalou a modalidade “encontro”, evidenciando, dessa forma, o convívio entre gerações (figura 7).

Figura 1

1. Você conhece os avós?

SIM	44
NÃO	3
TOTAL	47

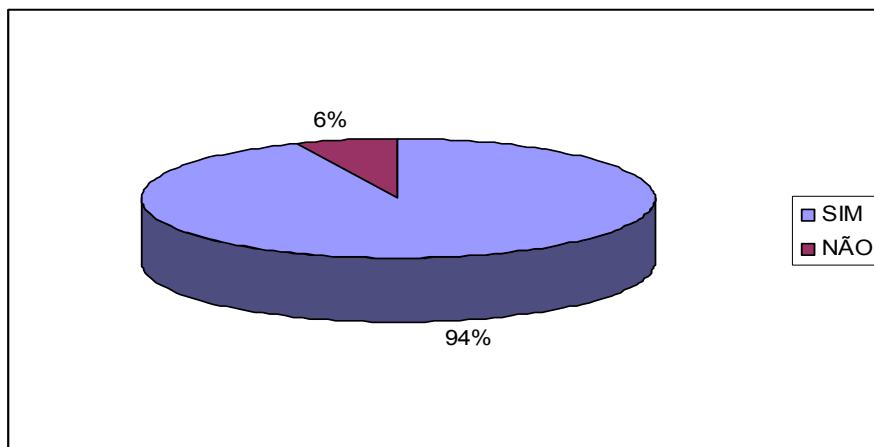
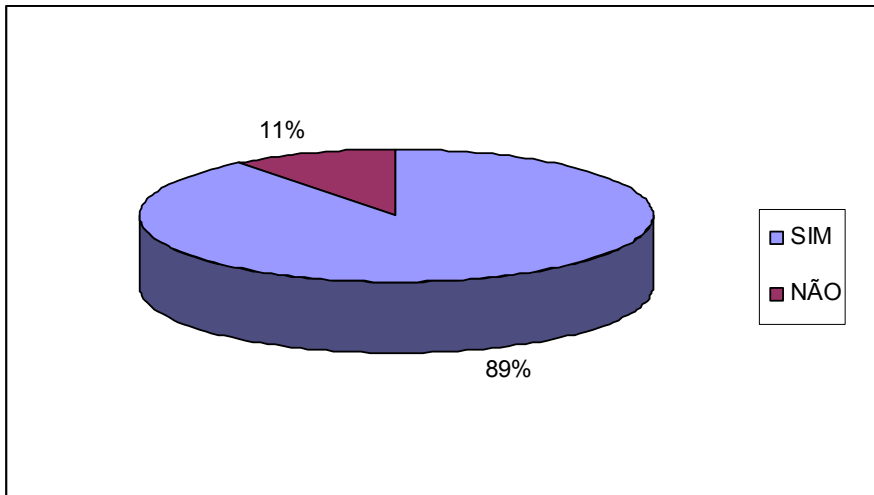


Figura 2

2.O seus avós vivem?

SIM	42
NÃO	5
TOTAL	47



AVÔ PATERNO	07
AVÔ MATERNO	08
AVÓ PATERNA	12
AVÓ MATERNA	15

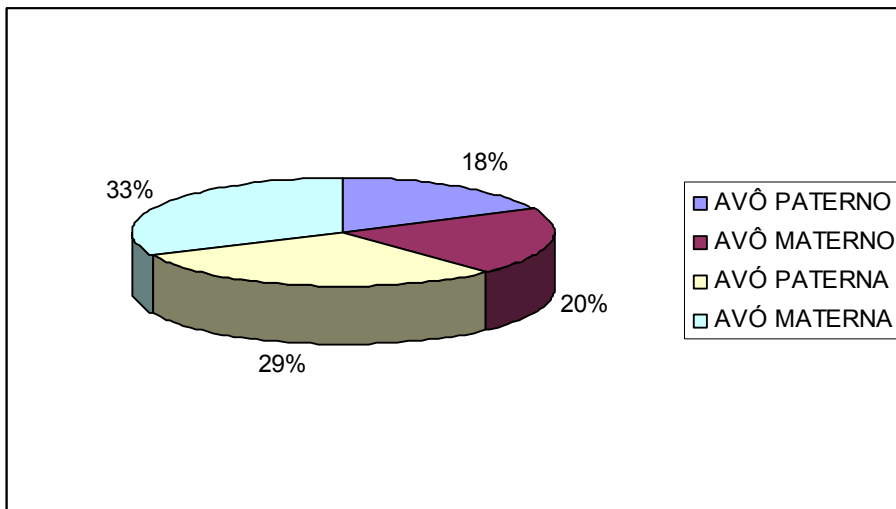


Figura 3

3. Onde moram seus avós?

São Leopoldo	23
Outra Cidade RS	16
Outro Estado	3
Exterior	0

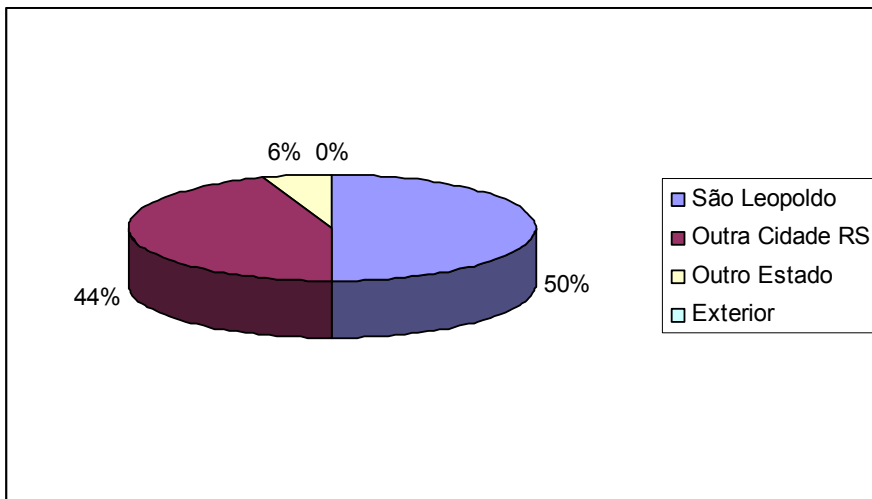


Figura 4

4. Qual é a idade dos seus avós?

40-49	0
50-59	04
60-69	14
70-79	20
80-89	04
90 mais	0

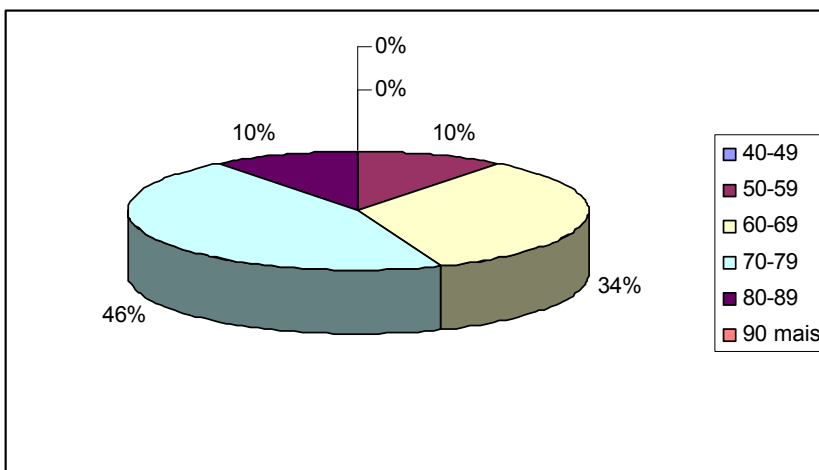


Figura 5

5. Você tem contado com seus avós?

SIM	42
NÃO	5
TOTAL	47

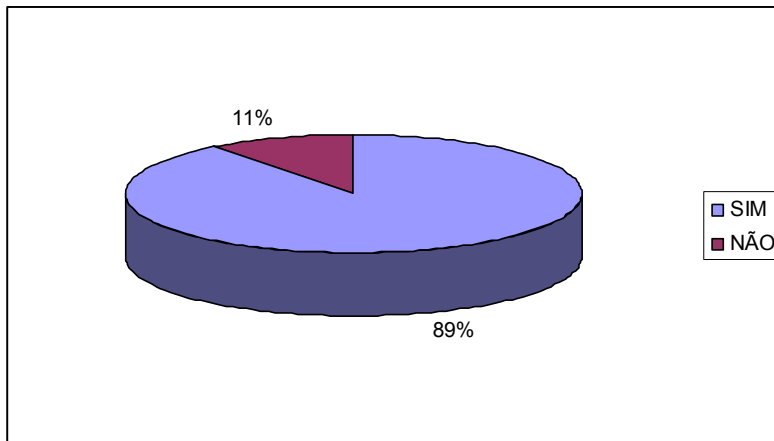


Figura 6

6. Com que frequência você tem contato com seus avós?

DIARIO	20
SEMANAL	09
MENSAL	05
2-3 P/ MÊS	01
1-2 P/ ANO	05
NUNCA	02

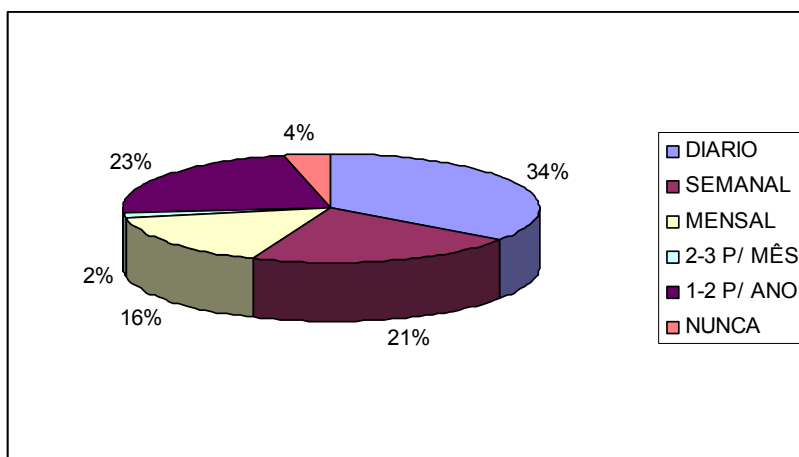
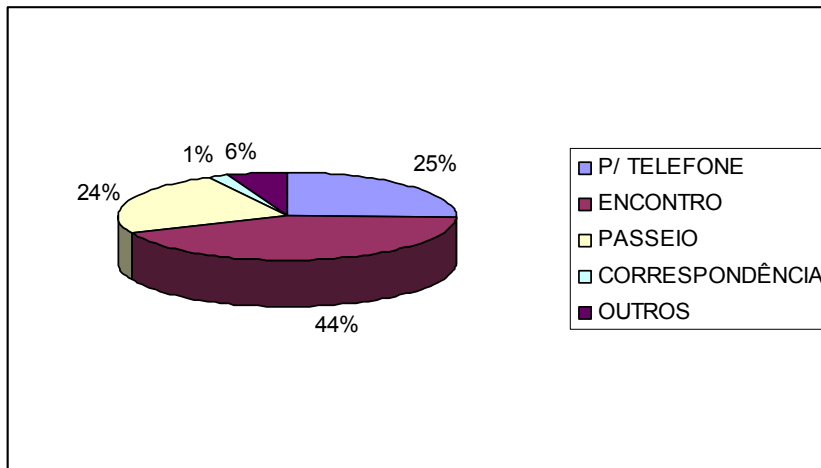


Figura 7

7. QUAIS SÃO OS CONTATOS COM SEUS AVÓS?

P/ TELEFONE	17
ENCONTRO	29
PASSEIO	16
CORRESPONDÊNCIA	1
OUTROS	4



Esse primeiro levantamento mostrou a viabilidade da pesquisa e embasou a continuidade da investigação. Diante dessa possibilidade, optou-se pela realização de um projeto piloto com três sujeitos, consistindo na elaboração de um diário por um período de um mês (abril – maio de 2006). Esses sujeitos, na condição de netos, fizeram registros diários (2) e semanais (1), de seus contatos com os avós.

Posteriormente, ampliou-se o número de participantes da pesquisa, e como essa pesquisa não tem nenhuma pretensão de representatividade estatística, pensou-se na possibilidade de participarem até 10 (dez) netos. Foi proposto para esses sujeitos que fizessem os registros de seus contatos diários ou semanais com seus avós por um período de dois meses (outubro e novembro de 2006). Manteve-se o critério inicial usado para a escolha dos participantes: a participação voluntária dos alunos na pesquisa e o vínculo de amizade e confiança para com a pesquisadora, bem como o fato de seus avós residirem no município de São Leopoldo.

Além disso, como esse trabalho pretende avaliar o processo co-educativo entre gerações, penso ser importante analisar o quanto os netos contribuem na formação dos avós. Nesse sentido, fez-se, também, uma coleta de dados junto a esses avós, ou seja, enquanto sujeitos individuais e sociais não lhes será abdicado o diálogo. Para tanto, foram feitas entrevistas semi-

estruturadas com os avós, com o intuito de analisar **se** ou **como** os avós estão sendo educados pelos netos.

4.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

No mês de setembro de 2006, a pesquisadora manteve contato com os alunos que poderiam participar da pesquisa. Partindo-se de uma quantidade inicial que se traduzia pela totalidade de 23 netos, cujos avós residiam no Município de São Leopoldo, tentou-se manter, então, novo contato com esses alunos.

Para tanto a pesquisadora verificou que desses alunos que haviam respondido ao questionário aplicado em novembro de 2005, muitos não se encontravam mais na escola. Alguns haviam também trocado seu turno de estudo, ou seja, estavam matriculados no período da noite; bem como outros haviam perdido contato com seus avós. Quer dizer, em algumas situações seus avós haviam mudado de residência e se encontravam, a partir daquele momento morando em outra cidade - o que inviabilizava sua participação na investigação.

Dessa forma, a quantidade de sujeitos havia modificado e traduzia-se em 11 alunos. Para esses alunos fora propiciado um momento de conversa, na qual a pesquisadora reforçou os objetivos e a intenção da continuidade do trabalho, como também fez uma abordagem do andamento da pesquisa. Perguntou individualmente aos mesmos se estavam dispostos a participarem, inclusive a aqueles netos que já haviam redigido seus diários no mês de maio, contribuindo para a primeira coleta de dados – o projeto piloto.

Aos jovens convidados para participar da investigação, a pesquisadora solicitou que assinassem um termo de consentimento. Após foram orientados a registrar o teor dos contatos diários com os avós, sem induzi-los, deixando de sugerir temáticas específicas, a fim de obter maior fidelidade e autenticidade desses relatos.

Todos esses alunos concordaram em participar voluntariamente da pesquisa e lhes fora solicitado que conversassem com seus avós, a fim de

atestarem se esses gostariam de, também, fazerem parte da pesquisa. Igualmente combinou-se que os netos registrariam seus contatos nos meses de outubro e novembro. Também foi explicado que os avós poderiam fazer os registros, mas que o intuito da pesquisadora era estabelecer um contato na residência dos mesmos e entrevistá-los.

O retorno dos alunos de sua conversa com avós resultou numa participação de 8 sujeitos, já que 3 manifestando estarem ocupados com questões particulares, não dispunham de tempo. Isso porque, além do turno da manhã com as atividades escolares, haviam adquirido um trabalho, inviabilizando um contato no turno tarde e noite com seus avós.

Dessa forma, a coleta de dados foi dividida em quatro momentos distintos:

a) 1º momento (elaboração e aplicação do questionário): inicialmente a pesquisadora, após consentimento da escola, aplicou um questionário para 47 alunos do primeiro ano do Ensino Médio.

b) 2º momento (projeto piloto): três alunos registram seus contatos diários e semanais com seus avós durante um mês. A opção por um projeto piloto, nesta etapa da pesquisa, objetivou estabelecer um primeiro contato com o conteúdo de abordagem do trabalho, ou seja, as relações intergeracionais.

Pretendeu-se com isso, obter orientações sobre a viabilidade da concretização dos objetivos da dissertação de mestrado, bem como para coletar informações que pudessem servir de indicativo para formulação dos procedimentos futuros da investigação.

c) 3º momento (registro dos diários): após a confirmação da viabilidade da pesquisa, estendeu-se o número de netos participantes da pesquisa, objetivando maior coleta de informações.

d) 4º momento (entrevista semi-estruturada): por meio da qual foram coletados os dados referentes aos avós. Cabe ressaltar que fora feito, anteriormente, um teste-piloto com os questionamentos da entrevista com sujeitos que se encontram em situações análogas aos avós em questão, bem

como as entrevistas foram previamente agendadas mediante contato telefônico entre a pesquisadora e os avós.

Vale nesse momento ressaltar que essa escolha traduz-se como sendo uma escolha positiva e não representativa. Em outras palavras é um coorte específico de alunos de uma escola pública de São Leopoldo e seus avós; portanto os resultados não são representativos para as relações intergeracionais brasileiras.

5 ENTRE O NETO E O AVÔ: APRESENTANDO OS DOIS OLHARES

*“Mas a vida, a vida, a vida,
a vida só é possível reinventada” (Meireles, 1983).*

Percorrer o caminho das relações humanas é estar aberto para as surpresas que nos espreitam a cada esquina desta trilha, principalmente quando elas decorrem do convívio familiar e, no nosso estudo, especificamente o vínculo de comunicação que se estabelece entre netos e seus avós.

Pesquisar como cada uma dessas duas gerações vê o outro é, de um lado, perceber o quão presas estão ao tempo a que pertencem e, de outra parte, constatar que costumes e tradições perpassam o tempo individual, tanto pelo prisma dos jovens ao descrever seus laços com os avós, como estes ao relatar a sua convivência com os netos. A análise dos depoimentos destes dois grupos etários firmaram essas constatações e lançaram luzes para novas descobertas sobre a possibilidade de co-educação intergeracional, tema nuclear deste trabalho.

5.1 A PERSPECTIVA DOS NETOS

Para estudar a ótica dos netos, relembra-se que foram eleitos 8 jovens estudantes de ensino médio, com idades entre 15 e 18 anos, conforme mencionado no capítulo anterior. Todos eles fazem parte de família de condições sócio-econômicas modestas, residentes na periferia de uma cidade da Grande Porto Alegre e que, para preservar suas identidades, será referido a eles como alunos A,B,C,D,E,F,G e H.

Quanto ao arranjo familiar, convém esclarecer que esses jovens fazem parte de famílias com no máximo três filhos, residem com os pais e no convívio diário contam com a presença dos dois: pai e mãe. Com exceção de dois (alunos G e H), que foram criados pelos avós quando pequenos já que a mãe exercia atividade profissional fora de casa, os demais ficaram sob os cuidados da mãe desde pequenos.

No que diz respeito à moradia dos avós, eles residem no mesmo bairro e a maioria ao lado da casa dos netos, salvo o aluno (C), cujos avós possuem a casa no outro extremo da cidade. Essa realidade têm sido um elemento facilitador de um convívio mais freqüente e próximo entre os componentes da família.

É, de outra parte, a casa dos avós o ponto de encontro familiar e o espaço mediador dos diálogos, este, de fundamental importância, pois que possibilita as trocas educacionais entre as diferentes gerações. Segundo Both (1995), “o diálogo primeiro das gerações traz o benefício da melhoria da consciência comunitária da consciência pessoal dos narradores da cultura e dos mais jovens que se descobrem na revelação do universo existencial do passado”.

Nos registros dos diários a interação entre avós e netos se evidencia, numa linguagem simples, como por exemplo, na sabedoria da avó, no modo como lida com o cotidiano, transmitindo valores positivos da vida, quando o aluno (B) afirma que:

Nem acredito que ela tem 74 anos, por que aparenta bem menos, apesar da saúde um pouco fraca, ela tem disposição de uma adolescente e isso é uma das coisas mais legais.
--

Um aspecto que emerge na fala desse jovem é a educação para o envelhecimento através do modelo de velhice a ser seguido. Nesse caso a avó retrata um modelo de disposição, de aparência jovem; trata-se de uma visão positiva do neto quanto à maneira da idosa vivenciar sua velhice. De acordo com a percepção do jovem, há uma tendência a se fazer uma aproximação entre duas gerações, diminuindo a distância etária.

Também, no seu registro, o jovem não desconsidera que a avó apresenta uma debilitação patológica, reproduzindo o discurso de uma relação intrínseca entre o envelhecimento e a doença.

Como esse, outros depoimentos feitos nos diários pontuam questões relevantes sugerindo a possibilidade de categorização, que de forma didática

facilite ao leitor uma melhor compreensão da investigação. De outra parte, a descrição de forma individual tem o intuito, também, de melhor analisar a narrativa dos jovens que participaram da pesquisa.

Vale ressaltar que, as categorias de análise que seguem, foram criadas a partir dos dados que se sobressaíram nas diversas leituras dos diários redigidos pelos netos.

A - Convívio em Família

De acordo com os registros dos netos, é possível verificar que existem os encontros entre os avós e netos, sendo que esses ocorrem, em sua maioria, no momento do almoço. Essa convivência familiar é mediada na “hora das refeições” e traduz-se como um momento significativo e prazeroso.

É o que bem descreve o Aluno A em seus depoimentos:

Saindo do colégio fui para casa da minha vó, fui almoçar com ela, meu avô, minha mãe e minha tia. *O almoço tava ótimo como sempre, não porque é meu avô, mas ele cozinha muito bem.*

Hoje, ao meio-dia fui almoçar com meus avós e com a família. Com meus tios e meus pais. *Adoro os almoços em domingo, a família toda reunida, me sinto feliz por ter todos por perto.*

Conforme o texto acima, depreende-se que na perspectiva da neta o encontro familiar no almoço é relatado de forma positiva. No entanto, esse momento é um pretexto que possibilita um diálogo, descontraí e abre espaço para uma maior interação.

No discurso da neta, almoçar com a família reunida, no caso os pais, os avós e tios, é uma situação extremamente valorizada por ela. A jovem manifesta sua felicidade, segurança e prazer em desfrutar da companhia de todos os membros familiares. O ato de comer, culturalmente denota um evento que oportuniza a confraternização, a reunião e a interação entre as pessoas.

Outro exemplo está no relato da aluna:

Fui pra lá, passar o dia com ela, (referindo-se a avó) adoro comer o seu feijão. O melhor que já comi. *Tava ótimo, rimos bastante*, ela se queixou de tudo e de todos, até chorar, chorou ; ela força um pouco, mas tudo bem. Quando eu vou lá, ela me enche de coisa, dá sobremesa, aí já quer me dar maçã, laranja, toda hora quer que eu coma, diz que estou muito magrinha (Aluno G).

No depoimento acima, a neta elogia a habilidade da avó no preparo do feijão, relata que se divertiram muito, riram; portanto o encontro é apresentado de forma positiva, divertida. O encontro entre as gerações não é descrito como obrigatório ou como uma “chatice”, mas como um encontro alegre.

Em contrapartida, existem algumas contradições internas na fala da jovem, visto que aparecem o riso e o choro, dois sentimentos opostos evidenciados na mesma situação. Quer dizer, esta alegria não nega elementos tristes ou pesados, já que as queixas e o choro da avó sobre sua realidade não são escondidas. Desta forma, no encontro aparece a vida “como ela é”, com suas frustrações, suas alegrias, em outras palavras, um encontro autêntico.

A jovem F também manifesta sua satisfação em desfrutar do convívio em família, dizendo que:

Hoje era o aniversário da minha prima, tinha que ver meu avô e minha avó maternos estavam super empolgados, era surpresa. *Foi bem legal, a família toda junta.*

Na narrativa da neta, reunir a família num momento simbólico da comemoração do aniversário, revela um significado positivo para ela. O fato de os avós estarem muito entusiasmados com o evento retrata o aniversário, enquanto uma construção cultural, como sendo um momento de festividade, de alegria e confraternização com os familiares e amigos.

Também outras passagens reforçam de forma positiva o convívio das gerações no âmbito familiar, como por exemplo, na data de casamento do irmão do jovem pesquisado:

Dia da Festa eu e minha vó nos muitas vezes e depois de tudo eu e ela fomos para a festa, foi lindo e eu e ela *Dançamos* muito e *Rimos* também. Amo muito minha vó. (Aluno B).

Os alunos, ao descreverem os avós como pessoas com qualidades no modo de viver, nas habilidades com as artes culinárias ou ainda na capacidade de manter as relações familiares acesas e unidas, sugerem a potencialidade da perpetuação desses valores, através dos netos, na harmoniosa convivência referida por eles.

Percebe-se, ao mesmo tempo, que esses encontros descritos pelos netos, demonstram o convívio familiar, as relações humanas sem a preocupação de velar a realidade, em outras palavras, a vida é apresentada de forma autêntica.

B - Retribuição de Cuidados

A origem da noção do “cuidado” está intrinsecamente relacionado com o amor e amizade. Costuma-se expressar a atitude de cuidado e de preocupação com a pessoa amada (Boff, 1999). O cuidado somente surge, quando uma pessoa tem importância para outra pessoa. Cuidar de alguém implica zelar, dar atenção, tratar bem, também a atitude de cuidado pode provocar sentido de responsabilidade.

Os netos, em seus relatos diários, demonstram carinho e preocupação para com seus avós. Em muitos casos, os alunos manifestam esses sentimentos através de atitudes cuidadosas e zelosas para com os avós.

Passei pela casa de meus avós e chegando lá, vi minha vó deitada sobre a cama, reclamando de dores pelo corpo. Fico super preocupada com ela pq aparentemente ela sofre de osteoporose. Assim que soube que ela estava doente, acabando meus afazeres em casa, segui p/ casa dela. Ajudei no que precisava e logo após minha mãe ficou com ela pq eu tinha que sair. *Me sinto na obrigação de ajudá-los por que boa parte da minha vida, foi com eles que eu morei.* (Aluno A)

Nesse relato, a neta, no momento atual, retribui a atenção, o carinho e os cuidados que os avós tiveram para com ela, quando ainda era criança. A jovem, conforme ela explica, sente-se incumbida de retribuir, visto que, os avós cumpriram a tarefa de criar e educar a neta por um determinado tempo de seu desenvolvimento. Desta forma, a neta está ciente da obrigação de devolver o auxílio, o que demonstra que as relações recíprocas, aquelas nas quais ocorrem a troca, seja de favores, de carinho, de atenção ou de cuidados, são as mais satisfatórias.

Meu avô perguntou se eu iria no centro, eu disse que sim. Ele pediu que eu pagasse algumas contas atrasadas para ele, disse *que ele não teve tempo* de pagar, então aceitei. Depois ajudei ele a lavar a louça. Minha avó pediu que eu fosse ao mercado comprar algumas frutas para ela, depois fui embora. (Aluno A)

A ajuda dos netos se mostra nas tarefas simples, tais como, pagar contas, lavar louça ou então fazer compras. No entanto, conforme o texto acima, a neta se propôs a ajudar o avô, visto que ele havia atrasado as contas por falta de tempo. Existe uma contradição, porque conforme as informações da neta, o avô é aposentado e não costuma ausentar-se de sua casa.

Também o neto (Aluno E) sente satisfação e felicidade em poder auxiliar sua avó, quando esta sente necessidade.

Minha avó falou que tinha que comprar uma casa nova para o cachorro dela e ia pedir para que eu fosse lá na ferragem buscar para ela e eu falei que ia era só ela me falar a hora que eu ia. *Gostei muito de ajudar minha vó* a arrumar a casa dela. Ela quis me dar 2 reais mais eu não aceitei e fui embora. Busquei água pra minha vó no poço e ela ficou muito feliz e disse que eu era o único neto dela que ajudava ela. *Me deixou muito contente.*

Nesse registro, se percebe que é muito gratificante ao neto poder contribuir, ser prestativo, visto que ser útil é inerente ao ser humano. Da mesma

forma, no discurso do jovem emerge outro elemento importante - a responsabilidade do neto. Porque na fase da adolescência, muitas vezes, os jovens ainda são tidos como crianças, e, no momento que lhes são atribuídas determinadas responsabilidades, obtemos satisfação da parte deles. Em outras palavras, esse depoimento se contrapõe a um discurso do prazer egoísta, através dessa outra posição do aluno.

O aluno G relata seu interesse despretensioso em prestar ajuda a sua avó:

A avó N. não pede, mas eu todas as quartas vou lá ajudar a arrumar a casa e passar o pano, essas coisas. Ela a dois anos colocou um pino no braço esquerdo e muita coisa não consegue fazer. *Eu gosto muito dela, não tenho o que me queixar da minha avó. Ela tem tudo, mas vejo como ela sente falta quando não vou. Sabe porque, dou atenção a ela, respeito muito ela e jamais respondi a ela.*

Enquanto pesquisador deve-se estar atentos à determinadas falas que traduzem o discurso oficial. No depoimento acima, a neta expressa aquilo que é considerado “certo” em se tratando de normas de convivência social. A jovem não retrata a realidade da sua relação com a avó, mas diz exatamente o ela acha que o outro, no caso a pesquisadora, gostaria de ouvir. Isso porque o que se espera dos netos é o respeito e a compreensão para com seus avós.

De acordo com os modelos comportamentais instituídos na cultura ocidental, o ato de cuidar nas relações familiares cabe aos pais, tios, avós. São os chamados papéis sociais que pressupõem que cada idade (ou gênero) tem certos limites, certas capacidades e obrigações. “Pertencer a um grupo de idade significa ter que se adequar a uma normativa bastante precisa: em cada idade podemos ou não podemos fazer, devemos fazer uma série de coisas (...)”, conforme Lloret (1998).

Nesse caso, a relação entre avós e netos, ou então a convivência entre grupos etários diferentes oportuniza a inversão de papéis. São as duas forças que regem a lei da vida: o dar e o receber. Visto que os avós já cumpriram seu

papel de provedor, de cuidador e, nesse momento de suas vidas, carecem, muitas vezes, de retribuição de cuidados, de carinho e de atenção.

C - Afetividade

O fator de aproximação que permite a retribuição de cuidados e a cooperação aparece nas narrativas dos netos através da ligação afetiva, como afirma o aluno B:

Eu acima de tudo amo meus avós, apesar de tudo, por serem velhos, às vezes chatos, eu e meus irmão amamos os meus avós.

Eu, e a minha vó se abraçamos, eu tomei um cafezão com ela!!! *Me dou muito bem com ela!*

A jovem A demonstra o mesmo sentimento em relação à avó:

Minha avó é uma pessoa que está sempre presente na minha vida. *Eu a amo demais.* Hoje quando fui na casa da amiga da minha mãe, dei uma passada rápida na casa deles, *só pra dar um beijo*, não conversamos, apenas um oi.

Nessa realidade pesquisada não se comprova o que Ferrigno (2003), coloca como elo de aproximação das diferentes faixas etárias, no mundo pós-moderno, ao referir-se às novas tecnologias, afirmando que a partir delas possam estar sendo "(...) geradas condições para uma reaproximação de gerações". Pois que, para esse grupo de idosos e adolescentes, é na troca da afetividade e através de uma linguagem simples, e não por intermédio das tecnologias modernas, que se aproxima os sujeitos, possibilitando a perpetuação de uma aprendizagem recíproca.

No discurso dos netos emerge, enquanto categoria analítica, a afetividade como condição fundamental para a interação entre a geração mais velha e a geração nova.

Isso é reforçado no registro da neta ao demonstrar seu afeto e admiração pelo avô:

Agora que estou trabalhando não tenho muito tempo de ficar com meus avós, às vezes dou uma escapadinha *para dar um beijo sagrado no meu avô materno*. A gente se dá super bem ele é meu avô preferido e acho que sou a dele (...) bom eu acho que ele gosta da gente porque somos diferentes dos outros, eu não respondo ele, *o respeito acima de tudo*, todo dia vou ver se ele está bem, *e também acho ele muito inteligente, eu me espelho muito nele*. Acho que vou sofrer muito quando ele se for, vai ser como tirar um grande pedaço de mim. (Aluno F)

Também merece destaque nessa fala da neta ao reportar-se ao avô como modelo a ser de seguido. No relato, o modelo de velho é visto como positivo pela jovem, pois que ela considera o avô com determinados atributos valorativos, como a sua inteligência; portanto uma referência positiva para ela. A neta, através do convívio com o avô, revela estar sendo educada para a velhice, como um processo normal da vida.

Nos depoimentos dos alunos a relação de afetividade entre os avós e netos, o fato de darem um beijo e da expressão de carinho, traduz uma faceta da cultura brasileira. O povo brasileiro tem como hábito cultural expressar suas emoções mediante gestos, como o abraço, o beijo e expressões faciais. Dessa forma, a afetividade e o carinho do neto para com o avô e vice-versa são elementos evidenciadores da transmissão da herança cultural entre as gerações.

D – Companheirismo e Cooperação

Os laços familiares, principalmente entre avós e netos, são mediados pelo afeto que se evidencia como sustentáculo da relação intergeracional. A partir desse elo é que se desenrolam as atitudes de companheirismo e cooperação.

Aluno A:

Hoje minha avó me ligou e pediu para *acompanha-lá nas compras* como sempre ela compra só o necessário, porque lá na casa dela quem esbanja dinheiro é meu vô (...) ajudei minha avó a *carregar as compras prá casa e acabei* almoçando lá .

Fui mais uma vez, buscar minha vó na casa dela para *ir ao bingo*. Quando cheguei lá meu avô estava durmindo na cadeira. Eu e minha vó saímos e ele nem viu, só deixamos um bilhete.

Aluno B:

Foi numa quarta-feira, que é o dia dez, eu e a minha vó saímos pela tarde, *ela foi comprar e eu fui junto para ajudá-la*.

Meus avós estavam olhando TV e eu e minha vó fomos comprar um tênis.

Nos depoimentos dos alunos percebe-se que os jovens fazem diversas atividades com seus avós. Dentre elas estão o fato de irem juntos a uma atividade social – o bingo. Culturalmente, jogar bingo traduz-se como um passa tempo para as pessoas idosas, no entanto a neta costuma compartilhar esse lazer com a avó. Esse fato demonstra que, apesar de poder parecer uma atividade “chata” para a jovem, o importante para a neta é cooperar com sua avó e presenteá-la com sua companhia.

No outro registro, a atividade compartilhada é fazer compras, no caso comprar um tênis. Pode-se supor que a avó quer presentear o neto, comprando um calçado para ele. Nesse caso, a avó cumpre seu papel social de provedora das gerações mais novas.

No outro exemplo, mostrando-se ser solidário e saber ouvir, o mesmo jovem afirma que:

Eu fui na casa dos meus avós e almocei lá, minha vó estava deitada quando eu cheguei, e estava cansada, *nós conversamos sobre ela!*

Embora ele não descreva sobre o teor do diálogo, o registro dá margem para muitas interpretações, dentre elas pode-se fazer uma leitura de que

tenha uma relação entre o fato de a avó estar cansada e a vida com muito trabalho, que ela tem, mostrando a disposição do neto para ouvir sua avó. Isso confirma o que para Benjamin (1989) é importante nas relações intergeracionais, dizendo que a cultura oral, fundada no ato de conversar significa intercambiar experiência, produzindo e preservando muita sabedoria a quem sabe ouvir, o que ele denomina de “lado épico da verdade”.

A jovem F demonstra atitudes cuidadosas e cooperativas para com sua avó.

Hoje cheguei do colégio, mais cedo e passei na minha vó materna como sempre. Então ela me convidou para ir na UNISINOS com ela, para ela receber sua aposentadoria. Fomos lá ao meio-dia, depois fomos pagar a luz no trem e *comemos sorvete*. Depois quando voltamos *eu fiz pipoca e comemos*.

Nessa situação, a atividade compartilhada consiste em irem juntas receber a aposentadoria da avó e pagar a luz. São as tarefas simples e, às vezes “chatas” da vida de pessoas físicas, como fazer compras, pagar contas, receber seus proventos. No entanto, chama a atenção de que a avó e a neta fazem, posteriormente outras atividades juntas; elas comem sorvete e pipoca. Nesse caso, a cumplicidade e o companheirismo é evidenciado mediante a realização de atividades divertidas, prazerosas. Porque o ato de comer sorvete e comer pipoca lembra alegria, diversão, ou seja, tudo fica uma festa.

E – Transmissões Educacionais Verbalizadas

As transmissões educacionais não são de fato, na aprendizagem, uma categoria isolada, pois que elas perpassam o processo educativo entre as gerações como um todo. Todavia, as narrativas do jovem C, apontam para transmissões verbalizadas com objetivo específico, o da formação religiosa e que isso também caracteriza o encontro familiar semanal que sempre ocorre na Igreja aos domingos.

Nos encontramos na Igreja, onde foi muito rápido e só conversamos como estavam meus pais.

Parabenizei minha vó devido ao Dia das Mães e relembramos coisas de quando éramos pequenos, também falamos sobre o valor que a mãe tem num matrimônio e seus deveres segundo a lei de Deus. *[ensina a criança no caminho que deves andar, para que quando cresça não se desvie deste caminho]*

No domingo dia 7/05, conversamos sobre a Igreja, como eu estou e eles me insentivaram (sic) a continuar nos caminhos de Deus.

É possível identificar nesses relatos a preocupação dos avós em transmitir valores religiosos, e reforçá-los constantemente para conservar e reproduzir aquilo que para eles, podemos supor, é um valor bastante significativo. Assim, a difusão do conhecimento da importância de Deus na vida do homem, constitui aqui, a chave principal do desenvolvimento de um dos principais traços característicos da vida do ser humano: a fé. É o que Becker (2002), define como educar a partir do latim *educare* que significa acumular com antecedência. Nesse caso, os avós do jovem C.

Da mesma forma, as transmissões verbalizadas estão presentes nos relatos da neta (Aluno F) reportando-se ao avô, que segundo ela, apresenta um conhecimento e vivência dignas de serem ouvidas e valorizadas.

Hoje conversei um monte com meu avô materno sobre várias coisas, eu adoro conversar com ele, ele sempre me dá conselhos e eu como uma neta exemplar sempre sigo um deles. *Foi um conselho sobre meu ex-namorado*, eu o ouvi e depois vi que ele estava realmente certo, e que se eu não tivesse o escutado, teria me dado mal.

No discurso dos alunos, fica clara a necessidade das gerações mais velhas em transmitir valores às gerações mais jovens. No caso, esses valores são sobre os mais diversos temas. No primeiro relato a preocupação do avô é ensinar ao neto o valor da religião, da fé, como também ensina ao neto a

importância da família, do respeito para com os pais, em especial o valor da maternidade.

No outro exemplo, o avô orienta a neta sobre o tema das relações afetivas. Isso não deixa de ser uma transmissão educativa entre as gerações, visto que o avô, em função da experiência de vida adquirida, tem um conhecimento que foi importante para a neta. Ela mesma fala que o fato de ter seguido as orientações de seu avô, evitou, o que podemos supor, uma futura frustração amorosa.

F – Aprendizado sobre as Perdas

De acordo com os registros dos netos, identifica-se que no contato com seus avós ocorre o aprendizado sobre a possibilidade das perdas físicas e afetivas, características da vida.

Com isso ensinado-os a viver e preparando-os para o inevitável, além de instruí-los acerca do amadurecimento emocional. É verificado em alguns depoimentos, como quando o jovem (Aluno B) se depara com seu avô hospitalizado e precisa “lidar” com questões típicas do envelhecimento: perdas cognitivas, doenças, morte...

Na quarta foi só uma passada que eu dei na casa da minha vó, o meu avô estava doente, no hospital, e teve muito assunto, para falar, minha vó já nem parava em casa, só no hospital, *deu uma esquemia nele*. Ele já não caminha, e minha vó já está triste, angustiada, e eu ia lá ajudá-la, *mas eu já muito triste* fui embora (Aluno B).

Também esse mesmo jovem demonstra preocupação com a possibilidade da perda da avó:

Meus avós como de costume fizeram um almoço de família no Domingo, eu e meus pais e minha família fomos para a casa da minha avó! Minha vó conversou comigo e disse que vai *se operar* e eu já fiquei preocupado, pq eu amo ela, acima de tudo!.

É o que muito bem nos explicita Py (2004, p. 39-40):

Nos sonhos dos familiares, estão também os temores. No clima de perplexidade assombrada, gerada pelo relato, entramos com a provocação: "-Qual é o medo?" O medo da morte. [...] No contraponto, as dificuldades do convívio e do cuidado, num cenário de dependência absoluta, que captura os familiares como dependentes dessa dependência do Outro.

Compactuando com a possibilidade das perdas, a neta (Aluno A), também demonstra preocupação e medo:

Minha vó anda com alguns problemas de saúde, anda com dores muito fortes no coração, *estou preocupada com ela, não sei o que seria de mim se acontecer alguma coisa com ela*. Minha vó é uma pessoa que está sempre presente na minha vida. Eu à amo demais.

Minha avó voltou a passar mal novamente, *fiquei preocupada com a saúde dela*. Minha mãe levou-a ao médico e eu tive que faltar a aula para fazer companhia ao meu avô. Voltando do consultório, minha mãe disse que ela teria que fazer alguns exames e que terá que mudar alguns hábitos. Ainda bem que não foi nada de grave.

Para a jovem F, a possibilidade de perder o avô traduz-se por um momento de intenso sofrimento, dor, conforme relata:

Acho que vou *sofrer muito quando ele se for, vai ser como tirar um grande pedaço de mim*.

Os relatos dos alunos demonstram que o convívio entre avós, em sua maioria com idade acima dos 70 anos, e netos adolescentes, oportuniza um aprendizado aos mais jovens sobre as perdas. Trata-se dos diversos tipos de perdas que fazem parte da existência do ser humano. São as perdas óbvias, como a morte de um ente querido; as perdas não tão óbvias, como a perda da saúde, bem como as perdas relacionadas com a idade.

A reação dos netos mediante essas perdas é de preocupação, tristeza, angústia, mas acima de tudo, dor e medo. Os avós, nesse sentido podem transmitir aos netos um importante aprendizado; como se comportar, como reagir ou como enfrentar e aceitar as perdas que perpassam a nossa existência.

Enfim, no discurso dos netos emerge a preciosa contribuição dos idosos no que tange a sua capacidade em lidar com as perdas características do processo do envelhecimento, assim como, com a grande travessia – a morte.

G - Conflitos

As relações intergeracionais dentro da família abrem espaço para diferentes realizações. Goldfarb ; Costa Lopes (2006, p.1376) esclarecem que o bem-estar psíquico do idoso está relacionado, em primeiro lugar, com vínculos com amigos, em segundo lugar constam os vizinhos. Somente “em terceiro lugar aparece como importante o convívio com a família, que é identificado com um espaço social de vínculos muito fortes, marcados pela obrigação e, em consequência, altamente conflitivos”.

Conforme Neri, dentre os diversos preconceitos em relação aos idosos, a intolerância “permite que os mais novos vejam os idosos como pessoas diferentes deles próprios e, sutilmente, determina que as novas gerações deixem de ver os idosos como seres humanos” (2006, p. 1318).

O conflito, como uma categoria analítica em evidência, está presente, conforme sugerem os registros dos netos a seguir:

Aluno A: Meu avô pediu que eu fosse no mercado para ele, eu fui e quando voltei com as coisas que ele me pediu, ele disse que tinha esquecido de uma coisa. Me deu uma raiva, mas mesmo assim fui novamente.

Aluno E: Querido diário, *hoje foi um dia daqueles*; daqueles em que dá vontade de sair correndo e não olhar para trás. Minha avó tem *ciúmes* de mim com garotas e como ela mora ao lado da minha casa eu vejo ela todos os dias. Hoje duas lindas garotas uma de 14 e a outra de 13 vieram conversar comigo sobre do que eram as tortas na vitrine e minha avó chegou de repente e *chingou as garotas*_sem ao menos perguntar sobre o que estávamos conversando.

Nesse depoimento fica claro que o adolescente, no processo de constituição de sua nova identidade, procura criar outros laços, tais como os amigos e o Outro sexo, distanciando-se da família. É o que justifica Calligaris (2000): “Estar entre os iguais pode ser uma das únicas alternativas para o adolescente. (...) Alguém que (...) já contar com o corpo pronto para a sexualidade, escuta do mundo adulto um ‘ainda não’, ‘você ainda não está pronto’”.

Aluno H: Hoje cheguei da aula, e como sempre fui bem recebido pela minha vó. Sempre almoço com ela, passo o dia todo lá, mas ela já havia comido. Ela se preocupa muito comigo e por isso acabo *as vezes acabo perdendo a paciência*.

Esse registro mostra que o jovem (no caso com 18 anos de idade), encontra-se no paradigma da separação, quando o adolescente procura “desvalorizar” seus pais (ou substitutos) e constituir sua nova identidade. Isso porque, conforme relatos do neto, na sua infância a avó assumira a função materna, uma vez que sua mãe encontrava-se ausente.

E ainda, conforme Leite (2004, p. 55):

Geralmente, é na passagem da fase da criança para a adolescência que os filhos apresentam problemas na família. Os adolescentes começam a internalizar novos valores ao se relacionarem com outros grupos, fora da família, e os conflitos ficam estabelecidos, pois os valores apreendidos na família, muitas vezes não são iguais aos da sociedade maior.

Nos registros dos alunos aparecem os mais diversos conflitos. São exemplos de intolerância, impaciência, atitudes raivosas, incompreensão e ironia. A divergência entre as gerações mais novas em relação as mais velhas está no fato dos jovens desconhecerem ou não tolerarem algumas limitações ou dificuldades decorrentes do processo do envelhecimento. É o exemplo da neta que fica com raiva do avô porque ele esqueceu algo.

5.2 A PERSPECTIVA DOS AVÓS

Considerando que as conversas da pesquisadora com os avós sucederam-se nas residências dos mesmos, houve, anterior a isso, um contato telefônico com intuito de agendar o local, data e horário das posteriores entrevistas (salvo avós de Aluno A que não possuem telefone residencial).

Naquelas conversas, os avós mostraram-se extremamente receptivos, visto que muitos deles estavam cientes do andamento da pesquisa, ao passo que, também a oportunidade de falar sobre seus netos tinha um caráter muito significativo para os mesmos.

Isso, por exemplo, ficou evidenciado quando a avó do Aluno D relatou que:

Para ela, tudo que se referia ao neto era importante. Porque era um menino ótimo, adorava ajudar, estava sempre disposto a cooperar, para ele nada era demais. Para ela seria um prazer poder me ajudar (*referindo-se à pesquisadora*) e falar sobre o neto.

Da mesma forma, a recepção dos avós em suas residências foi muito aconchegante e prazeroso. Esses, enquanto anfitriões muito atenciosos, faziam questão de mostrar suas casas, fotos da família ou outras atividades significativas para a vida desses sujeitos.

De acordo com os apontamentos do diário de campo da pesquisadora, (diários esses feitos entre os meses de outubro e novembro de 2006), seguem algumas caracterizações referentes aos avós, tais como a moradia dos mesmos, seus interesses, ou comentários feitos que auxiliam na tessitura da visão dos avós sobre a temática da pesquisa: a relação entre gerações. Tais dados são decorrentes das observações, percepções e informações adjacentes coletadas no dia das entrevistas (situação pré e pós-entrevista) e registradas, posteriormente, de forma sistematizada.

Entrevistado 1 (avó do Aluno D)

Na chegada a sua casa, a avó foi muito receptiva e atenciosa. Mostrou-me sua casa e sua atividade como promotora de vendas de roupas e produtos cosméticos (Pierre Alexander). É extremamente falante e participativa em diversos grupos de “Terceira Idade”, como o NUTI, da UNISINOS. Sua filosofia de vida é o “Sheicho-no-ie”, do qual participa de encontros semanais. Ela mora sozinha e sua residência encontra-se nos fundos da casa do neto, onde seu filho e a nora co-habitam também.

Ela tem 78 anos, está viúva há três anos. Contou que eram casados há 46 anos e seu relacionamento conjugal era muito bom, pois viviam “sempre como namorados”. Ela afirma ainda não havia superado a perda, visto que sente muita saudade do seu marido, pois que ele ‘era uma pessoa maravilhosa e fazia tudo para ela’. Relatou que tem intensa participação da vida em família e que, como tradição, o almoço e a conversa aos domingos sempre são momentos muito importantes no cultivo da união familiar, apesar da perda de seu marido.

Segundo ela, mesmo sendo católica praticante, está aberta a outras crenças, como por exemplo, o espiritismo. Para tanto, tem um altar no seu quarto, onde faz suas orações e meditações diárias. Ao final, presenteou à pesquisadora algumas revistas e livros de cunho espiritual.

Entrevistado 2 e 3 (avós do Aluno F)

A avó mostrou-se muito simpática, oferecendo um chimarrão e discursou sobre a plantação dos chás e das verduras. Está com 70 anos de idade, possui nível de escolaridade até a terceira série e é descendente de índio. Ela mora juntamente com seu marido e sua residência encontra-se no terreno ao lado da casa da neta. Mostrou-se uma idosa muito batalhadora e enfatizou que a família e os netos eram muito importantes para ela. Sendo que eles costumam se reunir todas as terças-feiras e aos domingos, quando é dia de buscar o pão na casa da avó.

O avô, ao chegar do trabalho explicou que, mesmo sendo aposentado e contrário ao discurso dos filhos, não quer parar de trabalhar. Ele informou que

possuía dificuldade na articulação das palavras, visto que fora vítima de câncer nas cordas vocais. Ele tem 70 anos de idade e manifestou extrema preocupação para com a neta.

O casal tem 18 netos, sendo que alguns moram em outra cidade. A avó destacou que a neta que está mais próxima é justamente a aluna F. Na saída, a avó ofereceu orgulhosamente à pesquisadora uma cuca que acabara de assar, evidenciando suas habilidades culinárias.

Entrevistado 4 e 5 (avós do Aluno B)

Chegando à residência dos avós, havia um ambiente bastante agitado, porque em alguns dias seria o casamento de um neto (irmão do Aluno B). A avó mostrou-se um pouco receosa com o uso do gravador e disse, com teor de brincadeira, que algumas coisas não poderiam ser relatadas. No entanto, no decorrer da entrevista, conforme interpretação da pesquisadora, ela mostrou fidedignidade e autenticidade nas informações prestadas.

A idosa demonstrou ser uma senhora muito ativa, trabalhadora e preocupada com todos os membros da família. Para tanto, exibiu orgulhosamente várias fotos dos netos.

A avó tem 67 anos e possui nível de escolaridade até a oitava série. Relatou ser descendente de português e católica. Também enfatizou que possui dez netos, sendo que cuidou de um deles, quando o mesmo era recém-nascido.

Já o avô encontrava-se numa cadeira de rodas, visto que tivera isquemia cerebral há um ano. Apesar da dificuldade em falar, fez questão em participar da entrevista. E, durante seu depoimento, reportando-se ao neto, emocionou-se diversas vezes, chorando e fazendo algumas interrupções. Ele informou estar com 70 anos de idade, ter nível de escolaridade primária e ser descendente de português. Também enfatizou ser praticante da Assembléia de Deus.

Entrevistado 6 (avó de Aluno G)

No contato inicial, a avó mostrou-se muito falante e interessada em colaborar na entrevista, porque, conforme seu relato, ela adorava a neta, pois ela era ótima, sempre a ajudava ir ao centro, pagar as contas e limpava a casa.

Mostrou-se uma idosa muito participativa e ativa, auxiliando em diversas instituições de caridade. Segundo ela, encontrava-se no seu segundo relacionamento conjugal, porque seu primeiro marido (no caso o avô sanguíneo da Aluna G), era alcoólatra e nunca havia prestado algum auxílio na educação dos filhos. Também afirmou atualmente estar criando mais dois netos, os quais co-residem em sua casa.

Conforme a interpretação da pesquisadora sobre o discurso da avó, a idosa teve uma história de uma mulher forte, pois que rompera determinados padrões sociais. Ela disse que “não queria mais seu marido”, como também ela havia “criado seus filhos sozinha”. Para a geração dessa avó, a separação conjugal e a iniciativa de provedora dos filhos não é o esperado do papel de mãe e mulher. E agora, mostrou-se bastante satisfeita com sua outra escolha conjugal, porque este era muito bom e pensionista militar.

A avó tem 69 anos e explicou ter estudado até a sexta série. Ela, conforme seu depoimento, lamenta não haver concluído seus estudos, visto que sua família era de condição humilde, não tendo, dessa forma, suporte econômico para continuar sua formação escolar. No entanto, manifestou de forma orgulhosa, que seus filhos completaram sua formação até o Ensino Médio.

Entrevistado 7 e 8 (avós do Aluno A)

A acolhida dos avós para com a pesquisadora foi prestativa, porque, conforme eles, a neta era muito importante para eles. Estavam ansiosos pela chegada, apesar da pesquisadora estar no horário estipulado.

A avó tem 74 anos de idade, estudou apenas dois meses e sempre morou na mesma localidade. É católica e descendente de índio. Relatou que tem seis filhos, quatro bisnetos e que a quantidade precisa dos netos ela desconhecia, visto que seu discurso foi: “Meu Deus. Perdi a conta”.

São sujeitos sociais que tiveram uma condição muito sofrida e a avó lamentou não poder mais trabalhar, visto que tinha problemas em relação à saúde, porque é cardíaca.

O avô relatou que, caso sua cônjuge viesse a falecer, seu destino não seria o asilo, porque sua neta o abrigaria e cuidaria dele em sua casa. Ele tem 73 anos de idade e origem indígena.

Entrevistado 9 e 10 (avós do Aluno C)

No contato prévio por telefone, a avó mostrou-se muito interessada e disposta a cooperar. Segundo ela, a pesquisadora poderia vir em qualquer horário e em qualquer dia.

A residência dos avós do Aluno C localiza-se num bairro retirado, possibilitando um espaço para o plantio de diversas árvores frutíferas, bem como legumes, verduras, tais como: aipim, laranja, milho, moranga, chuchu, etc.

Conforme o relato do avô, estavam muito satisfeitos e orgulhosos com o neto, já que ele era muito querido por eles, respeitador e todos gostavam dele.

O avô está com 67 anos de idade e avó com 62. São ambos aposentados e analfabetos. Os avós possuem nove netos, sendo que uma neta, com idade de 11 anos, está aos seus cuidados e co-reside com eles.

São pessoas simples e extremamente religiosas. Inclusive o avô recitou diversos trechos bíblicos, demonstrando sua fé e princípios de vida cristã. Foram muito atenciosos durante a entrevista, oferecendo-me um chimarrão e doces feitos pela avó. Ao final da conversa, prestigiaram-me com alguns alimentos por eles cultivados.

Entrevistado 11 (avó de Aluno E)

A avó mora sozinha num terreno ao lado dos familiares do neto participante da pesquisa. Ela tem 73 anos de idade, é viúva, nível de escolaridade primária e sua religião é a católica. Narrou que tem doze filhos, neto tem bastante, aproximadamente onze, e bisneto são no total quatro.

A família do Aluno E encontra-se numa situação boa, porque, conforme o observado, seu pai é proprietário de um supermercado e padaria, já sua mãe é dona de um salão de beleza. A casa dessa família é merecedora de elogios, considerando o bairro modesto de sua localização, como também em contrapartida com a residência da avó, que por sua vez é singela.

A avó foi muito prestativa e sua entrevista sucedeu-se na presença do neto. Relatou que ele era muito legal, pacencioso e seu neto preferido. Também informou que ela havia cuidado do neto a partir dos três anos de idade dele.

Entrevistado 12 (avó do Aluno G)

Essa entrevistada encontrava-se numa cadeira de rodas, visto que estava num processo recuperatório cirúrgico decorrente de uma queda. Ela tem 68 anos de idade, é católica, mas disse estar aberta a outras religiões. Frequentou apenas a primeira série e é descendente de italiano. A avó está viúva e possui uma filha e dois netos.

Possui residência própria e em boas condições, sendo que em sua casa funciona um escritório administrado pelo genro, o que gera um fluxo bem intenso de pessoas no ambiente.

No entanto, conforme seu discurso ela não mora sozinha, porque sua filha e seu neto sempre estão em sua casa; já, durante o período da noite, encontra-se sozinha.

A avó estava constrangida, fazia alguns movimentos demonstrando seu nervosismo, tais como: batia um papel na cadeira, falava em tom baixo, franzia a testa. O motivo de sua inquietação era a presença de seu genro que estava almoçando e fazia diversos barulhos. Num determinado momento da entrevista, veio a interromper a conversa, dizendo que ela (referindo à avó) deveria dizer a verdade. Quando ele se retirou, mostrou-se mais tranqüila.

Ao final da entrevista, ofereceu-me um suco e doces. Também mostrou-se preocupada e interessada no trabalho. Ela entregou à pesquisadora alguns

registros que havia feito sobre seu relacionamento familiar e, em especial sobre seu convívio com o neto em questão.

Nesse momento, mediante a descrição de características relevantes dos sujeitos da pesquisa, sugere-se, com intuito de facilitar uma melhor compreensão das falas dos avós, a evidência de elementos que configuram as categorias analíticas. Tais categorias de análise foram criadas a partir dos dados que se salientaram nas inúmeras leituras das entrevistas cedidas pelos idosos.

Em consonância com o procedimento utilizado com os netos, para preservar as identidades dos avós será referido a eles como Entrevistado 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11 e 12.

A – Companheirismo

De acordo com os relatos dos avós ao serem abordados sobre atividades em conjunto com seus netos, destacaram a incidência de diversas situações, tais como passeios, jogos, preparo de refeições e diálogos. Pode-se depreender que esse companheirismo entre as gerações traduzido nas tarefas simples do “dia-a-dia”, representam momentos significativos.

Isso mostra o depoimento do entrevistado 1:

Tudo que é coisa, pra me acompanhar, fazer alguma coisa, *comigo ele vai*._Ano passado em Canela, como eu trabalho há 24 anos, eu ia fazer um evento. Ia comemorar lá a Pierre Alexander. (...) O pai dele, quando tem os passeio dele da Sthil para SC, ele não vai com ele. Agora quando eu vou fazer uma viagem, *ele vai comigo*. Ele tem um *cuidado excessivo*, uma preocupação comigo. O F. (*Aluno D*) vem sempre aqui, *fica comigo*. Até dormia aqui comigo.

No registro acima, a avó demonstra que a atividade compartilhada com o neto é a de fazerem passeios. Nesse caso, o neto prefere a companhia da avó a do seu pai. Geralmente, os adolescentes não gostam de passear com os adultos, no caso o pai ou a mãe, porque sentem vergonha, até dizem que “estão pagando

um mico”. Porém em relação a sua avó, o jovem sente a necessidade de acompanhá-la, porque, se preocupa com ela e, acima de tudo, cuida dela. Tal realidade retrata uma inversão de papéis sociais, visto que o neto tem a função de cuidar da avó.

Da mesma forma, a avó (Entrevistado 2) mostra satisfação relatando a presença contínua da neta em sua vida:

A gente *fica juntas, faz comida juntas*. A gente conversa. A gente, às vezes ele quer fazer alguma coisa que ela não sabe fazer, ela vem pra *mim ajudar ela*. Ela está sempre assim junto com a gente.

No relato da avó, a atividade compartilhada tem relação com o cotidiano de sua vida. Quer dizer, a avó ocupa-se com os afazeres domésticos e a neta lhe faz companhia, ao passo que a avó tem o papel de repassar conhecimentos, ajudar a neta no que ela precisa. Tem-se, nesse exemplo, o companheirismo entre as gerações possibilitando a troca de saberes.

Igualmente outros relatos demonstram o companheirismo intergeracional, como em:

Entrevistado 6: Uma vez nós ia sempre almoçar no Padre Réus. Nós vamo lá na missa às 11h néh. Depois ficamos lá almoçando fora. *Ela é sempre minha companheira. Sempre foi.*

Entrevistado 9: O avô, respondendo ao questionamento sobre a ocorrência de atividades em conjunto, diz que: Muito, sai para passear, nós não saímos. Assim tomemo um *chimarrão junto*. Porque ele sempre ta no serviço. Nós conversemos olhando televisão.

Em relação ao entrevistado 6, a avó destaca o papel da neta como sua companheira fiel. As atividades em conjunto são irem à missa, almoçarem juntas. Em seu discurso, a avó revela de forma positiva a relação com a neta, sendo que

esta é mediada pelo companheirismo e pela cumplicidade. Nas palavras da idosa, a neta “é sempre minha companheira”.

No outro exemplo, o avô e o neto não costumam se ausentar da residência, pois que é o jovem que visita seu avô. Nessa situação a cumplicidade está em tomarem chimarrão junto. O chimarrão trata-se de uma bebida típica do Estado do Rio Grande do Sul e é servida numa cuia, na qual coloca-se a erva-mate. A bebida é tomada quente, através de uma bomba.

Isso tem um simbolismo na cultura sul-brasileira, porque o ato de compartilhar a cuia do chimarrão para o gaúcho é a amizade, o companheirismo, é querer bem. Além disso, tomar chimarrão, tem um significado de unir as pessoas, para conversar, sendo, portanto, um momento de comunicação e diálogo.

Todavia, no relato a seguir, a avó (Entrevistado 10), referindo-se ao neto, destaca, com certa nostalgia, que nessa fase do seu desenvolvimento vital, não existe mais companheirismo entre eles; visto que seu neto tem outros interesses, outras ocupações:

Agora ele joga videogame. Quando ele era pequenininho, a gente jogava carta. Era sagrado. Todo sábado. Ela (em referência à geração intermediária – a filha) fazia pizza e vinha com eles, tomava um vinhozinho. E ele não, tomava refri. E nós jogava canastra.

Esta tendência está muito bem explicitada por Goldfarf; Costa Lopes (2006, p.1378):

Freqüentemente os avós se sentem abandonados pelos netos quando estes chegam à adolescência ou à juventude. Brincavam e participavam das vicissitudes de sua vida infantil, mas parece que só sabiam ser avós de netos-crianças. Quando essas crianças crescem, ficam amarrados à infância de seus netos, esperando que eles voltem como esperaram que voltassem a infância de seus próprios filhos e a sua própria. Não conseguiram acompanhar sua descendência com o próprio crescimento. Nessa espera inútil, acabam por se isolar e abandonar seu relevante lugar na estrutura familiar.

B -Cuidados e Reciprocidade

O sentido do cuidado possui uma dimensão ontológica que entra na constituição do ser humano (Boff, 1999). Saber cuidar significa se preocupar com o outro, dar atenção ao outro, porque a pessoa que tem cuidado se sente envolvida e afetivamente ligada ao outro.

Conforme a narrativa da avó (Entrevistado 1), o neto demonstra cuidados, até certo ponto, excessivos para com ela:

*Ele, desde pequenininho. Faz anos que eu não tenho mais cartilagem no joelho. E eu como ia muito a SC buscar roupa, e ele então arrumava ele, ajudava, não deixava faltar nada, aproveitava os dias que não tinha aula, saia comigo. Nos dias em que eu fazia compras, não deixava eu segurar as sacolinhas, ele era *que pegava as sacolinhas*. Ele me cuida assim, precisa ver néh. Ele tem um cuidado excessivo, uma preocupação comigo. *Ele me cuida, me cuida.**

Nesse relato merece destaque a inversão de papéis. A avó, de quem se espera culturalmente a função de cuidadora, passa a ser cuidada pelo neto. E isso, segundo a fala da avó, o neto vem fazendo desde a sua infância. O neto é extremamente zeloso, cuidadoso para com sua avó, mostrando um grau de maturidade e responsabilidade raros para um adolescente.

Entrevistado 4: Quando precisa de alguma coisa eu ajudo. Então *eu dou dinheiro* para comprar as passagens. *Eu ajudo, no que eu puder eu ajudo*. Eu sempre to perguntando; meu filho não ta precisando de nada. Se eu pedir, ele vem coitadinho. *Arrumou meu chuveiro*. Assim no que precisar, se eu pedir ele vem. Mas eu não peço muito porque ele vive nos colégio. Mas ele diz. Vó sábado é meu dia de folga, *eu venho te ajudar*. Ele não sabe dizer não para gente.

Percebe-se, também que as atitudes de cooperação e cuidado são manifestadas por parte da avó e neto, evidenciando, então uma reciprocidade

entre as gerações. As relações que apresentam a troca de favores, de cuidados são as mais satisfatórias. No exemplo, está a avó continuando sua função de provedora familiar, enquanto o neto retribui prestando ajuda, como arrumando o chuveiro.

Em relação à reciprocidade na relações intergeracionais, Prado L. Erbolatto orienta que (2006, p. 1327):

O “dar e receber” suporte é descrito como reciprocidade, característica das relações sociais de grande parte do mundo ocidental. Relações não-recíprocas trazem, de acordo com a literatura, efeitos nocivos para os envolvidos. Aquele que oferece mais do que recebe termina incomodado pela dependência do outro e sente-se explorado. Aquele que recebe mais do que tem condições de oferecer pode sentir sua independência ameaçada e desenvolver sentimentos negativos em relação ao doador.

Em consonância com o exposto acima, a avó (Entrevistado 4) declara sobre a neta:

A N. (referindo-se à neta) sempre me ajuda, assim busca uma ordem no médico para mim, me leva no médico junto. Daí *ela me ajuda em muita coisa*. Ela é muito legal, eu adoro ela. *Sempre eu dou ajuda pra ela*, sempre eu tou perguntando ela alguma coisinha ou outra, sempre to ajudando.

Conforme Ana Maria Goldani da Universidade de Califórnia (UCLA), discutindo acerca do funcionamento do contrato intergeracional nas famílias brasileiras, argumenta que:

O comportamento dos membros da família brasileira, em termos dos valores normativos e os sentimentos de afeto e reciprocidade, corresponde ao esperado pelo contrato implícito entre as gerações. O cuidar e o ser cuidado nas famílias brasileiras segue o equilíbrio entre afetos e reciprocidades em uma estrutura normativa.

Outros exemplos reforçam a categoria do cuidado enquanto uma prática da relação entre avós e netos:

Entrevistado 5 na condição de cadeirante e dependente, ao ser questionado sobre atividades em conjunto com o neto, relata que: Ele costuma me ajudar. *Ele me ajuda a andar na cadeira de rodas.*

Entrevistado 10: a avó, reportando-se ao momento em que estava impossibilitada de andar sozinha, fala: Da época que eu quebrei meu pé, ele até andou comigo no colo. *Fazia de tudo.* Antes de dormir. Vó tu quer isso, quer aquilo. Quer que eu te ajude. *Me ajudou até par ir no banheiro*

C – Valor da Família

Os avós, ao serem questionados sobre aspectos importantes para suas vidas, mostraram que a saúde, a amizade e a espiritualidade são valores dignos de menção. No entanto, em primeiro plano, enquanto categoria em evidência, está a família como sendo valor máximo para o sentido existencial desses sujeitos.

Isso mostra o relato da idosa (Entrevistado 1):

Isso pra mim, os meus valores, são os meus filhos, *é a minha família. Família, eu acho que é tudo.* Na minha família, graças a Deus, sempre existiu e existe muita união. Quando eu tinha meu marido, era a união da família, fazer domingo um churrasco, fazia tortas, fazia doces, tudo era coisa boa. (...) Pra mim a coisa mais importante é a família, meus filhos.

Com as mesmas palavras, outros depoimentos demonstram o valor da família:

Entrevistado 6 e 7.: *A família, os netos quero bem eles. Se acontecer alguma coisa com eles, Deus o livre. / A minha filha, os netos, a família. Os meus filhos, a minha veia é minha fortuna.*

Entrevistado 12: A minha família. De um modo geral, minha filha, meus netos. Meus amigos, de um modo geral. A minha família é mais importante. É mais importante do que o dinheiro.

A pesquisadora, após os comentários dos avós, também questionou se esses valores eram, igualmente, significativos para os netos. Convém frisar que dentre sua maioria, conforme os relatos dos avós, a família é um valor para seus netos. Ao autores Falke e Wagner (2005) argumentam que: “O conceito de valor é utilizado para indicar os aspectos que a família ou grupo social se preocupam em transmitir aos seus descendentes”.

Nesse sentido, o presente estudo parece contradizer o que Goldfarb;Costa Lopes enfatizam a respeito da relações intergeracionais no âmbito familiar:

A importância que a família tem para o idoso parece não corresponder à importância do idoso para a mesma. Os parâmetros de intimidade guardam dimensões bem diferentes para o idoso e para os outros membros do mesmo grupo familiar. As gerações mais jovens organizam a vida social em torno de pessoas da mesma idade em função de trabalho ou estudos, enquanto os mais velhos, com uma vida social mais restringida, parecem estar sempre aguardando a visita da família, atenção esta que lhes parece sempre demorar a chegar.

D – Transmissões educacionais verbalizadas

Em relação às transmissões educacionais verbalizadas nas entrevistas dos idosos, percebe-se claramente nessas a pretensão de garantir uma ligação, uma transição entre a geração predecessora e sua sucessora, inscrevendo-se dentro de uma duração maior do que a sua própria.

Nesse sentido é importante o conceito de Goldfarb;Costa Lopes que dizem respeito as três dimensões da transmissão psíquica entre as gerações. As autoras referem-se à transmissão transgeracional, a intersubjetiva e a

intergeracional: “A intergeracional, constituída por vivências psíquicas elaboradas que constroem histórias, mitos, produzem identificações e possuem alto nível de simbolização, elaboração e transformação na aceitação das diferenças” (2006, p. 1374).

È possível identificar as transmissões, por exemplo, nos conselhos dados pela avó (Entrevista 1) ao neto:

Os conselhos são os mesmos que eu dou para meu filho, eu dou pra ele. Não se envolver com dois ou três na rua, sabe isso aí não convém, os meninos da rua fazem isso. Não ta certo isso. Então essas coisas, *não andar na rua com quem não te conhece*, um estranho néh. De repente vem uma droga, um chocolate. Não dar atenção pra os estranhos na rua. Assim que ele se cuide néh. Não dar abertura pra certas coisas que a gente escuta no rádio, no jornal.

Referente à prática de aconselhar, Leite (2004, p. 67) explicita:

O conselho é visto pelas avós como uma maneira de auxiliar os membros a resolverem os problemas que surgem. O conselho é próprio de pessoas que já com certa experiência de vida adquiriram outra visão de vida e assim podem ouvir e falar. É um mecanismo a seu favor nessa relação de mediação entre duas ou mais pessoas.

Da mesma forma, as transmissões educacionais estão em evidência nas orientações tecidas pela avó (Entrevista 2):

Ouvir o pai, ouvir a mãe. Fazer as coisas certas, estudar bastante, pra depois não ficar reclamando que não tem estudo.(...) Falo pra ela, não faz isso nunca. *Larga a mão de namorar*, depois aí, é outra coisa. Sempre falo isso pra ela. Eu disse: quando tu estudar, tu vai estudar, tu vai pegar idade, *tu vai trabalhar, vai comprar teu carro, vai comprar teu apartamento vai ter o que é teu, vai viver a tua vida.* _E pensar num homem que (eh...). Hoje em dia tem que ser assim néh. Ter uma pessoa boa, porque uma pessoa que não vale nada, vai se arrepender depois e ta cheio de filhos.

Os temas evocados por essa avó, como a importância da jovem estudar e trabalhar são alguns dos valores cultuados pela sociedade moderna. É outra transmissão educativa também o valor do consumo, em decorrência das forças anteriores. Em outras palavras, a avó instrui sua neta em relação às futuras escolhas que surgirão na vida dessa jovem. A avó orienta que, inicialmente é preciso se dedicar ao estudo, ao trabalho, e criar certa autonomia, para, posteriormente, pensar numa relação conjugal.

Igualmente essas transmissões educacionais fazem-se presentes nos aconselhamentos da avó (Entrevista 4), dizendo que:

Quando ele chega (referindo-se ao neto) ta cansado, eu digo deita um pouquinho filho. Daí eu tento aconselhar: vai filho, não desiste não, ele queria muito trabalhar. Vai filho *faz teu futuro*, nem que sofra um pouquinho. Porque sempre teve vontade de ter seu dinheirinho néh. Daí porque *sem estudo não se consegue nada*. Eu sei que demora, mas uma hora isso vai acabar. É o que aconselho a ele muito, *nunca largar os estudos*. Porque Deus o livre.

Na fala dessa idosa, está implícita uma necessidade da sociedade contemporânea – o conhecimento e a formação constante. A avó orienta seu neto em relação a essa exigência da sociedade educativa: persistir nos estudos, se dedicar ao trabalho e desenvolver sua independência, nas palavras dela, fazer seu próprio futuro.

Nesse sentido, vale a contribuição de Santos (2003, p. 53):

Na vivência diária é que os avós transmitem aos netos os conteúdos essenciais de sua cultura, embora algumas vezes ocorram conflitos quanto à aceitação e à incorporação desses valores. Há também a possibilidade de que, juntos, eles definam novos valores ou alterem os já existentes, possibilitando assim o revigoramento da cultura.

E ainda, conforme o relato da avó (Entrevista 8):

Eu sempre procuro avisar meus netos também. *Não mexer nas coisas dos outros*. Pra isso tem o décimo mandamento. Mas eu digo mesmo assim; não mexe nas coisas dos

outros, não dá lucro pra ninguém, só dá cadeia, daí. Só dá sujeira. Aviso eles, bem desde novo eu aviso. Porque hoje é tudo moderno, não é quando a gente se criou (...) Eu digo pras minhas netas, *não fazem nada de errado*. Até agora, graças a Deus, não fizeram nada de errado. Estão tudo honestamente, fazendo coisinha certa.

De certa maneira, conforme pode-se supor, identifica-se nesses relatos a preocupação dos idosos em transmitir valores, tais como: o estudo, o trabalho, o cuidado com pessoas desconhecidas, o respeito para com os pais e a honestidade. Nesse sentido, fica evidente que o reforço e a reafirmação desses valores da parte dos mais velhos tem o intuito de conservar e perpetuar tais ensinamentos aos seus sucessores: os filhos e os netos.

E – Relação com o neto

De acordo com os relatos dos avós, a relação com seus netos é mediada pelo diálogo sobre diversos temas, tais como: a vida escolar do neto, os relacionamentos afetivos do neto, o cotidiano e o trabalho do neto. No entanto, o diálogo nem sempre implica na convergência de idéias, todavia, vale ressaltar a importância de se oportunizar a interlocução com o idoso no âmbito familiar.

É nesse sentido que Bosi (1998, p. 78) nos alerta:

Não se discute com o velho, não se confrontam opiniões com as dele, negando-lhe a oportunidade de desenvolver o que só se permite aos amigos: a alteridade, a contradição, o afrontamento e mesmo o conflito. Quantas relações humanas são pobres e banais porque deixamos que o outro se expresse de modo repetitivo e porque nos desviamos das áreas de atrito, dos pontos vitais, de tudo o que em nosso confronto pudesse causar o crescimento e a dor! Se a tolerância com os velhos é entendida assim, como uma abdicação ao diálogo, melhor seria dar-lhe o nome de banimento ou discriminação.

Isso vem de encontro com o manifesto da avó (Entrevista 10):

Briga não, mas a gente tem, às vezes, *discordância de uma e de outra coisa*, néh. Às vezes são pequenas coisas que a gente discorda. A gente discorda assim em termos de uma ou outra coisa assim de casa. Quando ta dizendo alguma coisa de alguém, ele discorda. Assim vice-versa.

Conforme o depoimento da entrevistada 1, a relação com seu neto tem como sustentáculo o diálogo, implicando na exposição do ponto de vista de ambas as partes. Ao mesmo tempo, essa relação é vista de forma positiva pela avó.

Eu gosto de contar certas coisas da minha história, ele presta muita atenção. Às vezes ele fica muito admirado das histórias que eu conto pra ele, néh. A minha nora deixou com *que eu aconselhasse ele*, se eu achava que ele estava desenvolvendo mesmo. Sempre deu muito certo, sempre foi obediente para mim, não contrareia. Mas ele tem as opinião dele também. Ele é muito inteligente. (...) Comigo é matéria escolar, comigo ele fala sobre alguma coisa que ele precisa. Os resultado das provas, tudo, tudo ele sempre me conta. Me traz o boletim para me mostrar.

Essa mesma informante, ao ser indagada sobre a ocorrência de conflitos, relata: Como eu digo, ele é muito educado comigo. Ele não me contrareia, escuta meus conselhos, me leva a sério mesmo. *Ele nunca*, os outros netos me respondem. (...) Então com eu disse: o nosso relacionamento é muito bom, não tem atrito, ele me ouve. *È baseado no diálogo.*

Nesse relato, a avó chama a atenção para um aspecto da relação intergeracional: a avosidade. “A avosidade é uma função intimamente ligada à função materna ou paterna das quais se diferencia, mas que, como aquelas, tem um papel determinante na estruturação psíquica do sujeito” (Goldfarb;Costa Lopes, 2006, p. 1378).

Ser avó pode ser entendido na relação do imaginário de “ser mãe duas vezes”. A avó demonstra seu papel, ora exercendo a função materna, ora a função mediadora, no momento em que existem conflitos com a geração do meio. As avós procuram afirmar-se como mediadoras nas relações entre pais e filhos, pois acreditando-se mães dos netos, elas têm o direito de opinar em favor de seus filhos, isto é, de seus netos (Leite, 2004).

Nesse sentido, a função de avó requer uma elaboração do questionamento do próprio papel como filha e como mãe, na tentativa de não repetir os erros e de compensar as faltas.

Em conformidade com o depoimento anterior, o relato do avô (Entrevista 3) sugere a importância do diálogo na relação intergeracional:

O adolescente já vai procurar o outro na rua, e não mais com o pai, com o avô ou conhecido. Ele vai *procurar o mais distante*, que tá mais. Ele é bem diferente. Eu acho que o valor que a gente tem que dá pra eles é *trata eles com diálogo*, mas com muito carinho.

Essa colocação vai de encontro ao que muito bem nos informa Calligaris (2000): “Estar entre os iguais pode ser uma das únicas alternativas para o adolescente”. Nesse caso, quando o avô se refere ao neto procurar o distante, significa procurar alguém fora do seio familiar. Ao passo que o avô não deixa de mostrar a importância de se estar próximo ao jovem, de manter um diálogo e uma maior compreensão.

Em relação ao diálogo entre os diferentes, no caso a diferença etária, Burbules e Rice orientam que:

Existe uma mudança fundamental na visão de mundo, ao se passar de uma perspectiva que considera a diferença como um problema, uma ameaça, um incômodo ou uma barreira intransponível, para uma perspectiva que vê a diferença – qualquer diferença – como uma oportunidade, como um desafio a nossas capacidades de comunicar e compreender. Nessa última visão, essas diferenças, embora difíceis de serem ultrapassadas, podem melhorar nossa compreensão de nós mesmos e dos outros, isso para não falar dos benefícios sociais mais amplos em termos de promover a concórdia e a cooperação social. (BURBULES; RICE, 1993, p. 200)

Ainda pertinente ao olhar dos avós sobre sua relação com os netos, convém salientar que, de acordo com os relatos dos idosos, não consta a evidência de conflitos nesse meio pesquisado. Entretanto, conforme a situação descrita pela pesquisadora, a avó (entrevistada 12) estava constrangida e nervosa em alguns momentos da conversa.

Esse dado reflete a idéia do emergente “conflito intergeracional” acerca da distribuição de recursos entre os pilares responsáveis pelo bem-estar: a família, o

mercado e o Estado (Goldani, 2004). Essa autora argumenta que: “Se um dos pilares não corresponde às expectativas, existe sempre a possibilidade de que os dois remanescentes possam absorver a responsabilidade ou, alternativamente, que os problemas de bem-estar não-resolvidos aumentarão ainda mais” (Goldani, 2004, p.216).

A avó em questão carecia de cuidados, visto que havia fraturado sua perna e estava em processo de recuperação cirúrgico. Ao mesmo tempo, esse fato havia corroborado com o aumento do orçamento familiar, visto que foram necessários gastos extras decorrentes das despesas hospitalares para com a avó. A avó não dispunha de um convênio médico e sua aposentadoria não supre o dispêndio para com sua internação, cirurgia e os medicamentos, levando a família a cumprir seu papel de suporte econômico e de ajuda. Isso nem sempre é aceito sem conflitos por todos os membros familiares.

F– Afetividade

O respeito, o afeto, bem como a demonstração de carinho estão presentes na relação intergeracional, conforme os relatos dos avós. As avós sabem que é pela afetividade que elas mantêm a família unida e é isso que elas querem, como objetivo para suas vidas. A afetividade é uma condição fundamental para o convívio e a troca nas relações entre os netos e avós. Essa constatação é sugerida nos fragmentos abaixo:

Entrevista 2: Melhor coisa que você dá pro teu filho é aquele *carinho de mãe mesmo* de vó, como eu dou muito carinho pros meus netos. Então quando chega o natal eu falo pra eles, eu não tenho nada pra dar pra você, então eu *vou dar um beijinho*.

Entrevista 4: Eles (referindo-se aos netos) podem ter algum defeito, ser arteiro, mas nunca faltaram com respeito comigo, de levantar a voz. Essa felicidade eu tenho, eles são muito educados (...) Meus Deus. *Eles sempre me respeitaram*. Então eu fico muito feliz.

Entrevista 8: A N. (referindo-se à neta) significa muita coisa pra mim. *Amor, carinho*, a gente dá e ela também. Adoro ela por isso. É a neta que mais me procura também. Ela está em primeiro lugar. *Eu adoro ela, ela é muito querida pra mim*.

Em relação às trocas nas relações intergeracionais, Santos orienta sobre os benéficos que tal convívio pode oportunizar:

Os idosos poderiam cuidar dos jovens, supervisioná-los e educá-los enquanto seus pais estão envolvidos em suas atividades profissionais; os jovens poderiam suprir necessidades dos idosos quanto à informação, educação, atualização e treinamento no uso de novas tecnologias. Essas trocas de experiências favoreceriam o estabelecimento de vínculos afetivos, o reconhecimento do outro como pessoas e suas peculiaridades, possibilitando a quebra de estereótipos por ambas as partes e facilitando o estabelecimento de interações profundas e verdadeiras (Santos, 2003, p. 50-1).

Nos relatos dos idosos as trocas de carinho e de afeto se fazem presente, quando, como no primeiro exemplo, a avó expressa que nada substitui o carinho que se pode dar ao neto. Ela, nem sempre, dispõe de recursos para brindar a jovem nas festas natalinas, por isso procura recompensar e demonstrar seu afeto por intermédio de um beijinho.

A avó evidencia um aspecto cultural, visto que no Brasil, tem-se o costume de expressar os sentimentos e emoções com gestos; as relações interpessoais são mediadas pelo abraço e pelo beijo como tratamento natural e espontâneo.

Ao mesmo tempo, ao passo em que a avó não compactua com o apelo ao consumismo, não comprando um obséquio para a neta, ocorre uma transmissão psíquica entre a geração mais velha à geração mais jovem: valorizar o ser em detrimento ao ter.

No outro exemplo, a avó retrata o intercâmbio de amor e carinho entre as gerações, dizendo que “a gente dá e ela (referindo-se à neta) também”. É a afetividade como sustentáculo da relação intergeracional. Nesse sentido, a troca de vínculos afetivos entre avós e netos, dá margem para a interpretação, da possibilidade de se estabelecer interações profundas e verdadeiras, bem como do processo co-educativo entre as gerações.

G – Aprendizado a partir do convívio intergeracional

Os idosos, no momento da entrevista, ao serem indagados quanto à possibilidade de terem aprendido ou ensinado algo aos netos, ou então se ocorrera neles uma mudança comportamental a partir do convívio com os jovens, a resposta destes foi positiva.

É o que bem nos mostra Santos (2003, p. 53):

Outro enfoque importante a ser destacado é que o contato intergeracional propicia o exercício de uma prática educativa e a transmissão da cultura através de modelos e do relato oral. Esse é um caminho de mão dupla, isto é, tanto os avós educam os netos como são educados por estes, procedimento esse mediado pela cultura e pelo mundo que os cerca. Um dos grandes méritos do processo co-educativo é compreender os velhos (os avós) não como pessoas acabadas, que já foram, mas como pessoas que estão sendo, com opiniões próprias e com muito a ensinar.

O relato da avó vai ao encontro com o exposto acima:

Entrevista 2: *Mudou muito. Porque eu era muito ruim, braba. Sabe, eu exigia das pessoas aquilo que eu queria. Aí, as minhas filhas sofreram muito. Às vezes eu falo pra elas que elas sofreram muito, porque se não fosse como eu queria, elas apanhavam e aí eu falo pra elas, a tua mãe é boazinha. Ela conversa com você.*

No exemplo, pode-se supor que avó mudou seu comportamento, porque ela era bastante rude, braba, rígida com as pessoas. No entanto, a jovem com suas vivências individuais educou a avó em relação à maneira de conduzir a vida e as relações interpessoais ou intrafamiliares, tendo mais flexibilidade, mais liberdade.

Também a avó enfatiza que a geração intermediária vem apresentando alterações na forma de educar os filhos, ou seja, o diálogo é mais freqüente, atualmente existe uma abertura nas relações familiares.

Outras narrativas dos idosos demonstram que eles foram educados pelos netos:

Entrevista 8: Com a N.? *Aprendi de ser amorosa que nem ela.* O amor em primeiro lugar, a paz também em primeiro lugar. A paz, o amor e a saúde.

Entrevista 9: *Ter paciência, eu não tenho a paciência que ele tem.* Se tem um guri que vem e dá um tapa nele, eu não consigo eu não posso, eu tem que sair atrás dele. E ele não, ele tem paciência, ele deixa passar. Eu já não posso.

Nesses relatos, os velhos mostram explicitamente que houve um aprendizado a partir do convívio com o neto, seja em relação à atitude de ser mais amorosa, de expressar os sentimentos, seja quanto a ter mais paciência no que tange as relações humanas. Através da relação face a face, avós e netos, as avós também se modificam.

Entrevista 10: *Aprendi muitas coisas.* Eu não sei quase nada ler nem escrever, nem nada. Ele soma os pedidos da Avon pra mim. Uma ou outra coisa. Enfim ele sabe, eu aprendi bastante, e como! *Maneira de ser mais liberal.* Aprendi, Oxalá, se aprendi! *Eu ensinei a ter bons costumes.* De um modo geral. Assim, néh. E eu a ter mais liberdade. De ter liberdade pra o que tem que me dizer. De fazer gozação, pra fazer ele faz. Eu mesma também. *A gente aprendeu bastante.*

No exemplo acima, a avó justifica a relação intergeracional como uma possibilidade de troca de saberes, ou seja, de um processo co-educativo. O mais velho ensina ao neto os bons costumes, enquanto que a outra parte, aprendeu a ser mais liberal, a fazer gozação. Enfim, ela fala que “a gente aprendeu bastante”.

A partir da análise do olhar de uma geração em relação à outra, no caso a adolescência e a velhice, enquanto netos e avós, bem como do convívio entre os mesmos no âmbito familiar, acredita-se que o presente estudo reforce o que e para Paulo Freire (1983) é importante quando afirma que “(...) não há seres educados e não educados. Estamos nos educando. Existem graus de educação, mas estes não são absolutos”.

Embora a simplicidade encontrada nos registros dos diários, as narrações sucintas, e o cotidiano singelo descrito pelos participantes da pesquisa, é possível um olhar para além das palavras. Como muito bem informa Lüddke;

André (2004 p. 48) “É preciso que a análise não se restrinja ao que está explícito no material, mas procure ir mais a fundo, desvelando mensagens implícitas, dimensões contraditórias e temas sistematicamente ‘silenciados’”.

De outra parte, o olhar da pesquisadora, atraído por esses enfoques interpretativos, não inviabiliza outros pontos de vista, pois que o que se espera, segundo Lüdke ; André (2004), é que os observadores não sejam isentos, mas sim que haja concordância quanto às representações dos mesmos fatos, entretanto dispostos a outras conclusões aceitáveis. “O importante é manter uma atitude flexível e aberta, admitindo que outras interpretações podem ser sugeridas, discutidas e igualmente aceitas”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entender como se constitui o contato intergeracional, mediado pelas relações familiares acredito ter uma conotação de extrema importância, já que atualmente é cada vez maior o número de gerações coexistindo. Além disso, o número de pessoas idosas está cada vez mais expressivo em contextos nacionais e internacionais, associado ao fato de que em muitos arranjos familiares, os idosos estão co-residindo com gerações mais jovens. Tal cenário reflete as múltiplas alterações na estrutura e na forma das relações intrafamiliares ocorridas nas últimas décadas.

Essa perspectiva de estudo possibilita conhecer a relação da pessoa idosa com a família, com o neto e com a sociedade moderna, no que se refere às mudanças ocorridas e como essas pessoas agiram para continuar um papel significativo no contexto familiar e social.

Apesar de ser considerado inconciliável confrontar a adolescência com a velhice, nesse estudo vislumbro a possibilidade de romper com essa concepção, pois que o confronto com o diferente nem sempre é ameaçador, mas pode ser enriquecedor e benéfico para ambas as partes.

A análise das narrativas dos netos e dos avós, das categorias que emergiram das entrevistas e dos registros diários, bem como das observações realizadas, revelaram que o diálogo entre as diferenças, no caso uma distinção etária, oportuniza a ampliação da compreensão de cada grupo etário em relação ao outro. A partir do momento em que reconheço o outro como diferente, posso perceber meu inacabamento e o quanto o outro é significativo para minha mudança.

De uma parte os netos mostraram-se protagonistas de um processo de co-educação, porque estando abertos para a interação com os avós, desenvolveram uma maior compreensão dos seus valores e dos valores das pessoas mais velhas. Essa é a primeira condição, mostrar abertura para o diálogo, para o confronto ou a conciliação de idéias.

Ainda como condição para o encontro intergeracional, destaco a biografia dos netos e dos avós na etapa da vida em que eles se encontram. O momento de suas vidas propicia o encontro entre esses dois grupos etários, pois que os netos estão na fase escolar e os avós, em sua maioria, são ativos. Num estágio seguinte não seria viável o encontro intergeracional diário, porque posteriormente a pessoa mais velha vai ficar dependente, portanto não existe a reciprocidade. Ao passo que, também os adolescentes estarão mais atarefados com o encaminhamento de suas vidas, ou seja, além da ocupação com o estudo, presume-se seu engajamento no mundo do trabalho.

Outro aspecto importante para que haja uma troca de afeto e de conhecimentos entre as gerações mais jovens e as mais velhas, é a coexistência ou um convívio constante. Assim, percebi através do discurso dos netos, a preocupação e a importância de manter um contato e um convívio com os membros da família. Dessa forma, o contato diário ou semanal é condição para florescer e cristalizar-se a reciprocidade entre as gerações.

Cabe salientar que as situações estudadas são praticamente de avós muito próximos dos netos, na maioria vivendo em casa vizinhas e ou que se ocuparam muito da educação dos mesmos. Portanto, essa situação não é generalizável para todo o universo das relações entre avós e netos, mas representam um corte específico e não representativo para todas as relações intergeracionais brasileiras. A questão intergeracional é bastante complexa e existem muitas outras realidades evidenciando formas diferentes do convívio do idoso com os membros familiares.

Nesse processo de co-educação, pude perceber que dentre algumas das contribuições da geração mais nova é transmitir aos mais velhos os valores e conhecimentos do mundo atual. Como por exemplo, os avós aprendem a serem mais livres, a terem idéias mais modernas. Também modificam seu comportamento, suas atitudes e é através da relação com o neto, que os idosos tornam-se mais desinibidos e se permitem ousar mais.

Outro exemplo manifestado pelos avós enquanto contribuição do neto para sua mudança, penso que está na maneira de se relacionarem com as pessoas e

com os familiares. No discurso das avós foi possível perceber que elas aprenderam as serem menos rígidas, mais flexíveis, a terem mais paciência e serem mais amorosas; traduzindo-se, dessa forma, como uma nova atitude frente às relações familiares, humanas, enfim, frente ao mundo.

De outra parte, os avós em suas falas revelam a importância da relação com os netos e os filhos. Eles atribuem um significado positivo a essa convivência. Acredito que as relações que propiciam a manifestação das diferenças não entendidas mais como desigualdades, mas como riqueza única, são as mais satisfatórias.

Sabe-se que nem sempre o fato dos idosos viverem próximo aos filhos e netos é garantia de valorização e ausência de conflitos. Contudo observei que nessa realidade, as relações familiares e intergeracionais são sentidas como satisfatórias pelos avós entrevistados.

Dentre algumas das contribuições dos mais velhos aos mais jovens, pude atestar que está a educação para o envelhecimento. Nas narrativas dos netos aparece o velho como modelo a ser seguido. Os avós mostram aos netos, através de suas experiências e relatos como lidar com a velhice, e as diferentes formas de envelhecer. É possível identificar no grupo estudado, uma heterogeneidade em relação aos modos de vivenciar a velhice.

Assim, destaco a avó ativa e participativa dos Programas da Terceira Idade; a avó voltada para o lar e suas habilidades culinárias; o avô doente e necessitado de cuidados específicos; ou ainda o avô trabalhador. O neto, dessa forma, passa a seguir o modelo de vivenciar a velhice, dependendo do grau de sucesso e de satisfação em que o avô está vivenciando essa etapa de sua vida.

Ainda como aprendizado da geração mais velha a geração nova, destaca-se a transmissão dos valores éticos e costumes que formam nossas raízes. Assim, a co-educação mostra-se como fator positivo contra o preconceito etário. Também desestabiliza o estereótipo do velho como aquele que é depositário da experiência da cultura coletiva, mas que não tem nada para dizer, visto que seus conhecimentos são tidos como ultrapassados.

Não descarto a importância de se estudar o passado, a tradição para se entender o presente, na medida em que o presente passa a ser considerado como um (re) criar, um (re) aproximar-se dos saberes acumulados historicamente pela humanidade. Cabe, pois, aos mais velhos a fundamental função social de lembrar e reviver o passado.

Os avôs têm, portanto, esse papel imprescindível na vida dos netos e da família, pois funcionam como intermediários entre o passado, o presente e o futuro. As gerações novas podem oferecer, ao mesmo tempo, idéias de continuidade e de mudança que acabam se concentrando na figura da avó (ô), enquanto elemento intermediário entre dois momentos mais afastados da vida familiar: o passado, reelaborado nas lembranças de sua infância, o presente e o futuro personificados pelas gerações dos filhos e netos, e nos projetos e expectativas relativos a eles.

Outra contribuição das pessoas mais velhas aos mais jovens é a capacidade de dar importância às coisas que de fato são significativas, como estar em convívio com a família. Poder oferecer-lhes um almoço e conversar, revelam o cultivo e a valorização das coisas simples da vida.

Ficou ainda evidente como resultado desse trabalho, que o relacionamento intergeracional é um caminho para a preservação da cultura, compreendendo-se esta como a troca de significados e a preservação de símbolos, necessários à sobrevivência humana. Para tanto, destaco questões cruciais, como: a pertinência do respeito à sabedoria preservada dos idosos e a construção de seu diálogo com as novas gerações.

O processo de co-educação desses dois grupos etários beneficiou ambas as partes, no que se refere a uma maior compreensão dos valores pertencentes ao universo cultural do outro, implicando numa maior consciência crítica sobre si mesmo e sobre a sociedade.

Posso depreender que a ligação entre os jovens e os mais velhos, baseia-se em uma relação de troca entre dar e receber. O equilíbrio entre a geração mais velha, a intermediária e a mais jovem parece estar fundamentada nos

seguintes fatores: morar próximo ao filho e a nora e receber cuidado e atenção; auxiliar na criação e no cuidado dos netos; prestigiar os filhos e netos com as “delícias culinárias” nos almoços dominicais; compartilhar da companhia dos netos em eventos sociais e atividades domésticas e, acima de tudo a troca de afeto e carinho. Todas essas evidências atestam para uma reciprocidade, ou seja, para o cuidado e a ajuda mútua entre as gerações no âmbito familiar.

A contribuição desse estudo perpassa o tema de pesquisa, visto que a co-educação entre as gerações, enquanto prática educativa possibilita compreender os avós (velhos) não como pessoas acabadas, mas como sujeitos capazes, portanto, com vivências e opiniões individuais e com muito a ensinar.

Por outro lado, a influência das gerações mais jovens sobre as mais velhas também foi percebida nesse trabalho, evidenciando a reciprocidade entre as gerações. Os netos são importantes para os avós, pois o convívio desenvolve nestes uma maior flexibilidade em relação a novos valores e comportamentos.

Nessa mesma perspectiva, acredito que a minha cooperação para a educação gerontológica está, na medida em que, oportunizando aos idosos, através dos relatos de suas vidas e sua relação com os netos, que os mesmos olhassem com dignidade para “aquilo que foram”, numa tentativa de educá-los para a autovalorização.

Essas descobertas feitas, portanto, são de fundamental importância para o processo educativo, pois que podem ser aplicadas nos espaços formais de educação, como também em âmbitos macrosociais. É fundamentalmente nas escolas e nas universidades, na condição de instituições responsáveis pela educação com a vida e para a toda vida, que se abre uma possibilidade de também educar para o envelhecimento.

Nisso reside o grande desafio da prática empírica e pedagógica, em abrir caminhos para uma humanidade mais justa, tolerante, solidária e aberta ao diferente.

*“Não há transição que não implique um ponto de partida,
um processo e um ponto de chegada.
Todo amanhã se cria num ontem, através de um hoje.
De modo que o nosso futuro baseia-se no passado
e se corporifica no presente.
Temos de saber o que fomos e o que somos
para saber o que seremos”.*

(Freire, 1979)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERARSTURY, Arminda; KNOBEL, Mauricio. **Adolescência Normal**: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. 92p.

ALVES, Rubem. **Conversas Para Quem Gosta de Ensinar**. São Paulo: Cortez, 1984.

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1995.

ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

BARROS, Myriam M. Lins de. Envelhecimento, cultura e transformações sociais. In: PY, Ligia... [et al.] **Tempo de Envelhecer**: percursos e dimensões psicossociais. Rio de Janeiro: Nau, 2004, p.39-61.

BARROS, Myriam Lins de. **Autoridade & Afeto; Avós, Filhos e Netos na Família Brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987, 152p.

BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice**. Tradução de Maria H. F. Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990, 711p.

BECKER, Ângela Lângaro. **Adolescência e Instituições**: a mimeses como transmissão possível. 2002. 175p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: **Obras Escolhidas**. vol.I., 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar: ética do humano, Compaixão pela Terra**. São Paulo: Vozes, 1999.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3ª ed. São Paulo: Companhia da Letras, 1994, 484p.

BOTH, Agostinho. **Freire e Fiori: para um diálogo entre as gerações**. Coletâneas de PPGEDU, Porto alegre, vol. 1 n.1, p.64-75, jul./set. 1995.

BRANDÃO, C. R. O outro, esse difícil. In: BRANDÃO, C.R. **Identidade e Etnia**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

BURBULES, Nicholas C.; RICE, Susanne. Diálogo entre as Diferenças: continuando a conversação. In: TADEU, da Silva Tomaz (Org.) **Teoria Educacional Crítica em Tempos Pós-modernos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993, p.173-303.

CALLIGARIS, Contardo. **Adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CAMARANO, Ana Amélia. Família com Idosos: Ninhos Vazios? **Ipea**, Rio de Janeiro, n. 950, p. 1-24, abr. 2003.

_____. Jovens e Idosos Nordestinos: exemplos de trocas intergeracionais. **Ipea**, Rio de Janeiro, n. 1031, p.1-24, nov. 2005.

_____. Envelhecimento da População Brasileira: uma contribuição demográfica. In: FREITAS, Elisabete V.; PY, Ligia [et al.] **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan S.A., 2006, 2ed. p. 88-104.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 2000. 163p.

CUCHE, Denys. **A Noção de Cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: Edusc, 1999, 256p.

DEBERT, Guita Grin. Desbravando fronteiras e redefinindo padrões. **Tempo e Presença**. Rio de Janeiro, v. 14, n. 264, jul./ago. 1992, p. 13-16.

DIAS, Cristina Maria de Souza Britto. A importância dos avós no contexto familiar. In: **Psicologia: teoria e pesquisa**. Brasília, v.10, n.1, jan./abr.1994, p. 31-40.

ENCICLOPÉDIA Delta Larrouse. Rio de Janeiro: Delta, 1972.6v.

ENGELS, Friedrich. **El Origen de la Familia, de la Propiedad Privada e del Estado**. Buenos Aires: Claridad, 1964.

FONSECA, Cláudia. **Caminhos da Adoção**. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. **Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica e educação**. ANPED; Caxambu, 1998.

FALKE, Denise; WAGNER, Adriana. A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição de conceitos. In: WAGNER, Adriana (Coord.). **Como se Perpetua a Família? A transmissão dos modelos familiares**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005, p.25-46.

FERRIGNO, José Carlos. **Co-Educação entre Gerações**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, 233p.

_____. A identidade do jovem e a identidade do velho: questões contemporâneas. **Velhices: reflexões contemporâneas**. São Paulo SESC: PUC, 2006, p. 11-24.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 13.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GIDDENS, Anthony. **As Conseqüências da Modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

GIONGO, Ana Laura. Diga-me com quem tu andas... In: COSTA, Ana; BACKES, Carmem; RILHO, Valéria; OLIVEIRA, Luís F. L. (Orgs.) **Adolescência e Experiências de Borda**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004, p.89-101.

GOLDANI, Ana Maria. Relações intergeracionais e reconstrução do Estado de Bem-Estar. Por que se deve repensar essa relação para o Brasil? In: CAMARANO, Ana Amélia (org.). **Os Novos Idosos Brasileiros: muito além dos 60?** Rio de Janeiro: Ipea, 2004, p. 211-250.

GOLMANN, Sara Nigri. As dimensões sócio-políticas do envelhecimento. In: PY, Ligia... [et al.] **Tempo de Envelhecer: percursos e dimensões psicossociais**. Rio de Janeiro: Nau, 2004, p.61-83.

GOLDFARB, Delia Catullo, COSTA LOPES, Ruth Gelehrter. Avidade: a família e a transmissão psíquica entre gerações. In: FREITAS, Elisabete V.; PY, Ligia [et al.] **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro:Ed. Guanabara Koogan S.A., 2006, 2ed. p. 1374- 1381.

GRÜN, Mauro; COSTA, Marisa Vorraber. A aventura de retomar a conversação – hermenêutica e pesquisa social. In: COSTA, Marisa Vorraber.(Org.) **Caminhos Investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: PD&A, p. 85-104.

GUSMÃO, Neusa Mendes de (Org.). Infância e Velhice: desafios de multiculturalidade. In: GUSMÃO, Neusa Mendes de. **Infância e Velhice: pesquisa de idéias**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2003, p.15-32.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, 102p.

HARGREAVES, Handy. **O ensino na Sociedade do Conhecimento: educação na era da insegurança**. Trad. Roberto C. Costa, Porto Alegre: Artmed, 2004, 237p.

HERMANN, Nadja. **Hermenêutica e Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HOHENDORFF, Clara Maria Von. A influência da prática desportiva na passagem adolescente. In: COSTA, Ana; BACKES, Carmem; RILHO, Valéria;

OLIVEIRA, Luís F. L. (Orgs.) **Adolescência e Experiências de Borda**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004, p.263-273.

JESUS, Renildo n. Machado de; DOMINGUES, Sandra. Pesquisa em Educação. **Poiésis. Revista Científica em Educação**. Unisul, v.1/2, n.2/3, p.113-117, jul./jun. 1999/2000.

LABRIRE, Bernard. **Sucesso Escolar nos Meios Populares**. As razões do improvável. São Paulo: Ática, 1997.

LARROSA, Jorge. **Estudar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LEHR, Ursula. A revolução da longevidade: impacto na sociedade, na família e no indivíduo. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**. Porto Alegre, v.1, p.7-35, 1999.

LEITE, Iolanda Lourenço. **Gênero, Família e Representação Social da Velhice**. Londrina: Edeal, 2004, 229p.

LLORET, C. As outras idades ou as idades do outro. In: LARROSA, J. & ARA, n.p. DE (Orgs.). **Imagens do Outro**. Petrópolis: Vozes, p. 13-23.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P.U., 2004. 99p.

MAGRO, Viviane M. Mendonça de. Espelho em Negativo: a idade do outro e a idade etária. In: GUSMÃO, Neusa Mendes de. **Infância e Velhice: pesquisa de idéias**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2003, p. 33-46.

MAROCCO, Armando. Valores, Contravalores, Ausência de Valores. **Revista Unisinos**, São Leopoldo, v.8, n.14, p. 173-188, jan. 2004.

MEDEIROS, Suzana A. Rocha. O lugar do velho no contexto familiar. In: PY, Ligia... [et al.] **Tempo de Envelhecer**: percursos e dimensões psicossociais. Rio de Janeiro: Nau, 2004, p.185-200.

MOREIRA, Myriam L. Cardoso. Relacionamento entre gerações. In: MOUSINHO, M.; LEMOS, M. (Orgs.) **Rejuvenescer a Velhice**. 1996, p. 125-130.

MOTTA, Alda Britto. Visão Antropológica do Envelhecimento. In: FREITAS, Elisabete V.; PY, Ligia [et al.] **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro:Ed. Guanabara Koogan S.A., 2006, 2ed. p. 78-81.

MURARO, R. M. **A Mulher no Terceiro Milênio**: uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

NARVAZ, Martha; KOLLER, Sílvia Helena.A invenção da família. **Pensando Famílias**. Domus-Centro de Terapia de Casal e Família, Porto Alegre, v.1, n.1, p.121-135, nov. 2005.

NERI, Anita Liberalesso. Atitudes em relação à velhice: questões científicas e políticas. . In: FREITAS, Elisabete V.; PY, Ligia [et al.] **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro:Ed. Guanabara Koogan S.A., 2006, 2ed. p. 1316-1323.

OLIVEIRA, Paulo Salles. Caminhos de construção da pesquisa em Ciências Humanas. In: OLIVEIRA, Paulo Salles (Org.). **Metodologia das Ciências Humanas**. São Paulo: Editora Hucitec, 1998, p.17-26.

_____ **Vidas Compartilhadas: cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana**. São Paulo: Editora Hucitec, 1999. p.315.

ORLANDI, E.P. Identidade lingüística escolar. In: SIGNORINI, Inês (Org.) **Língua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas: Mercado de Letras, 2001, p. 203-212.

OUTEIRAL, José Ottoni. **Adolescer: estudos sobre adolescência**. Porto alegre: Artes Médicas, 1994, 75p.

OZELLA, Sergio. Adolescência: uma perspectiva crítica. In: CONTINI, Maria de L. J.; KOLLER, Sílvia H.; BARROS, Monalisa N. dos S. **Adolescência e Psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas**. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2002. p. 16-24.

PALMA, Lúcia S.; CACHIONI, Meire. Educação permanente: perspectiva para o trabalho educacional com o adulto maduro e com o idoso. In: FREITAS, Elizabete V. et al. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002, p.1101-1109.

PASUCH, Jaqueline. **A Escola das Crianças**. Tese de Doutorado – PPGDE/FACED, Porto Alegre, 2005, 203p

PRADO, Danda. **O que é a Família**. 12^a ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994, 92p.

PY, Ligia. Envelhecimento e subjetividade. In: PY, Ligia... [et al.] **Tempo de Envelhecer**: percursos e dimensões psicossociais. Rio de Janeiro: Nau, 2004, p.109-137.

_____. **Velhice nos Arredores da Morte**: a interdependência na relação entre idosos e seus familiares. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, 177p.

RAJAGOPALAN, K. O conceito de identidade em lingüística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, INÊS (Org.) **Língua(gem) e Identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado de Letras, 2001, p. 239-250.

REIS, J.R.T. Família, emoção e ideologia. In: S. Lane & W. Coco (Orgs), **Psicologia Social**: o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 99-124.

SANTOS, Sílvia M. Azevedo de. Infância e Velhice: o convívio que nos abre caminhos. In: GUSMÃO, Neusa Mendes de. **Infância e Velhice: pesquisa de idéias**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2003, p. 47-56.

SCHARFSTEIN, Eloísa Adler. A identidade na velhice mediada pela ação do discurso. In: FREITAS, Elisabete V.; PY, Ligia [et al.] **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro:Ed. Guanabara Koogan S.A., 2006, 2ed. p. 1289-1294.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2002. 335p.

VARELA, Julia; ALVAREZ-URIA, Fernando. A Maquinaria Escolar. **Revista Teoria e Educação**, Porto Alegre, n.6, p. 68-96, 1992.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, E. (Org.). **A Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987, p. 36-46.

XAVIER, Elódia. **Declínio do Patriarcado**: a família no imaginário feminino. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998, 125p.

APÊNDICES

Mestrado: Educação e Envelhecimento- UFRGS

Orientador: Prof. Dr. Johannes Doll

Mestranda: Cristiane Schmidt

QUESTIONÁRIO

Instituição: Escola Estadual de Ensino Médio Amadeo Rossi

Nível: Ensino Médio

Turmas: 212, 213

Nome: _____

1- Você conhece seus avós?

Sim

Não

2- Os seus avós vivem?

Não

Sim

Avô paterno

Avó paterna

Avô materno

Avó materna

3- Onde moram seus avós?

Em São Leopoldo

Numa outra cidade do RS

Num outro Estado brasileiro

No exterior

4- Qual é a idade dos seus avós?

Entre 40 a 49 anos

Entre 50 a 59 anos

Entre 60 a 69 anos

Entre 70 a 79 anos

Entre 80 a 89 anos

Acima de 90 anos

5- Você tem contato com seus avós?

Sim

Não

6- Com que frequência você tem contato com seus avós?

Diariamente Um contato semanal

Um contato por mês Duas a três vezes por mês

Uma a duas vezes por ano Nunca

7- Quais são os contatos com seus avós?

Conversa ao telefone Encontro

Passeio Correspondência

Outros

ROTEIRO – ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA com AVÓS

- 1- Dados pessoais: nome, idade, estado civil, nível de escolaridade, religião, etnia, arranjo familiar, situação funcional.
- 2- Quantidade de netos, gênero e idade dos netos, residência dos netos.
- 3- Encontros com netos: frequência, atividades em conjunto (passeios, jogos...).
Diálogos: temas (escola, vida, namoros...).
- 4- Juventude: parecer sobre tempo atual e o tempo da avó
- 5- Significado do neto para a vida do avô.
- 6- Conflitos, divergências: causas, explicações.
- 7- Mudança comportamental ou maneira de pensar em decorrência da relação intergeracional.
- 8- Valores do avô, valores do neto.
- 9- Espiritualidade: significado da religião para o avô e neto.
- 10- Aconselhamentos? Quais?
- 11- Parecer sobre a adolescência.
- 12- Aprendizado e ensinamento entre gerações.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAGED
MESTRADO: EDUCAÇÃO E ENVELHECIMENTO
MESTRANDA: CRISTIANE SCHMIDT
ORIENTADOR: PROF. DR. JOHANNES DOLL

TERMO DE CONSENTIMENTO

Atesto para os devidos fins o livre consentimento na participação da pesquisa sobre as relações intergeracionais. Os objetivos principais dessa pesquisa são estudar como se processa uma relação entre avós e netos e analisar o processo de co-educação entre gerações.

Os procedimentos na investigação consistem nos registros de diários e nas entrevistas.

Está claro que disponho da liberdade de recusar a participar da pesquisa, como também a garantia do sigilo que assegure a minha privacidade.

Nome do participante:.....

Nome do responsável:.....